UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

LINHA DE PESQUISA: RELAÇÕES DE PODER, SOCIEDADE E AMBIENTE.

Nação, escrita e América Latina: Manoel Bomfim

JERFERSON JOYLY DOS SANTOS MEDEIROS

RECIFE

2015

JERFERSON JOYLY DOS SANTOS MEDEIROS

Nação, escrita e América Latina: Manoel Bomfim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa

RECIFE

2015

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

M488n Medeiros, Jerferson Joyly dos Santos.
Nação, escrita e América Latina : Manoel Bomfim / Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. – Recife: O autor, 2015.
100 f. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Maria do Socorro Ferraz Barbosa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em História, 2015.
Inclui referências.

1. Brasil - História. 2. Bomfim, Manoel, 1868-1932. 3. América Latina. 4. Historiografia. 5. Escrita. I. Barbosa, Maria do Socorro Ferraz (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2015-123)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JERFERSON JOYLY DOS SANTOS MEDEIROS

Nação, escrita e América Latina: Manoel Bomfim

Dissertação apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre** em **História**.

Aprovada em: **26/08/2015**

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria do Socorro Ferraz Barbosa
Orientadora (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira
Membro Titular Externo (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA, NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.

AGRADECIMENTOS

São tantos os agradecimentos que não caberia nessas poucas páginas, mas um agradecimento especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida durante dois anos de pesquisa, o que me possibilitou a dedicação exclusiva à elaboração dessa dissertação, como também, ao Programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal do Pernambuco (PPGH – UFPE), sobretudo aos amigos e professores, pelos debates levantados durante a disciplina em que pude aprofundar alguns conceitos, aprender outros e sorrir para história de maneira mais leve.

Aos professores integrantes da banca examinadora por disporem do seu tempo para leitura e discussão deste trabalho. Agradeço ainda, a professora Rebeca Gontijo pelas preciosas críticas e sugestões na montagem do projeto e no desenvolvimento da dissertação.

Um agradecimento em especial a minha orientadora, professora Socorro Ferraz pela orientação, dedicação e paciência.

À Saionara Leandro, fica todo meu respeito e admiração. Foi por intermédio de sua insistência, e batalha árdua que me inscrevi no processo seletivo. Aquela conversa na sua casa, uma cadeira quebrada e uma xícara de café podem mudar consideravelmente a vida de uma pessoa. E você mudou a minha. Suas palavras me permearam de uma maneira que fiquei estarrecido e ganhei o mundo depois disso: “Vai, Jerferson. A UFPE vai abrir suas portas. O mundo é vasto e você precisa experimentar...”. Eu gostei da experiência e hoje vejo o quanto cresci com isso.

Letícia, Laura da Hora, Raissa Oreste e Rodrigo o que seria da minha vida mestranda sem vocês? O que seria das boas e velhas aulas sem reclamações, raivas e muita coisa pra debater e estudar? Cada um seguindo seguimentos diversos, cada um tentando da maneira mais simples entender seu objeto de estudo. Quantas vezes fiz e refiz meu projeto e vocês dando força e dizendo os caminhos mais fáceis. E quanta preocupação, seu Rodrigo? Estudar com militantes sociais foi à maior experiência que um mero aspirante a historiador por ter. É fascinante.

Aos amigos de infância, adolescência e vida, Almeida Júnior, Morgana Medeiros e Tuana Medeiros agradeço a torcida e a credibilidade. Estamos unidos por elo que nem sabemos ao certo. Nossas vidas foram por caminhos diferentes e sinto falta

do companheirismo diário, mas sei que posso contar com cada um. Torço que tudo caminhe da melhor maneira possível pra vocês.

À Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Antônio Coelho Dantas, na figura de Sandra Medeiros e Tereza Medeiros, fica meu amor, gratidão e meu respeito. Obrigado pela disponibilidade de troca de carga horária, por sustentar todas as aulas perdidas, por compreender a vida de um mestrando que dormia em Nova Palmeira e acordava em Recife. Sou grato por tudo que aprendi nessa instituição e por fazer parte de uma família fantástica.

À Priscila Dantas pelo incentivo e apoio de sempre, nossas histórias foram traçadas no oráculo de delfos. Nosso campo historiográfico vai além do estudo do presente, das ideias históricas de Foucault, Chartier, Certeau e toda essa demanada das representações, discursos e operações. "As lutas das mulheres" está muito bem representada e fico feliz em ver sua evolução, seu esforço e amor por tudo isso. Precisamos de pessoas assim.

À Doralina Neta, Akidauana Brito, Jessica Lima, Dani Brandão e Paula Minelle obrigado por acreditar, por segurar a barra alguns momentos e fazer meus dias mais brancos e suaves. Akids, não poderia de deixar de reforçar minha gratidão pelas ligações sem fim, e sua paciência em escutar minhas amarguras e loucuras academicistas. E à Dona Edite, à vaca e Totobby meu eterno amor.

Leandro Maia, não tem palavras que possa agradecer as inúmeras caronas, paciências com os enormes textos e a conversas intermináveis. 2013 foi um ano de inúmeras descobertas, de vários achados. E você lá dando o apoio de sempre. Obrigado, amigo/irmão. Recife não teria sido a mesma coisa sem sua presença. Disse-te uma vez: "Nossos destinos não foram intercalados em vão..."

Ailma, o que teria sido da minha vida pernambucana sem você? Lembro da empolgação e dos seus olhos brilhando e eu deslumbrando com tanta informação. Dois anos de convivência que levarei por toda minha vida. Não tenho palavra pra descrever meu sentimento de gratidão por tudo, por tudo mesmo: Almoço, jantares, saudades, conversas e uma infinidade de coisas boas.

Aos meus familiares, em especial à Tete Bezerra, Ekissia Vanessa, Manailma de Fátima, Ayrla Santos e Laysa Santos. Amo vocês.

À minha mãe, Rubênia Santos. Foi você que me ensinou a gostar de leitura, de amar o simples e sempre ter um porto seguro quando precisar voltar. Você não só ensinou valores, ensinou a viver num mundo cão com a simplicidade de um belo

sorriso. Com você tenho a certeza que vale à pena viver aos poucos e que sonhos são possíveis. Te amo, te amo, te amo.

RESUMO

A presente dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi resultado de uma pesquisa sobre o pensamento histórico no âmbito cultural, na obra **América Latina- Males de origem de Manoel Bomfim**. Esta obra trouxe como inovação a quebra do estereótipo sobre as relações da sociedade no final do século XIX e início do XX. Relacionado à linha de pesquisa: Relações de Poder, Sociedade e Ambiente, objetivamos contribuir para o estudo mais aprofundado sobre a historiografia da transição imperial-republicana e de que maneira Bomfim foi um agente impulsionador para se repensar o contexto. Intitulado: "***Nação, escrita e América Latina: Manoel Bomfim"*** tem-se como objetivo principal compreender, por meio dos elementos presentes na obra América Latina como a escrita de Bomfim serviu de divisor de uma historiografia dominante. Nossa metodologia é pautada nos conceitos de Representação de Roger Chatier e de Quebra de paradigma de Thomas Kuhn e nosso método de procedimento vai ao encontro do método indiciário de Carlos Ginzburg. No Brasil temos uma grande discussão sobre o fazer historiográfico, onde se julga a inexistência do preconceito científico/histórico; nosso estudo tentará abordar como essa discussão se encontra entre o fim do século XIX e início do XX.

Palavras-Chave: Manoel Bomfim. América Latina. Escrita e Nação.

ABSTRACT

This thesis presented to the Post-graduate of the Federal University of Pernambuco program (UFPE) was the result of a survey of historical thinking in the cultural sphere, in **América Latina - Males de origem de Manoel Bomfim**. This work brought innovation as breaking the stereotype about relations of society in the late XIX century and XX centuries. Related line of research: Power Relations, Society and Environment, aimed to contribute to the further study on the historiography of imperial-republican transition and that way Bomfim was a booster agent to rethink the context. Titled: ***"Nation, writing and Latin America: Manoel Bomfim"*** has as main objective to understand, by means of the elements present in Latin America work like writing Bomfim served as a divisor of a dominant historiography. Our methodology is based on the representation of concepts and Roger Chatier Break Thomas Kuhn's paradigm and our procedure method meets the evidentiary method Carlos Ginzburg. In Brazil we have a great discussion about doing historiography, where it is thought the lack of scientific/historical prejudice; Our study attempts to address how this discussion is between the late XIX and XX centuries.

Keywords: Manoel Bomfim; Latin America; Writing and Nation

“A Pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.”

Olavo Bilac

Sumário

Introdução 12

Capítulo 1: Manoel José Bomfim

1.1 O médico 20
1.2 O Educador 28
1.3 O sociólogo e transformador social 33
1.5 Suas obras 43

Capitulo 2: A América Latina – Males de Origem

2.1 O contexto das teorias da transição do século XIX para o XX e a publicação do livro A América Latina- Males de Origem 47
2.1.1 Evolucionismo(s): Darwinismo Social e as teorias raciais 48
2.1.2 As ideias refletiram nos Brasis: Positivismo(s), evolucionismo(s), Darwinismo social e teorias raciais 54
2.2 A intelectualidade à brasileira 56
2.2.1 "E quem são esses intelectuais?": as ideias excludentes e sua projeção no Brasil 58
2.3 A publicação do Livro: A América Latina – Males de Origem 63
2.3.1 A repercussão da obra 68

Capitulo 3: A escrita de Bomfim e a historiografia

3.1 O IHGB e as reflexões do "novo Brasil" 73
3.2 História, tradição e consciência nacional e o desenrolar da formação da nação 75
3.2.1 A América Latina – Estudo de Parasitismo Social 77
3.2.2 Parasitismo e Degeneração 78
3.2.3 As Nações Colonizadoras da América do Sul 80
3.2.4 Efeitos do Parasitismo sobre as novas sociedades 82
3.2.5 As novas sociedades 85

Considerações finais 88

Referências 91

Introdução

Esquecer |è...ê|: *v. tr.* 1. Fazer com que (alguma coisa) saia da lembrança (própria ou alheia). 2. Pôr em esquecimento; desprezar; omitir. *v. intr.* 3. Sair da memória. 4. Não se lembrar. 5. Deixar (alguma coisa por esquecimento ou descuido em alguma parte). 6. Perder a sensibilidade. *v. pron.* 7. Não se lembrar. 8. Perder a lembrança. 9. Ter (algum sentido) enlevado. 10. Obrar de modo pouco em harmonia (com a sua pessoa ou dignidade). O dicionário parece definir suas obras e a configuração de um ser *'a – histórico*'. Manoel Bomfim, um ser mesclado de signos alheios a um poço deslumbrado de esquecimento, um revoltado perdido em meio a escritas deixadas no silêncio, um discursador indo contra a maré da historiografia dominante, herói disfarçado nas entrelinhas dos seus pensamentos, militante sem sair da cadeira, ou como costumam chamá-lo, "O rebelde esquecido"[1]. E assim se configurou na passagem do século XIX ao XX.

Bomfim nasceu em Aracaju, no dia 8 de agosto de 1868 na então província do Sergipe. Filho de uma família de comerciantes abastados, dona de engenho de açúcar, viu de perto a transitoriedade do império à republica, vivendo 32 anos de sua vida em cada período. Aos 12 anos foi trabalhar no engenho de sua família, transferindo-se cinco anos depois para a Bahia, onde iniciou os estudos em Medicina, concluindo na cidade do Rio de Janeiro em 1890, período de grade efervescência da "*Nova República brasileira"*. Nos anos posteriores foi nomeado médico da secretaria da polícia e tenente cirurgião da brigada policial. Decepciona-se com medicina, ao ponto de largá-la aos 26 anos de idade e começar tudo do zero.

A educação foi seu ponto de fuga, um redescobrir para dar sentindo a vida. Além de médico, passou a ser cientista social, jornalista, professor, diretor da Instrução Pública, Secretário de Educação do Rio de Janeiro e deputado federal. Bomfim não foi um sociólogo refratário de idolatria, nem homem de repetir meia hombridade. Na sua interpretação, via nos educadores a consciência capaz de adaptar ensino da infância e da juventude, e dessa forma redefinir o país.

Suas obras estão totalmente ligadas à sua vida. Foi escritor que não ousou escrever sobre o seu íntimo, não quis traçar uma escrita de si, nem muito mesmo mostrar tanta dor e angústia que o assolava diante da precária vida de médico higienista.

[1] Titulo conferido por Ronaldo Conde Aguiar no livro *Manoel Bomfim: O rebelde esquecido*.

Em 1926, ao descobrir que teria pouco tempo de vida, começou a esquematizar uma análise sociológica do Brasil, empenhando-se em criticar os historiadores e políticos brasileiros pela deturpação da história nacional e pela contribuição da deterioração do país. Tentou ir além, comungando com alguns aspectos na construção da criação de uma nacionalidade tipicamente brasileira, desenvolvendo uma reflexão sobre a nação.

Manoel Bomfim, objeto de estudo dessa dissertação, tentou traçar um esquema das origens dos nossos problemas sociais quando comparando ao "mundo civilizado", como também, buscou entender a origem da nossa nacionalidade para justificar os atrasos e os males contidos dentro da sociedade brasileira e como deveria ser feito para incorporá-la às comunidades das nações desenvolvidas.

Na tentativa pela definição do ser brasileiro, Manoel Bomfim escreveu uma extensa crítica à historiografia nacional. Condenando grande parcela dos historiadores por deturpar a história nacional e contribuir para a "degradação" das mazelas e atrasos estalados no campo científico, exaltou outros historiadores que seriam formuladores de uma "verdadeira história nacional". Percebemos que Bomfim em todas suas obras estava preocupado em resgatar as qualidades e características próprias da nação brasileira, que tinham sido esquecidas pela historiografia.

Essa presente dissertação apresentada ao Programa de pós graduação em história da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) foi resultado de uma longa pesquisa sobre como ampliar a reflexão das relações da sociedade com a quebra do estereótipo introduzido no Brasil acerca do pensar histórico no âmbito cultural na obra **América Latina – Males de Origem de Manoel Bomfim**. Relacionada à linha de pesquisa: Relações de Pode, sociedade e ambiente, visamos à possibilidade de contribuição para um estudo mais aprofundado sobre a historiografia de transição imperial/republicana e de que maneira Bomfim foi um agente impulsionador para se repensar o contexto. Intitulado: **"*Nação, escrita e América Latina: Manoel Bomfim*"**, traçamos metas e objetivos para concretizar nossas ideias e desmistificar as concepções vigentes sobre a temática.

Na busca para o entendimento das ações, tentaremos interpretar e problematizar o livro: América Latina – Males de Origem (1905)[2] no qual coloca o autor no ápice das

[2] *"América Latina Males de Origem"* desmascaram teóricos e "publicistas" europeus que, apoiados no cientificismo naturalista e no evolucionismo, chamavam os povos latino-americanos de "inferiores", entregues, segundo diziam, ao mais puro "barbarismo estéril". Bomfim questionou o chamado "racismo científico". Os "males de origem" não vinham dos povos latino-americanos, mas do "parasitismo colonial" e do projeto tacanho das classes

suas idéias. O contexto apresentado demonstra como a América Latina estava relacionada em sua política modernizadora em relações do passado, advindas de relações parasíticas em preconceitos apresentados sobre diversas formas de justificação cientifica, que naturalizados como verdade, permearam a falta de políticas públicas e abrangeram a origem da discriminação racial e étnica das populações advindas do regime escravista.

Manoel Bomfim em "America Latina: Males de Origem" criou a partir da noção de parasitismo, uma "teoria biológica da mais valia", segundo a qual as elites locais, as metrópoles coloniais e as potências imperialistas seriam parasitas das classes trabalhadoras, tomando para si as riquezas que estas produziam. Será que tal ideia não serviu de suporte para outras concepções vigentes? Qual foi o critério utilizado para separar as ideias produzidas no passado em consonância com o presente? Até que ponto Bomfim quis ser um visionário ou transpôs a própria realidade? Questionamentos que tentamos responder ao longo da dissertação.

Encontramos aqui o entendimento da nossa dissertação: em um momento inicial, propomo-nos a problematizar, se é possível historicizar a temporalidade em que Bomfim foi silenciado e de que modo seu trabalho foi de encontro a um discurso descomprometido das teorias vigentes. Tentando entender quais discursos Manoel Bomfim usurpou para conceber suas palavras e reivindicar o seu lugar de poder. Em um segundo momento, questionaremos se houve uma quebra de paradigmas e como o processo de organização e institucionalização das disciplinas levaram-no a construir uma cientificidade ditada pelas ciências naturais.

Sendo assim, a presente dissertação possui como problemática central a escrita da história no período de transição do século XIX para XX, tendo como objetivo principal compreender, por meio dos elementos presentes na obra América Latina – Males de Origem de Manoel Bomfim, como sua escrita serviu de quebra de paradigma para uma historiografia dominante a partir dos conhecimentos vivenciados pelo contexto social devidamente apresentado na realidade em que este se inseria.

Para tanto, buscou-se avaliar no livro "America Latina: Males de Origem", tramas de representatividade produzidas sobre sentido de parasitismo a fim de mostrar como a eugenia científica estava analisando a formação da nação brasileira.

---

dirigentes locais, que organizaram no continente uma sociedade em proveito próprio, distanciada da "raia miúda".

Foi necessário ao longo da dissertação discutir a relação dos elementos que justificassem a quebra como o modelo eurocêntrico de classificação, pelo contexto da formação das sociedades Latino- americanas e do período de transição do século XIX para XX. Como também, demarcar e listar a operacionalização em que o livro "America Latina: Males de Origem" foi produzido entendendo a critica cobiçosa a historiografia brasileira como um reduto satisfatório de vontades dos dominantes e que houve uma grande comunhão dos historiadores em aceitar e propagar tais ideias vindas da Europa.

Sentamos nossa preocupação também em produzir um enfrentamento entre as terminologias empregadas na obra aqui analisada, como forma de recusa das ideias que os historiadores propagavam na época. Sendo levado para interrogar os caminhos do esquecimento e da não aceitabilidade em que o livro "America Latina: Males de Origem" foi relegado.

A dissertação está organizada em três capítulos, o primeiro - *Manoel José Bomfim* - busca traçar, por meio dos textos selecionados, a vida do médico sergipano e os elementos que compõem seu contexto social. Observando quais metodologias, fontes e temáticas, Bomfim abordou nos seus livros, tentamos compreender quais teorias ele comungava e rebatia

Foi feito por intermédio de biografias um estudo mais aprofundado da vida do autor aqui em questão. O primeiro capítulo é uma pequena história de vida para tentarmos compreender o lugar social, o seu lugar de escrita e o porquê dos desdobramentos das críticas atribuídas as suas obras.

Esta pesquisa partiu na contra – corrente, mostramos acontecimentos em um cunho transitório de temporalidade. Nossa posposta foi adentrar nas palavras esquecidas, usurpadas, mal-interpretadas, tentando traçando um caminho na desconstrução do efeito-causa dos escritos, partindo da meia – vida já intencionalizada de um transformador social na efervescência de seus atos. Quebramos o tempo em uma linearidade dos seus escritos, em busca de uma aproximação de seu próprio entendimento, numa forma ousada e descontínua.

Buscamos ainda, interpretar, por meio de revisão historiográfica empreendida por Bomfim, qual era seu modelo de sociedade e ciência. Pretendemos compreender, também, a sua formação e a influência dela na sua escrita. Realizamos uma prévia seleção da fonte para o desenvolvimento da pesquisa, que constitui a escolha da obra do referido autor e suas biografias, escrita por Ronaldo Conde Aguiar (2000) e Roberto Ventura (2001), José Carlos Reis (2006) e Rebeca Gontijo (2010) possibilitando a

coleta de informações necessárias para a análise. O critério para a opção recaiu sobre aqueles textos que contemplavam, de maneira mais explícita possível, o objeto da pesquisa.

O segundo capítulo - *A América Latina – Males de Origem* - , nos propomos a problematizar e historicizar a temporalidade em que Bomfim foi silenciado. Observamos quais correstes e ideias vigoravam no mundo e seus reflexos no Brasil, indo da perspectiva positivista Comtiniana até as teorias raciológicas, bem presentes nos estudo brasileiros.

Quais discursos Manoel Bomfim usurpou para conceber suas palavras e reivindicar o seu lugar de poder? Como o processo de organização e institucionalização das disciplinas o levou a construir uma cientificidade ditada pelas ciências naturais? Qual importância do pensamento sócio histórico de Manoel Bomfim para historiografia? Seu silenciamento seria devido às criticas aos historiadores e os políticos, que segundo ele teriam desnaturalizado a historia nacional? É possível identificar sua escrita em consonância com pensadores de sua época? Até que ponto, sua produção está contida de critérios controláveis por uma historiografia dominante? Estaria preocupado com uma reflexão sobre como explanar um Brasil esquecido? Esses questionamentos forma o cerne para o desenvolvimento desse capítulo, onde desenvolvemos tais respostas e encaixamos a construção social em que ele se inseria na escrita do livro, *A América Latina – Males de Origem.*

Nesse capítulo, revelamos os diferentes projetos existentes e as teorias que permeavam o Brasil e o mundo. Tentando compreender qual o passado que o autor estava e como sua escrita tipificou a representação dele. Ansiamos demonstrar o esquecimento, os cortes de uma escrita deixada nas *prateleiras frias* que, no presente momento, precisam de uma reformulação, pois essas idéias foram pouquíssimo ou nada expostas por produções de cunho acadêmico, fazendo necessário no campo historiográfico o re(surgimento) do estudo da ciência com novos olhares. E na tentativa de deixar a inalterabilidade historiográfica ser recolocada, daremos voz, mais uma vez, ao indivíduo, entendendo sua escrita e a continuidade ao descobrimento de novos estudos.

O terceiro - *A escrita de Bomfim e a historiografia* - traçamos o objetivo principal do trabalho aqui exposto, apresentando a parcialidade de suas obras em todo o contexto social, tentamos mostrar a causa do fato de ele ter sido silenciado e de que maneira o

livro: América Latina – Males de origem foi um exemplo de modelagem de uma nova forma de escrita e observação do meio social existente. E é delineado por tais escritos esquecidos e por toda uma manifestação ideológica/utópica que nossos passos irão de encontro ao "pequeno" para sua época, em tentativas ilusórias de combate ao "grande".

Nesse capítulo contrapomos uma visão de mundo excludente, para a partir de então, percebermos a quebra de paradigmas em sua escrita enquanto tentativa de explicação de um Brasil que constrói sua nação, problema este de preocupação central integrante à intelectualidade brasileira na geração de 1870.

O ousar dessa dissertação é tentar mostrar como uma escrita dissonante tipifica a forma de pensar em determinado momento, expressando um discurso dominante legitimador de interesses colonialistas europeus na América Latina e de que forma Bomfim combateu e diligenciou explorar isso nos seus escritos. Ao re(fazer) uma re(leitura) de certos elementos do projeto de modernidade compreendeu a natureza dessas mudanças em que a América Latina estava. Bomfim percebeu a predominância das tendências biológicas e raciológicas no tratamento da ideia de nacionalidade brasileira nos escritos de eminência em sua temporalidade e combateu isso mostrando que soluções para o futuro da nação. Manoel Bomfim tinha certeza das aplicabilidades de suas teorias em contraposição à cortina estética de produção acadêmica na efervescência da *Nova Republica*, mas foi voz vencida.

Ao problematizar uma historiografia em transição, estamos indo ao encontro de um contexto histórico, pensado uniformemente como se a "produção teórica" fosse algo em comum a todos os cientistas. Desse modo, historicizar a quebra de paradigmas historiográficos na escrita de Manoel Bomfim, se faz necessário na medida em que não existia uma teoria padrão numa determinada época, mas várias teorias interligadas ao combate dos tempos. Para tanto, nossa proposta é uma história fragmenta, repartida em representações, contextos, vivências e quebras, sem ser algo puro, em contradições materiais, tentando incluir *o outro* dentro de uma historiografia elitista, branca e discriminatória.

Demonstramos a força da teoria e de que maneira ela se ajustou aos meandros da nossa dissertação. Utilizamos Roger Chartier, no tocante as representações, essas que são entendidas como uma realidade produzida pela subjetividade dos indivíduos, sendo as relações sociais possuidoras de materialidade tão concreta quanto os dados materiais, físicos, corporais, percebidos no imediatismo da experiência sensível. E assim, é sobre uma realidade vivida em transição que propomos inspecionar uma historicidade

preocupada com as concepções de uma escrita dissonante às modelagens de uma descontinuidade na quebra de um paradigma em emergência de uma historiografia ligada ao modelo francês e reprodutor de verdades absolutas.

Ao abordar quebras de paradigmas fugiremos do campo historiográfico francês e englobaremos um saber histórico voltado para as concepções de uma historiografia estadunidense. Ao lançar seu livro em 1962, The structure of scientific revolutions – A estrutura das revoluções científicas, Thomas Kuhn, inaugura dentro do campo cientifico três pressupostos básicos para entendimento de sua visão de mundo: ciência normal, paradigma e revolução científica. Descreve-se o paradigma como uma realização científica que torna-se modelo para as demais pesquisas daquela área; a ciência normal, como o período em que tal paradigma permanece vigente na ciência e no qual são realizados estudos para aperfeiçoamento desse paradigma.

Após o enunciado os dois conceitos, passamos a designar o método de procedimento para se chegar ao objetivo determinado, que dada às características da pesquisa, obedecem ao método indiciário. Segundo Ginzburg (1989, p.144), desde a segunda metade do século XIX estava posto um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. O método era utilizado na perícia de obras de arte, com intuito de diferenciar as legítimas das falsas, investigando aspectos aparentemente irrelevantes de um quadro, e menos influenciados pelas características da escola a que o autor pertencia.

Assim, esperamos que o presente estudo possa configurar uma época importante da sociedade brasileira, à virada de um século a outro, por ser considerada a gênese do capitalismo que tardiamente em relação aos países europeus, se constituía trazendo mudanças nas formas de pensar e agir das pessoas, como também a necessidade de repensar as representações sobre a historiografia e as relações sociais das classes marginalizadas, bem como, as condições culturais de exclusão impostas que tiveram as obras do citado autor num tema presente.

Com a exposição de motivos pautados, afirmamos que nossas intenções em realizar um trabalho sobre **- *Nação, escrita e América Latina: Manoel Bomfim*** - se dão pelo fato de que podemos contribuir para ampliar a reflexão sobre as relações da sociedade com a quebra do estereótipo introduzido no Brasil acerca do pensar histórico, como também desmistificar o modo de se pensar a história unicamente pele vertente de introdução a uma *história factual*. No Brasil temos uma grande discussão sobre o fazer historiográfico, onde se julga a inexistência do preconceito cientifico/histórico, nosso

estudo tentará abordar como essa discussão se encontra entre o fim do século XIX e início do século XX, na obra desse autor.

Capítulo 1: Manoel José Bomfim

"Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos..."
(Velhas Árvores – Olavo Bilac)

1.1 O Médico

Manoel José Bomfim nasceu em 1868. Sergipano, era filho de um Nordestino. Mameluco e dono de um espírito voltado para o comércio, foi voz dissonante na demanda do comercio da sua região,competindo com os brancos das elites tradicionais e estrangeiros, dando seu grito de independência montando um domínio de engenhos, lojas, imóveis e frotas de saveiros. Tamanha grandeza lhe possibilitou explorar um nordeste diferente, não reproduzindo a ordem rural vigente à sua época. Bomfim, assim foi um "felizardo", que conheceu um Brasil novo[3], moderno, em plena efervescência de oligarquias de sua região. Teve a sorte de adentrar em um mundo diferente das secas dominantes e escrever nas urbes nascentes toda sua visão de mundo para o futuro do possível "Brasil progresso". O lema "passado – futuro" é uma constante em sua trajetória. Ao mesmo tempo em que colocava seus pés dentro das cidades, sua raiz lhe puxava para o engenho. Viu de perto essas ideias se mesclarem. Deixou claro na grande maioria das suas obras o dilema de uma nação que tinha sido moldada por costumes europeus. O seu pai ao abrir o caminho para cidade rompeu as barreiras do Nordeste tradicional.

[3] A república simbolizava a modernidade, as pessoas criavam em seus berços uma batalha simbólica das verdades escancaradas, dos ideários a serem desenvolvidos e dos novos conceitos criados. Na procura de uma alternativa para o status colonial, todas as regiões visavam a ideia de república por simples fato de oposição ao governo. A mudança começou a ser corporificada após a publicação do Manifesto Republicano em 1870. A República [proclamada em 15.11.1889] vista pelos republicanos, que estes, lembrando as revoluções e pronunciamentos que, desde a inconfidência, tiveram por alvo instalar um regime republicano no Brasil, afirmaram que a República sempre foi uma aspiração nacional (COSTA, 1977, p. 244). Todas as representações observadas no âmbito econômico, social e político foram descendentes diretos do manifesto, ao mesmo tempo em que se mantinham distintos dos profundos ideários. Cada região utilizou dos movimentos para se abrir a nova aventura que seria a república.

Bomfim sempre deixou claro que grande parte de sua infância e adolescência influenciou na sua formação humana, sobretudo na maneira de analisar o quadro político e social de sua época. A conjuntura crítica-econômica canavieira e o perplexo estado de escravidão foram traços marcantes e presenciados de perto; as engrenagens do engenheiro, como, os manejos da casa grande, foram passados de Pai para o filho. Estruturas que Bomfim fez questão de elucidar. Foi nessas fases que ele sentiu o choque da mescla cultural que o Brasil estava vivendo e expressou isso em seus escritos. Mas a radicalização sempre foi uma constante na sua vida. Pois as inquietudes assolavam-no. Queria e ousou ser Médico.

A decisão não foi bem vista, seus pais não aceitaram de bom grado a ideia de o filho sair da administração dos negócios da família, e ir em busca de outros horizontes deixava o medo transpor sobre de como seria seu futuro.

Paulino José e Maria Joaquina ficaram chocados e surpresos com tamanha certeza e irredutibilidade quanto à realização dos planos que Bomfim traçou e assim, seguindo os passos do próprio pai, sobre buscar o próprio destino, não mudou de ideia. Depois de muitas discussões, reclamações e queixas, seus genitores cederam e financiaram-lhe um sonho. Bomfim, ao se transferir para Salvador, com uma mesada bem favorecida, foi o único da família a fazer um curso superior e, ao contrário do desejo do velho pai, nunca o substituiu em seus negócios. Em 1885 volta à Aracaju para organizar os preparatórios do curso de medicina.

De estatura baixa, sempre muito bem engomado, vaidoso, em seu rosto o traço do seu futuro: o característico bigode era algo marcante. Bomfim sempre tinha a preocupação de mostrar-se de maneira íntegra, uma artimanha para atrair atenção das pessoas mais próximas e uma forma de se impor por causa da idade. Não era um exibicionista, não era do feitio da família.

Para sua idade tinha uma carga de leitura privilegiada, tanto no sentido etário (era muito jovem), tanto no sentido social (os padrões culturais da época não dispunham de uma grande quantidade de livros). Embora seu pai fosse totalmente analfabeto, comprava-lhe jornais da capital para folhear, assim, o jovem rapaz os liam e construía seus próprios artigos que eram defendidos para sua grande platéia: irmão, escravos e agregados. Na grande maioria não entendiam nada, mas para Bomfim isso não tinha a menor importância. O otimismo e a obstinação eram características marcadas em sua personalidade. Ao decidir pela medicina e abandonar tudo que o pai construiu, mostrou

a sua capacidade de ir além, não se delimitando em querer os bens conseguidos pelo seu pai.

Com o retrocesso político no plano da reforma educacional[4], Manoel Bomfim viu um grande salto para a sua entrada no curso de medicina, pois os exames preparatórios foi seu ponto de acesso, tendo em vista que esta era a única maneira que os filhos das oligarquias tinham para ingressar em estudos superiores.

Em 1886 Bomfim chegou à Bahia juntamente com o pai. Deslumbrado com tanta beleza e novidades, se encantou com a modernidade ali escancarada, grande movimento de pessoas nas ruas, carruagens exuberantes, oficinas, lojas e armazéns. Seus pensamentos voltados para o desconhecido o instigava e, ao mesmo tempo, o convidava para o novo (os estudos, a faculdade de medicina), e a perspectiva da realização do seu sonho. No mesmo ano conheceu uma pessoa de quem se tornou um dos seus melhores amigos, Alcindo Guanabara. Depois de atender a todos os pré-requisitos para matrícula, o rapaz faz um teste, no qual em poucos minutos fora aprovado passando a ser o mais novo calouro da instituição. A vida de Manoel José Bomfim começava a ganhar novos contornos.

E foram nos contornos que Bomfim equilibrou a vida. Um aluno exemplar, atento às aulas, estudioso. Fez todo um calendário organizacional que,dentre outras coisas, tinha visita às raparigas das ruas "poucos visitadas" da Bahia. Não reclamava

[4] O século XIX foi o século que difundiu a instrução pública e Rui Barbosa foi influenciado pelas discussões de sua época. Tanto que, empenhado num projeto de modernização do país, interessou-se pela criação de um sistema nacional de ensino – gratuito, obrigatório e laico, desde o jardim de infância até a universidade. Para elaboração do seu projeto buscou inspiração em países onde a escola pública estava sendo difundida, procurando demonstrar os benefícios alcançados com a sua criação. Para fundamentar sua análise recorreu às estatísticas escolares, livros, métodos, mostrando que a educação, nesses países, revelava-se alavanca de desenvolvimento. Suas idéias acerca desta questão estão claramente redigidas nos seus famosos pareceres sobre educação. Rui Barbosa, após fazer uma detalhada análise desse decreto, encaminhou um projeto substitutivo. A reforma proposta, assim como o decreto de Leôncio de Carvalho, referia-se ao ensino primário e secundário circunscrito ao Município Neutro, e ao ensino superior relacionado a todo o país; contudo, alertava que esta reforma poderia servir de exemplo às outras províncias. Ela restringia-se apenas ao Município Neutro devido a legislação nacional que, a partir do Ato Adicional de 1834, consagrava o ensino primário e secundário como competência das províncias, e apenas o ensino superior como competência do governo geral. Tendo em vista o prejuízo advindo desta divisão, ele recomendava a criação de um sistema nacional de educação e propunha uma reforma completa do sistema de ensino vigente. Ver em: O projeto de Rui Barbosa: o papel da educação na modernização da sociedade de Maria Cristina Gomes Machado, disponível: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/FCRB_MariaCristina_Projeto_RuiBarbosa.pdf

das formalidades impostas pelo curso e nem da austeridade de alguns professores. Na faculdade não criou nem um tipo de admiração pessoal que o marcasse como referência para a escrita e crítica.

O Brasil vivia efervescências políticas, mas Bomfim não tinha nenhuma ideia fixa sobre política. Seus interesses ainda circulavam nas ideias academicistas. Interessava-se, por estudos clínicos, relatórios médicos, prontuários e remédios. Os ideários abolicionistas, bem como, os pensamentos republicanos, circundavam as cabeças dos jovens de sua época. Embora os colegas da turma fossem fazer as "arruaças", Bomfim não queria se envolver diretamente nas agitações em favorecimento aos movimentos. Tinha conhecimento, sabia do que se tratava, mas preferia esperar o que estava por acontecer. Suas leituras ecléticas, das mais variadas áreas, serviam de complemento para as reuniões clandestinas que aconteciam, uma opinião indispensável nas teses que justificavam a abolição e proclamação da república.

Em 1888 Alcindo Guanabara convence Bomfim a ir morar no Rio de Janeiro. As estruturas das faculdades eram parecidíssimas, mas como o jovem rapaz tinha desenvolvido o gosto pela pesquisa, o Rio seria um centro de referências intelectuais. Um lugar onde poderia aprimorar mais seus conhecimentos e terminar seu curso com certa distinção acadêmica.

No centro do Brasil, na capital, que ludibriava, ao mesmo tempo em que mostrava o choque da modernidade advinda da Europa, Bomfim, no momento de sua chegada, fora apresentado àquele que seria um referencial e um grande amigo, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac. Juntos escreveram vários livros e compêndios escolares. Os dois de escritas exuberantes e além do seu tempo.

Olavo Bilac apresentou a Bomfim pessoas que vieram a modificar sua forma de pensar e lidar com o seu meio social. Um deles, José do Patrocínio, redator do "tigre da abolição" que fazia críticas diretas ao movimento abolicionista, embora faltasse um conteúdo lógico e ligações verbais dentro das matérias do periódico. O tigre da abolição, na perspectiva de Manoel José, seria mais paixão e amor pela causa do que manifesto.

Após assinada a lei que declarava extinta a escravidão no Brasil, os problemas permaneciam. A população negra, mulata e mestiça sofria com todos os preconceitos

científicos e sociais [5]. Faltava emprego para milhares de escravos que juridicamente estavam libertos das algemas. Nessa época, Bomfim matriculou-se na faculdade de Medicina e foi integrando-se ao campo intelectual da época.

Era 1889. Manoel Bomfim assistiu amenamente a agonia e o desenrolar do final do Império brasileiro. Um fato interessante e de análise mais efetiva é que o jovem rapaz viveu 32 anos em cada período histórico, podendo ser privilegiado em participar da massa intelectual que rompeu as barreiras do antigo sistema, além de ter conhecido de perto todos os aparatos do antigo império brasileiro[6]. A república estava para ser consolidada, isso era um acontecimento vivido nas memórias dos manifestantes. E depois da abolição, isso tinha ficado mais claro nos manifestos, pois o sustento imperial escravocrata não explicava as inovações que o Brasil precisou passar. A república se consolida rapidamente com um número bem reduzido de agentes e grupos sociais envolvidos[7]. Bomfim não deixou de lados as críticas à república, intensificando a ideia de que a iniciativa militar, a ideologia positivista e o liberalismo demagógico ocultaram a ideia magnífica do país republicano. Mostrou que a intervenção da força militar na política acontecia de forma ostensiva, gerando muitos burburinhos na elite letrada. Nas obras sociológicas Manoel Bomfim fez grande análise dessa chamada República Velha e a intervenção militar, ficando claro o seu repúdio ao movimento tenentista dos anos vinte.

[5]"Porém, as teorias raciais, da forma como eram proferidas no exterior, colocavam a mestiçagem como sinônima de degeneração racial e social. Gobineau afirmava que a raça branca era frágil, no sentido que as infusões de sangues inferiores não tardam a exercer seus efeitos devastadores. Para ele, as eis da "química histórica" pretendem que as sub-raças mistas "ternárias" e "quaternárias" sejam raças degeneradas." (POLIAKOV, 1974, p. 218)

[6] Com o abranger da vida pública, a dinâmica do partido liberal, partido conservador e a quebra da elite imperial serviram de auxilio para um novo modo de pensar como estavam estruturadas essas novas ordens, numa concepção de reformismo, pois diante da heterogeneidade que a geração se encontrava, a melhor explicação ia de frente à questão do imobilismo imperial permitindo uma junção da diversidade e analise da mesma.

[7]A mudança começou a ser corporificada após a publicação do Manifesto Republicano em 1870. A República [proclamada em 15.11.1889] vista pelos republicanos, que estes, lembrando as revoluções e pronunciamentos que, desde a inconfidência, tiveram por alvo instalar um regime republicano no Brasil, afirmaram que a República sempre foi uma aspiração nacional (COSTA, 1977, p. 244). Todas as representações observadas no âmbito econômico, social e político foram descendentes diretos do manifesto, ao mesmo tempo em que se mantinham distintos dos profundos ideários. Cada região utilizou dos movimentos para se abrir a nova aventura que seria a república.

Bomfim não deixou de tecer comentários despóticos sobre o positivismo de Comte[8]. Para ele a essência da obra não tinha sido absorvida. A obra Comtiniana tinha deixado contradições de difícil interpretação e fórmulas tendenciosas voltadas para uma política de intenções democráticas falhas e de caráter evolucionista, pois a grande maioria dos "positivistas" tinham opiniões obsoletas sobre si mesmos. Um julgamento voltado para solução de todos os problemas e verdades cristalizadas com respostas prontas. Bomfim não viu de bom grado a República, fingiu não corromper-se por ela e ficou assistindo de olhos bem abertos a esse espetáculo que estava por acontecer. Um país de domínios ainda oligárquicos e poder "representativo" do povo.

No ano de 1890, com seus longos bigodes curvados para cima, misturado com um bom papo de um galanteador reflexivo sobre a vida, levou Bomfim a sempre conseguir belas mulheres. Um homem sem pudores da libido. Não respeitava nem os amigos mais próximos quando o assunto era sobre apetite sexual. Apaixonou-se por uma mulher casada, mas não foi correspondido. Afogou-se nas bebidas em companhia de seu amigo Olavo Bilac, resolvendo dedicar-se exclusivamente, à medicina. Era o ano de sua formatura, embora a paixão pelas causas sociais e pelas mulheres fossem poemas parnasianos em sua curta vida. Ao por os olhos numa jovem portuguesa chamada Natividade Aurora, sentiu que ali estava sua companheira pelo resto da sua vida.

1891. Com o diploma na mão, foi em busca de honrar a tão sonhada carreira médica. Noivo e com casamento marcado, a responsabilidade aumentava e conseguir algo fixo como fonte de renda era um empreitada (não dava mais para ser sustentado da mesada enviada pelo seu pai e nem dos trocados que ganhava na publicação de artigos para revistas e jornais). Por influência de amigos, conseguiu um emprego na Brigada da Polícia como médico-cirurgião, no posto de tenente. O emprego pagava bem, mas não dava para cobrir totalmente os seus luxos, ficou por um bom tempo recebendo a velha mesada. Não estava realizado com o emprego, não era aquilo que tinha sonhado no curso de medicina.

[8]Comte procurava por intermédio do positivismo reformular moralmente a ordem que se estendia desde o feudalismo, pois entendia que o progresso dependia diretamente da natureza humana, levando as civilizações a uma completa realização em seu estagio de desenvolvimento social. Tentou unir a filosofia e política, formando um sistema universal que influenciasse todas as ciências. O pensamento social estava em ascensão e pensadores como Spencer, Espinas, Gobineau, Ward, Durkheim seguiram a linha de pensamento que levaria ao progresso universal. Grande parte deles desenvolvendo teorias que levariam a entendimento de lugares e influenciaria, a grande parte dos países latino-americanos como México, Brasil e Chile

Mesmo assim permaneceu 2 anos nesse posto, até ser convidado a uma expedição no Baixo Rio Doce, que buscava encontrar e direcionar nativos botocudos que tiveram suas aldeias dissipadas no processo de desativação de terras, esses que andavam perdidos. Organizado pelos ministérios do Interior, da Guerra e da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, objetiva-se um apaziguamento dos fazendeiros daquela região com os nativos. Esse contato direto com os nativos fez Bomfim ganhar uma grande admiração e respeito por esses povos, deixando bem claro, em quase todos seus livros, a preocupação de tirar a figura estereotipada que se fazia do indígena[9]. Manoel Bomfim via no índio um agente de transformação capaz de modificar a realidade existente e pertinaz para o estudo da composição racial.

Sem dúvida a expedição serviu para Bomfim como uma forma de enxergar o Brasil e a própria vida com outros olhos. Ele fixou-se na dualidade existente do Brasil e conseguiu observar e escrever sobre isso. Viu as duas vias impostas. De um lado, um Brasil rural, de atrasos, das misérias sociais, da derrubada de mata atlântica, da realidade imposta aos indígenas, da falta de higiene dos soldados e das condições sub-humanas; do outro, o Brasil que se modernizava, exposto às novas tendências da Europa, das ideias do progresso e da ordem, das modificações nas urbes e dos novos modos de comportamento. Sua preocupação centrava-se nas notáveis potencialidades das regiões e na falta de estruturas que explorassem esses aspectos para beneficio do Brasil. Fez críticas diretas a esse "parasitismo" social, onde os povos e países latino-americanos tinham sido relegados, além de bater de frente ao chamado "racismo científico"[10].. Todas essas preocupações foram expostas no livro: América Latina – Males de Origem que será discutido nos próximos capítulos.

Bomfim ao casar-se com Natividade de Oliveira retorna à Aracaju. A república estava passando por uma grave crise econômica. O sistema financeiro e o ritmo desordenado das emissões monetárias não conseguiam suprir os gastos excessivos para sustentar "todos os consumos" da republica e suas transferências para os novos estados. O jeito foi tapar o buraco das finanças públicas por intermédio da emissão de papéis

[9]Reafirmando uma política voltada para exclusão da minoria, marginalizada por teorias ligadas à concepção de vida, foi visível que grande parte dos intelectuais seguiu um teorias e comungaram para fomentar o desenvolvimento de instrumentos que aumentassem as disparidades existentes.

[10] Na mentalidade política das instituições republicanas e em seus representantes esta relação de exploração e discriminação se fazia presente, através do preconceito e do grau de "branqueamento" do sujeito, este seria uma legitimação das relações passadas vivenciadas na colonial e naturalizadas nas republicas americanas.

inconversíveis. Primeira constituição promulgada: Deodoro da Fonseca presidente, Floriano Peixoto vice. O Brasil sentiu o peso e as confrontações em não ter elegido Prudente de Morais. Depois da renuncia do Deodoro, Floriano tentou reconstituir a paz dentro do congresso, embora a crise de divisão sobre o Floriano ser ou não presidente dominou boa parte das reuniões. A intelectualidade divida e o caos construído. A ruptura demarcava as divergências antimilitaristas, que visavam novas eleições e pragmáticas, que buscava a permanência e a resistência a um golpe monárquico.

Manoel sofreu bastante com os acontecimentos aos seus amigos. Por serem opositores diretos do governo, parte da intelectualidade foi perseguida e interrogada. Uns deportados da capital, outros presos. Bomfim destaca grande tristeza em cartas enviadas ao amigo Alcindo Guanabara sobre a prisão de Olavo Bilac que ficou 4 meses preso até assumir seu posto de secretário de redação na cidade do Rio. Manoel Bomfim depois do acontecido se aproxima cada vez mais do amigo, escrevendo artigos para serem publicados. Apesar de todo clima tenso existente, Manoel estava feliz, pois recebeu a noticia que seria pai.

Em1893 eclodiram duas revoltas de grande proporção. A revolução Federalista e a revolta da Esquadra causaram um eco de violência e horror jamais imaginado para época. Toda intelectualidade se refugiou. Bomfim por segurança encaminhou uma carta ao comandante da Brigada Polícia informando que estava com a saúde fragilizada, pedindo licença temporária e refugiando-se com a mulher para o interior de São Paulo, mais precisamente para região da Mooca, onde seu irmão residia. Disposto a residir na cidade, dedica-se à clínica médica, e deixando de lado qualquer assunto que envolvesse política.

No ano seguinte Bomfim recebeu a triste notícia da morte de seu pai. Sem chão começa a se decepcionar com a medicina. A cidade que ele escolheu para morar não o agradava em nada. O lixo tomava conta das urbes e a falta de saneamento básico complicava os trabalhos médicos. Não tinha estruturas físicas, como calçadas, pavimento, postes, energia elétrica. As ruas pareciam depósitos de insetos, que além de depositarem doenças, destruíam plantações inteiras. As enfermidades quase sempre sem curas efetivas, geravam um desconforto ao jovem médico que não conseguia ir além pela precariedade de conhecimentos. E assim aconteceu com sua filha Maria, que depois de três dias de febre morreu em seus braços. Natividade e Aníbal (filho mais novo de um ano e dez meses) eram seu único acalanto. E Bomfim, aos 26 anos de idade,

decepcionou-se com a medicina e começou a traçar novos planos. Nessa época, Prudente de Morais assumiu a presidência e a história do Brasil ganhou novos rumos.

1.2 O educador.

O episódio de Canudos eclode nos primeiros meses do governo de Prudente de Morais, gerando um debate acirrado no campo intelectual sobre as condições existentes dentro do Brasil e os determinismos[11] dentro da formação da nação. Euclides da Cunha[12], um dos principais defensores e expositores das condições de canudos, se deixou influenciar pela propaganda dominante do governo. Embora defendesse a ideia de movimento social, derivado de uma estrutura social perversa e rigidamente estratificada. *Os sertões,* caracterizado como um incômodo dentro da abertura republicana, escancarava os crimes que as nações são capazes de praticar. Bomfim analisou a revolta de Canudos pelas concepções da violência social. Deixou de lado as ideias raciais e adentrou na violência maciça que ocorreu dentro do vilarejo. O assunto de mestiçagem[13] foi pauta de todas as teorias da época. A tese do branqueamento foi sendo aceita aos poucos dentre da elite intelectual[14].

[11] A concepção determinista esteve presente em diversos viajantes que conheceram o Brasil no século XIX. A natureza tropical e o mundo selvagem são vistos em termos estéticos, como forma de compensar o desapontamento com a sociedade local." (Giarola apud Ventura, 1991, p. 32).

[12] Euclides da Cunha no seu celebre livro: "Os sertões", desenhou uma geografia marcada pelas terras aéreas do sertanejo e as calamidades naturais que o assolavam. Podemos observar que tais pressupostos intercalam nas concepções desenvolvidas por Buckle, embora o problema fosse "natural" e não precipitações excessivas como tinha afirmado o autor. E apesar de inferiorizar a misturas de raças, Euclides acreditava que o sertanejo compunha uma raça forte e distinguia tipos de mestiçagens. E na sua visão, essa ideia de mistura teria sido benéfica, pois o sertanejo no caso se adaptou ao meio com uma maior facilidade, não sendo um degenerado e sim retrogrado para sua tempo/espaço.

[13] "Porém, as teorias raciais, da forma como eram proferidas no exterior, colocavam a mestiçagem como sinônima de degeneração racial e social. Gobineau afirmava que a raça branca era frágil, no sentido que as infusões de sangues inferiores não tardam a exercer seus efeitos devastadores. Para ele, as eis da "química histórica" pretendem que as sub-raças mistas "ternárias" e "quaternárias" sejam raças degeneradas." (POLIAKOV, 1974, p. 218)

[14] "Em busca da negação da ideia de inferioridade inata dos mestiços, a intelectualidade brasileira forjou uma conclusão otimista baseada na afirmação chave de que a miscigenação não produzia inevitavelmente "degenerados", mas uma população branca, tanto cultural quanto fisicamente. A tese do branqueamento se apoiava na hipótese de que a mistura racial, da forma em que ocorria no Brasil, produzia "naturalmente" uma população mais clara, em parte porque o

Bomfim ao retornar para o Rio de Janeiro, soube da sua demissão da Secretaria de Polícia. Não queria mais exercer a profissão de médico desde o falecimento de sua filha, recebendo de forma satisfatória tal decisão. Era um assunto morto. Não ousou falar sobre abandono da medicina, nem muito menos as causas que acarretaram tal distanciamento. Fez vista grossa aos amigos e vizinhos que vinham pedir os vermífugos e elixires.

Nos anos de 1895/1896, Depois do abandono da medicina, a questão financeira começou apertar. Passou a ministrar aulas particulares e revisar palavras gráficas nas publicações das revistas e artigos. Era um pouco dinheiro, mas que dava para o sustento da família. Em fevereiro de 96, Bomfim é convidado a ser redator do jornal A República. Em meados de Março, é convidado pelo prefeito Francisco Furquim Werneck de Almeida, para ser subdiretor do Pedagogium[15]. Engajado em nome da educação, Manoel Bomfim, começou a traçar metas a serem alcançadas para a iniciação de uma educação de qualidade e de iniciativa do governo republicano. Publica uma série de artigos no "A República", discutindo os efeitos da educação no Brasil e da descentralização sobre a política de instrução pública[16]. Seu projeto educacional era revolucionário, ao ir de encontro com a inserção do indivíduo brasileiro na sociedade letrada, ele queria que a união se encarregasse dos custos, tirando o peso geral das oligarquias estaduais e municipais.

Posteriormente, em 1897, ao entrar em contato com *Report os the commissioner of Ecucations*, o interesse pelos estudos educacionais despertou um maior interesse pelo

---

gene branco era mais forte e em parte as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas." (Giarola apud Skidmore, 1976, p. 72)

[15] Museu pedagógico fundado no ano de 1890, Rio de Janeiro. Passando em 1897 a ser um centro cultural superior, recebendo em 1906 o primeiro laboratório experimental de psicologia. Inspirado na reforma de Rodolfo Dantas em consonância ao ensino primário de Rui Barbosa. O centro então formado contava como a Revista Pedagogia. Distribuída gratuitamente aos professores de rede publica, às tipografias e aos estabelecimentos públicos de instrução, nacionais e estrangeiros tem como objetivo a formulação de temáticas a serem trabalhadas nas escolas e adaptação das novas formas de ensino. Durou 19 anos sendo extinto em 1919, tendo como principais diretores: Dr. Joaquim José de Menezes Vieira - 1890 a 1896 e Dr. Manoel José Bomfim - 1896 a 1919.

[16] Manoel Bomfim apontava o erro de transferir – ou atribuir – unicamente aos estados e, pior ainda, aos municípios a responsabilidade pela educação básica. Pois ele sabia que a educação básica e pública tinha um sentido eminentemente integrador, capaz em última instancia, de criar e desenvolver uma "alma nacional", expressão pela qual ele interligava os conceitos de cidadania e de consciência social. (AGUIAR, 2000, 191)

assunto de instrução pública no Brasil, pois pela reportagem exposta, o Brasil se encontrava num estado alarmante no indicie de escolaridade[17] e que a taxa de analfabetismo iria aumentar com a chegada do século XX. Bomfim sempre foi enfático nos seus artigos e discursos, tocava no ponto que tudo deveria começar pela instrução primaria. Sua tese, defendida há mais de trinta anos, ia ao mesmo ponto: redimir as mazelas do povo brasileiro por intermédio da educação[18]. Mas sua visão de mundo não passou do teórico, pois havia grandes impasses na difusão e concretização da instrução popular e básica, pois como introduzir tais prerrogativas numa sociedade excludente e reprodutora de verdades absolutas? Como permanecer com tais pensamentos, se as oligarquias queriam esse atraso? Bomfim ainda mostrou a solução quando publicou o livro "O Brasil nação" em 1931.

Depois do jornalista e deputado Medeiros e Albuquerque assumir o cargo de diretor na instrução pública, Bomfim assumiu o cargo de diretor geral do Pedagogium. Levou consigo vários projetos e atividades para serem desenvolvidos e tentou transformar o museu em um centro de cultura superior aberto ao público. Exigiu que se oficializassem alguns professores da instituição, como também, desenvolveu duas revistas, "Educação e ensino" e "Pedagogia". Tentando debater teses mais atualizadas sobre educação, objetivou-se em mostrar um novo modo de enxergar a educação[19] e de debater assuntos de interesse de toda a população. Sua vida pessoal voltava ao normal. Com seu filho Aníbal, com três anos de idade, este lhe tomava toda atenção, e o fazia traçar metas e planos para a criança, embora não se esquecesse das angústias das mortes em sua vida.

[17] A matéria divulgada usava base de danos referentes a pesquisas realizadas no ano de 1890.

[18] "Em sua época, a noção de pedagogia encontrava-se mal determinada. O autor acreditava que não havia uma ciência da educação, embora houvesse, ou devesse haver, ciência na educação. Nesse sentido, a pedagogia assumiu, em seu pensamento como no de outros intelectuais, uma função prática, que consistiu na sistematização dos princípios e métodos científicos úteis na "intervenção educativa". (GONTIJO, 2010, p. 17)

[19] "Diante do descalabro educacional de seu tempo, Bomfim fez um desabafo que bem poderia ser aplicado à realidade brasileira atual: "Creio que não há um brasileiro com responsabilidade e consciente dessa responsabilidade,que endosse e louve um tal estado das coisas". E arrematou: "Todos reconhecerão que é preciso trazer um remédio a isso o quanto antes." Mas o desabafo de Manoel Bomfim não se perdeu apenas nas sombras da justa indignação: "consciente de suas responsabilidades", Bomfim procurou reunir ideias e sugerir meios possíveis de driblar o preconceito constitucional que delegava unicamente aos estados a organização e a manutenção do ensino básico". (AGUIAR apud BOMFIM, 2000, p. 195)

Foi convidado a fazer parte da fundação da Academia Brasileira de Letras por intermédio de Machado de Assis, mas recusou o convite por não ter tempo de dedicar-se às reuniões e às exigências que faziam parte da atribuição, como por exemplo, pedir votos durante uma visita formal a cada um dos acadêmicos envolvidos ou, demonstrar interesse de forma espontânea, coisa que Bomfim recusou-se a fazer.

Sempre se escondendo das críticas, não seguiu os rituais do campo intelectual da época. Por isso é considerado por muitos como um autor esquecido[20], pois não quis ser exposto e nem muito menos seguir a demanda científica da época. Renunciou a cadeira na Academia Brasileira de Letras por estar em consonância com as suas teorias, por não acreditar no grau de diferenciação que a Academia impunha.

Diretor do Pedagogium por dezessete anos, Bomfim, levou a sério todos os projetos a serem desenvolvidos. Mas por falta de recursos e de pessoas que soubessem trabalhar na área, a instituição foi sendo alvo de várias críticas e, paralelamente, Manoel, queria elevar o educandário à condição de um centro que fosse possível suavizar todo o processo de falta educacional do país.

Um centro de referência educacional renomado, onde as pesquisas e estudos pudessem ser o carro chefe do seu trabalho, porém as questões burocráticas levaram-no a certo desgaste por querer transformar o Pedagogium num laboratório de referência. Depois de muitos sacrifícios, conseguiu introduzir um caráter avançado para as perspectivas da época, contratando professores das mais diferentes áreas (Artes plásticas no Brasil, Fisiografia do Brasil, História da Civilização I e II, Antropologia, História da Língua portuguesa, Morfologia e Fisiologia Geral, História das Literaturas Modernas e Poesia Brasileira) e assinando revistas francesas mostrando como seu pensamento era avançado pra sua época. Foi professor de Moral e Cívica.

Bomfim sempre manteve um distanciamento das revoluções e tudo que envolvesse ideias de oposição. Escrevia sobre, mas não tomava posição convicta. Era um antimilitarista e por isso, não aceitava o modo do governo de Prudente de Morais.

[20] Bomfim foi um visionário para sua época, adentrou a um discurso descomprometido e entre clássicos e esquecidos, sua teoria ficou esfacelada num espaço memorial dissonante e atípico. Digna de ser esquecida ou pouco estudada. A causa do fato de ele ter sido silenciado vai ao tocante de se atrever a 'refutar teorias cientificamente provadas' como as de 'pensadores Gustav Le Bon e Gobineau' (ROMERO, 1906, p. 233), mortificou seu estudo e toda 'perspectiva histórica para julgar homens e acontecimentos do passado' (COSTA, 2008, p. 426 apud LEITE, 1992 [1954], p. 251). . É, portanto, a tomada de posição em relação ao problema de uma época que faz o estudioso aceitar ou rejeitar um instrumento teórico determinado (ALVES, 2008, p. 68).

Diferentemente do amigo, Pinheiro Machado, por quem nutria uma profunda admiração e credibilidade no seu modo de fazer política. Acreditava que Pinheiro era um representante dos ideários republicanos mais autênticos.

Campos Sales, ao assumir o poder em 1898, adotou um programa econômico deflacionário, que tinha como fundamentais princípios a defesa do café. Consolidou o projeto político das oligarquias e implementou um aumento drástico nos impostos. Com sua ascensão veio juntamente a *Belle époque*. O movimento já se desenvolvia no país, mas Campos Sales tinha ideias reformistas sobre o meio social e incorporação dos modos europeus. Belle époque com sua exuberância fez o século ganhar características de rumo ao progresso sem fim. A América latina comungava de todo o ideário colocado, as influências francesas eram fortemente discutidas e moldadas aos costumes de cada país. As certezas vindas das ciências entram em choque pelo coronário de pensamentos dos colonizadores. Viver num mundo de dualidade, incerto e desordenado construía uma característica pautada nas descobertas, na intervenção do núcleo familiar e dos costumes.

O *modus vivendis* europeu trouxe novos tipos de lazeres e novas possibilidades de prazer e sociabilidade. O século XIX estava fechando suas cortinas, sem muitos aplausos e sem uma luz de fundo, restava unicamente o incerto e o novo. O visual ganhou as urbes, os passeios pelas ruas e avenidas, a diversão e a conversas nas casas de espetáculo, nos cafés e nas confeitarias, eram mostrado como sinônimo de estética, de modos, comportamentos. Os *footings* para apreciação das vitrines dos magazines, com seus artigos de luxo eram cada vez mais evidentes e a propaganda começa envaidecer, o visual ganhou um contorno de cores, estilos e desenhos.

Vale ressaltar que o campo intelectual brasileiro emergiu juntamente com o campo político, e com isso, interseções diretas do campo econômico. A intelectualidade brasileira participava ativamente dos debates desenvolvidos e muitos literatos eram oriundos da aristocracia, fazendo o campo literário ter grande representatividade e poder de decisão no cenário político.

1.3 O sociólogo e transformador social...

Era 1899. Membro do corpo efetivo do Conselho Superior de Instrução Pública, Manoel, adotou uma postura rígida em todos os cargos por ele administrado. Nesse ano, saiu um edital para se fazer um compêndio a ser adotado nos cursos de história da América na Escola Normal. Na figura de julgador das monografias expostas, Bomfim escreve um minucioso texto sobre o compêndio de história da América[21]. O compêndio ia de acordo com as teorias defendidas por Bomfim, que usou tempos depois para formulação do livro: America Latina – Males de origem. O compêndio batia de frente como pensamento social que estava em ascensão, embora fosse de acordo com os pensadores como Spencer, Espinas, Gobineau, Lapouge, Fouillée, Retzius, Buchner, Gustave Le Bom. Esses que seguiram a linha de pensamento do progresso universal desmerecendo a composição da mistura de raças e traçando teorias discriminatórias. Teorias essas que influenciou, a grande parte dos países latino-americanos como México, Brasil e Chile.

Bomfim escreveu longas laudas para a retirada dos capítulos que, Cristóvão Colombo, procurou justificar o tráfico africano e a escravidão dos negros[22], embora não obteve êxito e o compêndio foi publicado na integra.

O compêndio de história da América foi utilizado por muito tempo na Escola Normal. Era comum ocorrer esses concursos para escrita de livros didáticos, e o governo distrital sempre influenciava escritores renomados a escrevê-los. Apresentando-os a um parecer do Conselho superior de Instrução Pública, os livros passavam por uma analise rigorosa. Uma vez escolhido, era publicado pelo governo do Distrito Federal, que devido a grande falta de trabalho e maquinário que desse uma

[21] De autoria de um pseudônimo, chamado de Cristóvão Colombo, o senhor José Francisco da Rocha Pombo, recebeu um parecer favorável sobre seu compêndio. Sendo utilizado por muito tempo nas redes de escola pública do país para formação de professores.

[22] Na visão de José Francisco da Rocha Pombo, o negro seria incapaz de evoluir entregue a esforços seus exclusivos. A escravidão – um processo doloroso, admitiu o autor do compêndio – transformou-se, em última análise, num mecanismo socialmente eficaz, pois obrigou o negro a pensar no seu destino à força de sentir os seu martírio. Segundo se deduz das palavras do autor do compêndio, a escravidão assumiu, no fundo, uma função "civilizadora", domesticando o negro (um ser estúpido, desregrado, supersticioso, contumaz), ao mesmo tempo em que o retirou da barbárie africana para inseri-lo na sociedade evoluída. Apesar dos castigos impiedosos que os escravocratas infringiram aos cativos, a escravidão representou nada mais que um estágio no processo de "humanização" do negro africano – eis, enfim, a lógica que orientou o pensamento de "Cristóvão Colombo", que a defendeu, para incontido horror de Manoel Bomfim. (AGUIAR, 2000, 235).

força maior ao desenvolvimento. A ideia de se fabricar livros didáticos atraiu diferentes intelectuais por ver a possibilidade de um mercado promissor, dava a visibilidade e proporcionava uma abertura para mostrar suas obras. Autores como Olavo Bilac, Coelho Neto, João Ribeiro, o próprio Manoel Bomfim, entre outros, se sentiram extremamente atraídos, chegando a publicar vários compêndios para escola normal. No final dos anos 1899, os livros: Livros de Composição e o Livro de Leitura, de autoria de Manoel e Bilac foram escolhidos para circular nas escolas de cursos complementares das escolas primárias.

Nos anos 1900, o lema das luzes do progresso ainda estava enraizada na sociedade, o final do século XIX consolidava seu estereótipo do "século da sciencia" e se firmava como sendo um momento de deslumbre da humanidade. As "revoluções", "determinismos", "ideologias" e destaque ao "Socialismo", parecia explicar o circulo hermenêutico instalado dentre os intelectuais.

Bomfim foi permeador por uma demanada de teorias nascentes que em grande parte ficou expressa em seus livros. A figura imaginativa das forças sobrenaturais não elucidava mais o homem, esse que tinha um elo para o progresso de entendimento de seus pensamentos enquanto ser social. A religiosidade não habitava mais o mundo físico, o homem entendia e manipulava seu destino, passou então a ser responsável pelos seus atos, pensamentos e desejos. Sigmund Freud (1856 – 1939) inaugurou a psicanálise, trouxe a perspectiva de um homem no centro dos estudos, focalizando os deslumbres das invenções e das novidades trazidas pela tecnologia.

A evolução da espécie culminou para dar a liberdade dos rastros deixados pela revolução industrial e francesa, nesse ínterim, Charles Darwin (1809 – 1882) mostrou o quanto lhe foi possível dominar o campo biológico e desorganizar as ideias cristalizadas da nossa espécie. O conhecimento prático parecia ter aberto um canal direto com todas as ciências: a Química, a Mecânica, Medicina, a Matemática passou a ser de utilidade direta do bem-estar da humanidade. O progresso condenou as sociedades à velocidade e rapidez. No passo que a locomotiva acelerava na estação, as cidades se adequavam ao modo de entendimento do novo, moderno, diferente e espantoso.

As classes sociais que foram crescendo ao longo do século XIX trouxeram dentro de sua organização a possibilidade de expressão dos mais altos desejos, passando a utilizar a natureza como uma fonte de arcabouço industrial inovador. Os inventos proporcionaram a perspectiva do ineditismo: do simples ao complexo, do óbvio ao surpreendente.

Os homens que viviam à margem de si mesmos, puderam traçar para a virada do século, um ideal de presente, assim como alavancar os olhos para o futuro. O sonho era matéria prima dessa chegada, seria então a concretização de uma utopia e com a ajuda da ciência poderia, assim, redimir as incertezas que esse século estava a trazer. Este elemento onírico teve seu papel construtivo e de orientação ao pensamento da passagem dos séculos, com a possibilidade das técnicas trazidas pela ciência. Os projetos de efetivação do controle sobre a natureza eram cada vez mais evidentes, a realidade concreta gritava na apresentação das condições materiais objetivas que se propunham ao homem em seu berço, em sua sociedade, pois o movimento da modernidade transformaria a realidade. Viver num mundo de ambigüidades, assustava, ao mesmo tempo em que ludibriava.

O mundo assistiu ao espetáculo complexo da oscilação do tempo e do espaço. As utopias eram internalizadas e visíveis em torno da realidade, as "maquinas do terror" ganharam seu espaço e os receios dessa "nova era" eram cada vez maiores. Os olhos direcionados aos céus podiam ver dirigíveis de formas alongadas. Desbravando tal azul e branco fazia o homem enxugar o tempo, decodificar o espaço e dinamizar a própria vida. Os ouvidos e o toque ganharam uma nova abrangência, as distâncias estavam cada vez mais curtas e a comunicação mais efetiva. O corpo passou a ser transposto para o concreto, pois os raios X penetravam a matéria viva. A forma de analise medicinal se modificou.

O desconhecido foi assunto de quase toda a época. As pessoas assistiram ilusionadas à passagem do século, permeadas por um estado de êxtase, medo e desconfiança sem saber se tais experimentos e cientificidades seriam capazes de acontecer. Uma onda de questionamentos, de procura por ciências efetivas e justificação das ideias reforça os preconceitos que existem ao longo do século.

A ideia de moderno circulava dentro de uma perspectiva de muitos conceitos. Do controlado ao caótico, do brilhante ao opaco, a *Belle époque*, com sua exuberância fez o século ganhar características de rumo ao progresso sem fim. O progresso que serviu de base para toda uma cientificidade datada entre os séculos XV – XVI dentro das ciências modernas se tornou uma necessidade crescente. Os progressos técnicos e científicos, políticas econômica liberal, alfabetização da população, instrução e democracia testemunhavam a favor da Europa que se invadia de explicações.

As pinturas falavam por si só, e todo aquele efeito real parecia ser mostrado em pinceladas dimensionais de uma época bela para se montar os acontecimentos fatídicos

e lógicos da sociedade. As impressões geradas, as casualidades cotidianas, o medo do que seria esse novo século, eram expressos pela correte impressionista, reconhecendo a nação como sendo uma duplicidade de efeitos gigantes e comuns. A própria aceitação do Cézanne, como sendo símbolo de um modernismo nas artes plásticas, ia de encontro à ansiedade, à solidão e ao desgaste das incertezas, eludições que esse novo século trazia.

Na mesma intensidade que o grito de Edvard Munch denunciava as complicações dessa nova época, os costumes tradicionais teriam de ser eliminados. Costumes voltados para a colônia eram expurgados e condenados ao esquecimento total. Por esse motivo, eram combatidas e perseguidas as práticas ligadas aos costumes populares, como a proibição de animais no perímetro urbano, a proibição às festas tradicionais populares e a demolição de cortiços, considerados insalubres.

A modernidade que era um sonho se consolidou na Europa e nas Américas, mesmo com tantas evidências das certezas que estavam por vir, havia as incertezas das imprecisões. A palavra utopia pareceu de uma forma condensada, repleta de ambiguidades e expectativas. O mundo tentava falar as mesmas línguas, ter os mesmos comportamentos, embora cada país quisesse embocar suas bandeiras para dominação das demais.

A passagem do século XIX para XX é marcado pela dúvida, estas que o Brasil fez questão de elucidar.

Bomfim permaneceu na diretoria da Instrução Pública até começo da época, retornando como diretor do Pedagogium e professor da Escola Normal. Encontrou uma estrutura nova, reformada e bem organizada. Antes de sua saída, tinha conseguido com o então prefeito Cesário Alvim um decreto que mudasse inteiramente a organização administrativa do Pedagogium, como também, a estrutura.

Bomfim, Delfino e Rivadávia, no ano de 1901, formulam e fundaram a revista "A Universal", embora com grandes participantes, o periódico não logrou grande vendagem e logo saiu de circulação. O Pedagogium nunca foi visto com bons olhos, as autoridades não queriam uma educação pública, popular e plena. E tais ideários já circulavam dentro das perspectivas da instituição. Bomfim foi além ao escancarar que a educação brasileira precisava adquirir métodos próprios para sua efetivação e a base de uma sociedade mais justa partiria dos métodos educacionais. A instituição só seguiu passos adequados na administração de Manoel Bomfim e de Medeiros e Albuquerque.

No ano de 1902 foi eleito presidente Francisco de Paula Rodrigues e mais uma vez a política republicana estava centrada nas mãos das elites cafeeiras de São Paulo. A política do "café-com-leite" ganhava seu espaço. *Belle époque* foi um dos foques do seu governo (o presidente admitiu a necessidade de modernização e construções de novas estruturas que edificassem a cidade e dessem um ar de beleza), juntamente com a necessidade de revigorar a economia do país. "O Rio precisava civilizar-se" e assim tentou Francisco Rodrigues.

Bomfim ficou à margem sobre as nomeações de Pereira Passos e nem tão pouco viu os cortiços serem demolidos para dar espaço aos novos e exuberantes prédios, pois já tinha embarcado com a família para estudar psicologia experimental na Sorbonne. Todo o período que ficou entre os maiores pensadores da época, o fez defender suas ideias até os seus últimos dias. O seu livro e aqui estudado "A América Latina – Males de origem" seria um reflexo direto das novas ideias que adentravam em sua nova forma de pensar, embora seu amadurecimento intelectual o leve a formular sua tríade sociológica: O Brasil nação, O Brasil na América e O Brasil na história.

A América Latina – Males de Origem levou Bomfim a estudar ideias de refutação do racismo científico, coisa que ninguém tinha se disposto a pensar ou escrever. O livro começa ser escrito quando ele ainda estava em Paris, estimulado por um visual esplêndido da Sorbonne e por ideias ali contidas, embora já formulasse algumas anotações bem antes. Ele soube fundamentar seu contradiscurso com elementos teóricos vigentes, e que o ajudassem a melhor descrever o que se passava.

No campo psicológico, Bomfim, deixou boas contribuições com sua ida para Paris. Ao visitar o laboratório de Binet e Dumas, escreveu uma série de anotações que serviram para fundamentar seus livros sobre a psicologia experimental. Ele se consagrou como um intelectual autodidata que foi além do seu tempo, tentando demonstrar que seus desejos e aspirações transcendiam o pessoal, englobando o social e tentando achar soluções para as diferentes áreas do conhecimento.

Bomfim ao voltar para o Brasil viu um pouco de sua vida pessoal ser destruída. A demolição já adentrava a Rua Senhor dos passos e adjacências. Todas as apresentações, protesto e todo sentimento ali construído eram substituídos por grandes edifícios. Na mala trouxe lembranças e teorias que tentou aplicar o resto da sua vida. Com o livro "America Latina – Males de origem" faltando alguns capítulos e com a perspectiva de fundar uma revista infantil e um jornal social, Bomfim, acreditava no futuro da nação.

Em 1903 Alcindo Guanabara fundou o jornal "A Nação", com uma estética independente e radical. O jornal divulgava não só noticias do Brasil, como também do mundo. Bomfim foi responsável por uma coluna permanente semanal que comentava os principais assuntos políticos. A primeira edição foi voltada para um manifesto direto aos problemas e classes sociais[23]. Na segunda edição, Manoel, sofreu críticas diretas dos intelectuais da elite, fez uma crítica ao funcionamento do congresso, levando o teor do artigo por um viés de contestação popular sendo incapaz de atender as reivindicações do povo brasileiro[24].

É perceptível que o trabalho de Bomfim no jornal, embora tivesse sido curto, serviu de amostra para a mudança de pensamento social e político que ele foi adquirindo ao longo dos anos. Embora sua teoria da educação para salvação da nação brasileira tenha sido desmistificada na obra "Brasil Nação", ele ainda acreditava numa vertente educacional revolucionária, para as mudanças sociais.

Manoel Bomfim sentiu-se extremamente ofendido com as colocações de Rui Barbosa no jornal "A união", ao ponto de escrever uma longa carta para o amigo, Alcindo Guanabara, mostrando a incoerência do discurso promulgado por Rui e os ideários do jornal. Bomfim, de personalidade forte e autoritária, e Guanabara, maleável e obediente, não chegaram a um acordo sobre tal escrita de Rui. Manoel achou melhor se afastar do jornal - na sua cabeça intransigente, um jornal socialista, não poderia acometer de expor tais blasfêmias ao povo brasileiro e nem comungar com estereótipos criados a nação.

Depois de uma longa despedida a Olavo Bilac, que fora para Europa "tomar um banho de civilização", Bomfim organizou um evento, em 1904, para a entrega dos diplomas às formandas na Escola Normal. Em condolências ao aniversário de dezesseis anos da abolição da escravatura, escreveu um discurso intitulado *O progresso pela educação*. A mais alta cúpula política fez-se presente no evento, dando todo embasamento às ideias de pronunciamento de Bomfim e reforçando a necessidade de

[23] Os itens principais da primeira edição eram os seguintes: "Introdução primária obrigatória; organização dos sindicatos profissionais reconhecidos pelo Estado; nacionalização das estradas de ferro, minas, linhas de navegação, portos, telégrafos, telefones, a cargo do Estado; imposto elevado e progressivo sobre as heranças; divórcio por mútuo consentimento." (AGUIAR, 2000, 259)

[24] Segundo Bomfim, tanto a câmera dos deputados como o senado refletiam, em última análise, as distorções da formação social brasileira, opondo a "massa popular" às elites dominantes, a cujos interesses – afirmou- os parlamentares, com raras exceções, serviam.

ensino inaugurado por Pedro II. Teceu longas críticas ao sistema educacional, como reafirmou a perspectiva de democracia no Brasil[25].

Tinha a convicção que a nação é sempre, ou quase sempre, a imagem do seu povo. Por isso defendia a ideia de um povo culto e educado, para desenvolver prosperidade, ordem e progresso da nação. Via no ser humano uma maquina adaptável que tinha a capacidade de desenvolver capacidades remotas de educação e bondade.

A crença que a educação poderia mudar as pessoas o acompanhou por toda sua vida. Em todos os momentos tentou reconhecer sua identidade social: classificando, denominando, desmistificando e reconfigurando espaços e ideias para ir de encontro com as maneiras peculiares que havia dentro do seu período. Mostrou um contexto cortado em posições de cunho inovador para sua época, tomando partido por pensamentos próprios e dispositivos formais, circunscritos dentro de uma organização social. Nesse ponto podemos analisar a obra de Bomfim como sendo um diferenciador nos processos dinâmicos por ele observado, ao mesmo tempo, que podemos proporcionar a partilha de bens culturais por vertentes ainda não analisadas.

Podemos observar que a partir dos pressupostos escritos por Bomfim, ele se propõe a analisar as concepções de uma historicidade científica ou desconstruir um discurso de representação do real. Desse modo, as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem a universalidade de uma análise fundada na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam ao seu favor.

Manoel, como já foi citado aqui, não seguiu a elite intelectual da época. Manteve uma distância ferrenha dos demais, embora sempre recebesse convites para participar de eventos e reuniões públicas. Ainda cogitou a possibilidade de concorrer a uma vaga na ABL (Academia Brasileira de Letras) por incentivo de Graça Aranha, mas não o fez. Como também, não se associou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde os primeiros passos foram dados dentro do Pedagogium sobre sua direção. Será que essa atitude de Bomfim não o teria levado a uma rejeição por parte da elite intelectual? É

[25]A estética da escrita no período de transição império/republica vai de encontro a uma criação estereotipada das teorias que culminavam na Europa, sendo bem observado pela exclusão das classes marginalizadas no processo de formação e estruturação do país. Bomfim ao não seguir esse modelo de escrita e nem de ideia foi relegado a um esquecimento. Ao querer mostrar que os signos, as condutas e os ritos da sociedade brasileira deveriam seguir seu modelo próprio, ousou a ir de encontro a uma percepção das instituições sociais em desenvolvimento que incorporaram sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social hierárquica existente para o período

quase impossível responder. Mas seu método foi uma trajetória trilhada ao esquecimento por parte dos revisionistas do século XX.

Endossado sobre como pensar um Brasil misto e indo de frente à formação de leituras de uma realidade soberana na elite letrada, branca e racista, Bomfim, diferente dos demais intelectuais, pôs-se a criticar que as condições pré-estabelecidas seriam de uma exclusão total para vida dos indivíduos que ficaram a mercê do processo de "civilização", pois em suas ideias, estes teriam condições para o desenvolvimento de auto-afirmação no tocante de serem sujeitos ativos e construtores da sua própria história.

O esquecimento das teorias Bomfinianas pode estar ligado ao condicionamento em que sua escrita se inseriu. Uma cortina estética de escrita e de observação da realidade diferentes das demais, um modo próprio de se atrever em questionar como tais visões de mundo iam de encontro a uma observação da exclusão. Bomfim foi relegado às dosagens de entendimentos próprios por um corpo social marginalizado e esquecido dentro da formação republicana. Os teóricos e publicistas renegavam sua teoria por não explanar a ideia vigente e por ser um passo para o de um novo modo de como se entender o campo social da época.

A escrita de Bomfim se configurou em ganhar ideias e movimento numa prática encarada de gestos, espaços, hábitos. As formas de percepção do seu afastamento da demanda intelectual, as práticas culturais que envolvia sua escrita,o fazem angariar um espaço na construção da recepção de uma determinada hierarquia intelectual, pois sua forma de afastamento e de defender as classes sociais transpôs uma realidade diferenciada da escrita que circulava na época, fazendo várias críticas ao modo como determinadas teorias não justificavam as ideias da realidade existente, indo ao encontro de uma teoria que valorizava a construção e concepção de classes marginalizadas.

Suas publicações sempre foram criticadas por não comungar com o ideal branco e elitista, sempre colocando à frente a realidade vivenciada e não fantasiada, como os escritos circulantes da época.

Vemos que o livro "América Latina – Males de Origem" teve um grande peso ao se apresentar a uma contraposição existente de teóricos que trabalharam na perspectiva de introduzir o Brasil dentro da modernidade, enquanto Bomfim procurava o mal que atingia todo o País. Esse é o caráter do livro: mostrar realidades e cortar o tempo em pedaços para que possamos entender contextos e representações sobre. É uma exposição

necessária que faz os teóricos ficarem à margem de seu tempo ou serem reconhecidos pela sua capacidade de ir além.

Manoel adentrou na filosofia dos dominados, mexendo no arsenal dos pensamentos para propor uma nova abertura da construção da nação brasileira. Vemos suas delimitações nos grupos sociais crescentes e na forma de mestiçagem presente dentro da sociedade, numa ideia de construção identitária como resultado de forças entre as representações impostas por um determinado grupo por quem tem o poder de classificação, como também, que considera o recorte social, conferido crédito à representação que cada grupo faz de si mesmo, sua capacidade de se unir e fazer reconhecer sua existência. Neste sentindo, seus escritos apresentam considerações e posicionamento de ordens epistemológicas e políticas, inaugurando um campo processual de acontecimento voltado para uma história de comprovação e caráter científico.

Sobre a realidade vivenciada e seus paradigmas, percebemos que Bomfim elucidou as formas de contato com o próximo de uma maneira de observação e experimentação típicas de uma visão de mundo diferenciada, onde colocou suas ideias e não deixou ser corrompido pela demanda massificadora das teorias circulantes da época. A realidade vivenciada gerou contornos jamais imaginados. Conseguimos transpor e aprimorar estudos que visam trazer uma realidade por novas ópticas e olhares diversos. As ideias que Bomfim carregava convergiam com uma totalidade de conexões que fizeram sua escrita se tipificar e ir além das escritas da época, que visavam o óbvio e a projeção dentro de uma nação sem uma massa intelectualizada que tentasse entendê-la por outras vertentes e conceitos. Novas ideias de um determinado conceito sempre absorve algo dos velhos conceitos. Assim, Bomfim ousou, mas sua escrita ainda era permeada dentro de alguns padrões de ideias interligadas à sua vivência médica.

As concepções defendidas acerca da instrução pública e popular levaram Bomfim, juntamente com Elysio de Carvalho, defender a criação de uma Universidade Popular. Conhecida como UPEL (Universidade Popular de Ensino Livre) [26] estava

[26] Fundada em março de 1904, no Rio de Janeiro. A Universidade, que foi uma das mais arrojadas iniciativas dos anarquistas, tinha por objetivo ministrar um ensino superior e funcionar como centro de lazer e cultura para o proletariado. Contudo, teve curta duração, em outubro a imprensa libertária anunciava o seu fechamento. A preocupação com a criação de associações de caráter educativo era apresentada como alternativa aos locais considerados como templos da perdição: as tabernas e as igrejas: "(...) um pequeno ponto de apoio poderia ser a criação de um Centro de Estudos Sociais, onde o operário trocará seus hábitos de tavernas, igreja e jogos de

ligada diretamente ao partido Operário Independente, de inspiração anarquista[27]. A Universidade tinha como objetivo principal levar o saber e trazer à tona as ideias anarquistas para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Surgida na Europa, ganhou proporção por oferecer cursos que não eram considerados "da elite", tais como: Biologia, História da Literatura Brasileira, Historia da Civilização Brasileira, Sociologia, Higiene Social, História Geral, Filosofia e Matemática Superior, ficando a cargo de Manoel Bomfim a implementação dos cursos de Psicologia e Pedagogia.

No Brasil a palavra anarquismo sempre causou/causa espanto. A Universidade fechava suas portas por não se ter dado as devidas importâncias às teorias vigentes, por não ter defendido ideia da elite intelectual.

As conjecturas apresentadas sobre a divisão e os preconceitos sociais seriam advindas da colonização escravista e exploradora, onde a moral dos dominadores estaria acima de sua posição, a população inferiorizada, negros e indígenas, ainda estariam relegados a uma relação de verticalidade onde a velha estrutura colonial escravista se mostrava presente. Neste sentido, é possível dizer que os principais efeitos presentes destas transformações dizem respeito ao fato de que trazem à tona algumas importantes questões relativas à autocompreensão de certos povos em relação à formação de sua nacionalidade, reivindicando a tese de que o passado pode conter ensinamentos que devem ser aproveitados pelo presente a partir de uma espécie de interpretação seletiva (SOUZA, 2000, p. 45).

Na mentalidade política das instituições republicanas e em seus representantes esta relação de exploração e descriminação se fazia presente, através do preconceito e do grau de "branqueamento" do sujeito, este seria uma legitimação das relações passadas vivenciadas na colônia e naturalizadas nas republicas americanas.

---

todas as classes, trindade estúpida que o embrutece e o desmoraliza, pelo estudo constante da Sociologia." Ver: A educação anarquista na república velha, Eduardo Valladares. disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5024/3566

[27] Bomfim não era, nem nunca foi, um anarquista, embora conhecesse bem a doutrina e tivesse por ela uma indisfarçável simpatia. Socialista, Bomfim aproximou-se do partido operário independente (como mero simpatizante, entenda-se) com o objetivo de levar à população – e, principalmente, aos trabalhadores – as propostas que vinha formulando e defendendo. (AGUIAR, 2000, 280)

1.4 **Suas obras**

Bomfim esquematizou uma análise sociológica do Brasil, autor de: *América Latina – Males de Origem* (1905), da trilogia: *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e o *Brasil Nação* (1931), empenha-se em criticar os historiadores e políticos do Brasil pela deturpação da história nacional e contribuição da deterioração da nação. Tenta-se ir além, comungando com alguns aspectos na construção da criação de uma nacionalidade tipicamente brasileira, desenvolvendo uma reflexão sobre o país e seus habitantes.

Bomfim em contato com a educação e com a escrita de sua vasta obra sociológica contribuiu de forma participativa a cultura brasileira com um importante e amplo debate intelectual, sendo considerado precursor na aplicação do materialismo histórico na analise do 'passado brasileiro'. Na psicologia desenvolveu obras, tais como: *O fato psíquico* (1904), *Noções de Psicologia* (1916), *Pensar e dizer: estudos do símbolo e do pensamento* (1923) e *Métodos do teste: com aplicações à linguagem do ensino primário* (1928), além de: As alucinações auditivas e o Ciúme. Destemido, foi além do classificável, mostrava uma psicologia voltada para analise do sujeito focada nas discussões dos processos mentais subjacentes, o homem em suas obras, passa a ser um animal racional e o seu comportamento passa a ser estudado em um quadro social, o campo de investigação que traçava como característica principal as relações entre grupos, recaindo especificamente na atenção do individuo.

Em persistente contato com a pedagogia, foi um produtor de múltiplos livros didáticos destinados aos cursos primários e ensino médio. Escrevia livros, uns textos eram utilizados nas salas de aula, e conseguia fazer com que os professores tentassem ir além do colocado pelas instruções publicas. Os livros mais conhecidos são: *Compêndio de Zoologia geral* (1902), *Lições e leituras para o primeiro ano* (1922), *Lições e leituras: livro do mestre* (1922) e *Crianças e homens* (1922).

Na co-autoria de Olavo Bilac escreveu três obras: *Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias* (1899); *Livro de leitura para o curso complementar das escolas primárias* (1901) e *Através do Brasil: livro de leitura para o curso médio* (1910)[28].

[28]Através do Brasil, escrito em co-autoria de Olavo Bilac teve mais de sessenta edições, sendo que a última foi publicada no ano de 1962. Para uma análise mais aguçada da permanência desta obra ao longo do tempo, ver: SANTOS & OLIVA, 2004.

Capítulo 2: A América Latina – Males de Origem

A leitura sempre é algo enigmático, o leitor nunca sabe ao certo em que lugar irá desembarcar. "Navegar é preciso", e o livro tem essa função: fazer mostrar o que não é visível aos olhos e trazer o real para perto. Reconstruir, seria a palavra mais certa para a função social a qual o livro nos remete. Deixar o leitor se esbaldar numa aquarela de sentimentos, desejos e de entendimento de visões pensantes variadas. Trás à tona a construção de uma linearidade de épocas, sentidos, espaços, ideias. O leitor se sente indagado na procura incessante de ir além, tentando entender e explicar as variadas formas das ideias expressas. O livro abre a mente, se impõe com um efeito causa do que se pode classificar, observar, falar e dizer.

O leitor como um mero receptor de ideários, se instiga a dizer o não dito (escrito), compreendendo as entrelinhas norteadoras da concepção e construção do que se foi escrito (dito) nos textos e, como um profeta, se estimula a escrever, desenhar sobre seu pensamento numa forma de apropriação do pensamento do outro, numa compreensão mais apurada das lamentações e entusiasmos construídos ao longo da leitura, permeando a caminho mais ponderado, mais detalhado e informado, tentando seguir uma história de representações e rupturas escritas, ora criticando, ora se apaixonando pelo escrito (não-dito).

O objetivo deste capítulo é realizar um analise das principais representações e práticas historiográficas na obra "América Latina – Males de Origem" de Manoel Bomfim[29], destacando a notável relevância que essa obra teve na época em que foi lançada, como seu esquecimento por parte da elite intelectual para estudos mais aprofundados. Tentaremos seguir a compreensão de elementos que constituem a escrita desse autor, no tocante à sua metodologia, às temáticas abordadas ao longo da obra e as fontes utilizadas. Para adentrarmos os fundamentos da escrita do Bomfim, almejamos destacar autores citados, os temas como maior relevância e preocupação, os recortes cronológicos, e as ideias de cada capitulo do livro em questão.

---

[29] Roger Chartier, no livro *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990, p. 16) identifica o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade é construída, pensada, dada a ler. Para tanto, considera as representações como uma realidade produzida pela subjetividade dos indivíduos, sendo as relações sociais possuidoras de materialidade tão concreta quanto os dados materiais, físicos, corporais, percebidos no imediatismo da experiência sensível.

Os princípios de inteligibilidade que governavam a história foram sendo abalados progressivamente, abrindo caminho para uma pluralidade de abordagens e de compressões (LIMA, 2001, p. 184), recusando a ideia Braudeliana de compreensão social, foi percebida uma abertura para novos mecanismos de abordagem, a história emergiu na perspectiva dos desvios culturais e de todas as manifestações sociais. E é a partir das dos detalhamentos e observação da prática de leituras que podemos enxergar as configurações de determinadas épocas, sob o efeito de usos e significações diferenciadas. A história passa a atender singularidades especificas de cada escrita, deixando permear o não-dito[30] e é por intermédio dessas práticas de leitura, juntamente com as representações que dialogaremos a estrutura do livro América Latina – Males de Origem.

Ao analisar tal obra, ainda, verificaremos as escolhas feitas pelo autor no aspecto do lugar de produção e referenciais por ele escolhido, prestando devida atenção à ideia de operacionalização, que Chartier entendeu como configuração do tempo em função dos escritos e sua perspectiva sobre o fazer história[31] e, tentando, dessa forma, elucidar as singularidades da obra e seu reflexo como um resgate do contexto em que o livro "A América Latina: Males de Origem" foi lançado.

Sendo assim, buscaremos colocar em primeiro plano as escolhas que levaram à construção da obra abordada, e por seguinte, averiguar o quanto Manoel Bomfim transpôs uma realidade diferenciada da escrita[32]. que circulava na época, fazendo várias críticas ao modo como determinadas teorias não justificavam as ideias da realidade

[30] A operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades e que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes). Ver em CHARTIER, 1991, p.178.

[31] Numa época em que nossa relação com o passado está ameaçada pela forte tentação de criar histórias imaginadas ou imaginárias, é fundamental e urgente a reflexão sobre as condições que permitem sustentar um discurso histórico com representação e explicação adequada da realidade do que foi. Ver em CHARTIER, 2010, p.31.

[32] O cruzamento inédito de enfoques temporalmente distantes uns dos outros (a crítica textual, a história do livro, a sociologia cultural), porém unidos pelo projeto de uma nova história cultural, acarreta um desafio fundamental: compreender como as apropriações concretas e as invenções dos leitores (ou dos espectadores) dependem, em seu conjunto, dos efeitos de sentido para os quais apontam as próprias obras, dos usos e significados impostos pelas formas de sua publicação e circulação e das concorrências e expectativas que regem a relação que cada comunidade mantém com a cultura escrita. Ver em CHARTIER, 2010, p.43.

existente, indo ao encontro de uma teoria que valorizava a construção e concepção de classes marginalizadas.

O reconhecimento da identidade social que mostra a maneira peculiar de estar no mundo e as posições idiossincráticas – Ao ir de encontro com o contexto social, vemos que sua obra foi relegada a um esquecimento pelo simples fato de não comungar com as ideias vigentes.

Neste sentindo, o trabalho de Bomfim ganha notoriedade ao ir de frente com o discurso eurocêntrico, com argumentos novos e verdadeiros, formulando pressupostos a um novo modo de entendimento das cortinas estéticas de escritas. A formulação dada por Bomfim em contraposição ao que era vigente na época sobre o fator das raças serem as causas do subdesenvolvimento o leva a formular a tese do parasitismo social, estabelecendo uma comparação entre organismo animal e as sociedades humanas, enfatizando a lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo combinada com a dominação interna imposta pelas elites dirigentes.

A partir desta perspectiva, sentimos uma *lacuna* de problematização em relação às representações bomfinianas em meio social marcado pela corporeidade e sentido de verdades à exclusão do "outro". Chartier ressalta que para a história da ciência social, os indivíduos estão sempre ligados por dependências recíprocas, percebidas ou invisíveis, que moldam e estruturam sua personalidade e definem, em suas modalidades sucessivas, as formas da afetividade e da nacionalidade (CHARTIER, 1990, p.7). Tentaremos compreender, portanto, de que forma esse pensador e transformado social construiu sua narrativa.

2.1 O contexto das teorias da transição do século XIX para o XX e a publicação do livro

Predominante em todo século XIX, o positivismo de Auguste Comte criou um vasto campo de estudo e observação para regulamentar e regenerar a vida humana, unificando a cultura humanística e a científica. Trançando reflexões sobre a realidade histórica de sua época, Comte desenvolveu suas pesquisas nas organizações sociais, dividindo-as em dois critérios: uma baseada nas ordenações feudais e a outra, como classe emergente da indústria e da ciência. Ao longo dos seus estudos, ficou perceptível que essas duas classes levaram a choques latentes de desagregação moral e intelectual à fonte de entendimento da crise que envolvia seu tempo. Uma crise voltada para a superação de ordem do pensamento que fosse capaz de recompor e acelerar o processo de modernização industrial e científico[33].

O espírito positivo tentou explicar todas as concepções nascentes, desde a organização da sociedade a cientifica. Mas as disciplinas foram se adequado ao passar das épocas, seguindo a ordem de hierarquização natural dos fenômenos de acordo com o grau de generalidade, simplicidade e independência decrescente (SUPERTI, 1998, p.2). Todas envolvidas num processo de investigação submetendo os fenômenos à ação constante das leis naturais. Mas o método não foi imposto, foi sendo desenhado e experimentado pelos desenvolvimentos das ciências. Levado por uma estreita relação entre as condições sociais gerais e o desenvolvimento do conhecimento em cada sociedade,pois ao se tornar positiva, cada ciência servia de embasamento para uma teoria subsequente na classificação (os fenômenos estavam interligados entre si).

Comte foi em busca de fundar uma ciência que os fenômenos sociais observáveis estariam submetidos às leis naturais que reagissem aos contornos sociais humanos, reconhecendo, as condições invariáveis própria de cada sociedade. A física social, assim denominada, permitiria à ciência se constituir sob uma unidade de métodos e processos homogeneizantes subjacentes, deixando de lado a metódica

[33] De acordo com nosso autor, não eram as instituições, as relações materiais e estruturas hierárquica que constituíam núcleo da sociedade humana, mas sim o conjunto de ideias, representações e crenças que formavam a maneira de pensar unanimemente partilhada por todos no grupo, ou seja, que engendravam o consenso, unindo os homens em uma dada ordem. E por ser assim, tanto a superação da crise como a reorganização da sociedade não podiam ocorrer com a limitação das ações sobre as instituições, era preciso uma reforma intelectual que atingisse o modo de pensar, de representar a vida social. Ver COMTE apud SUPERTI, 1998, P. 2.

teológica e metafísica e vendo o triunfo do espírito positivo, pois o método sempre existiu, só estava incompleto e faltando adquirir ao último dos procedimentos, a comparação histórica, em analise as revoluções na sociedade e na formulação de uma nova filosofia que explicasse esse escarcéu novo de conhecimento. O espírito positivo ocasionou uma verdadeira revolução no absolutismo filosófico[34]

Comte procurava, por intermédio do positivismo, reformular moralmente a ordem que se estendia desde o feudalismo, pois entendia que o progresso dependia diretamente da natureza humana, levando as civilizações a uma completa realização em seu estágio de desenvolvimento social. Tentou unir a filosofia e política, formando um sistema universal que influenciasse todas as ciências. O pensamento social estava em ascensão e pensadores como Spencer, Espinas, Gobineau, Ward, Durkheim seguiram a linha de pensamento que levaria ao progresso universal, grande parte deles desenvolvendo teorias que levariam o entendimento de lugares e influenciariam, a grande parte dos países latino-americanos como México, Brasil e Chile.

2.1.1 Evolucionismo(s): Darwinismo Social e as teorias raciais.

A época tentou justificar todos os efeitos de colisão existente. Classificações, representações, paradigmas, cientificidades procuraram interligar a demanda social. O surgimento do racismo científico e suas respectivas divisões na política e na sociedade fizeram alargar os paralelos existentes das classes ditas marginalizadas. As teorias de cunho racial deram o tal famoso "*status quo*" ao labor científico. O mundo procurava um progresso e uma ordem, para tanto, eram necessárias taxonomias, efeitos rápidos para englobar todos os seres existentes sem deixar prejuízos para a sociedade da razão e ciência.

[34] Mas a ideia de "revolução" na filosofia da ciência moderna não é unívoca. Antes de mais nada, convém elucidar o sentido das palavras "revolução" e "evolução". A "revolução" pode ser uma mudança brusca (às vezes violenta) e/ou uma mudança radical; a "evolução" pode ser uma mudança gradual e/ou uma mudança pacifica. Como Giddens adota a expressão "evolução" como equivalente epistemológico para "ordem" ou "conversadorismo", o que se depreende e que, para Comte, as mudanças teóricas são incrementalistas e "controladas". É difícil conceber uma afirmação mais gratuita que essa, que aprisiona em uma camisa de força a compreensão da prática cientifica e teórica. Tanto Comte quanto Bachelard e Kuhn afirmaram que as mudanças cientificas ocorrem de maneira incremental e de maneira abrupta, além disso, é há muito sabido que não é possível "controlar" as descobertas cientificas, tanto no sentindo socialmente disruptivo quanto no sentido da própria prática científica. Ver LACERDA, 2009, p. 327.

As teorias para uma formulação científica sobre o conceito de divisão do ser humana por "raças" apareceram bem antes do século XIX. Desde os meados do século XVII com as ideias de François Bernier[35] até o século XVIII, com o surgimento das visões de Carlos Lineu[36] e Buffon[37], todos tentavam construir um divisão e taxonomia para classificar a cor(es) das espécies existentes. No século XIX vimos o aparecimento do termo "raça" entrar nas literaturas por intermédio dos estudos de Georges Cuvier[38] que inaugurou sua visão de mundo se justificando por intermédio de uma existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos (SCHWARCZ, 1993, p.

[35] François Bernier (1625 – 1688) foi antropólogo e médico francês que após viajar pelo continente indiano construiu uma teoria de observação das "raças" humanas, concluindo em seu livro: Nouvelle division de la terre par lesdifférentesespèces ou racesquil'habitent, publicada em 1684 a existência de quatro ou cinco raças de homens, construídas pelos: europeus, os africanos, e os lapões. Os indígenas foram considerados próximo dos europeus. Bernier foi um dos primeiros a traçar a ideia de classificação para espécie humana.

[36] Carl Von Linné, conhecido por Carlos Lineu (1707 – 1778) herdou do seu pai o gosto pela botânica, ao estudar medicina se deparou com a composição dos seres vivos, onde desenvolveu alguns trabalhos na área, chegando a se especializar em história natural. Buscou ao longo da vida formular uma teoria científica sobre a divisão da humanidade em raças, toda baseada numa geografia da cor da pele. Fundador da Taxonomia (Classificação dos seres vivos) foi o autor dos termos fauna, flora e mamíferos, entre outros, facilitando a comunicação academicista entre várias nacionalidades, por intermédio do seu livro:"SystemaNaturae" (1735).

[37]Georges-Louis Leclerc, Conde Buffon (1707 – 1788) apresentou ao longo da vida um interesse pela área de História cultural e pela matemática, aos 20 anos descobriu o teorema binomial. Com o livro "Théorie de la terre" trouxe a concepção de degeneração, sendo utilizada séculos depois para discutir as misturas das raças.

[38]Georges Cuvier (1769-1832) é um dos nomes mais importantes da história do pensamento biológico. Durante a primeira metade do século XIX, seus trabalhos e ideias foram referência obrigatória em todas as áreas da história natural. Sua teoria catastrofista, a comprovação do fenômeno da extinção e suas reconstruções paleontológicas, além de permitir, em sua época, melhor compreensão da história natural dos seres 'desaparecidos' (extintos) e viventes, preparou terreno para uma revolução epistemológica, a revolução darwiniana, que se instalaria em todas as áreas das ciências biológicas. Ao empreender seu programa de pesquisa, Cuvier realizou contribuições fundamentais em três áreas-chave da história natural: a anatomia comparada, a taxonomia e a paleontologia. De acordo com essa polaridade, a filosofia natural tratava das relações causais e matemáticas entre os fenômenos naturais, e a história natural voltava-se para a descrição e classificação desses fenômenos e dos objetos naturais de todos os tipos. Porém, como sinaliza Gustavo Caponi em seu livro Georges Cuvier: un fisiólogo de museo, não há, em nenhum desses polos, um sentido histórico. No programa cuvieriano a história natural tem o sentido de física particular, que remete a uma ciência teórica, voltada para o estabelecimento das leis da organização dos seres vivos, e não para uma ciência que preserva o seu lastro histórico, tal como a entendemos hoje. Ver o artigo: Georges Cuvier: história natural em tempos pré-darwinianos do autor F. Felipe A. Faria (2010)

47). E ainda Blumenbach[39], que seguiu a linha de raciocínio de Cuvier, estabeleceu diferenciação de cinco raças: americana, caucasiana, mongólia, malaia e etiópica. Tudo em nome do século das luzes, que tinha como pressuposto apresentar uma visão unitária e igualitária da humanidade.

Uma visão voltada para os modos europeus, um eurocentrismo científico, traçado por características fisiológicas e adentrando ao mundo dos discursos filosóficos e dos cientistas da experimentação. Os padrões dogmáticos religiosos e culturais não justificavam mais as evidências das características físicas e mentais. As teorias ainda iam de encontro como os debates religiosos na tentativa de uma disposição da fé, mas a comprovação vinha do plano material, das erudições traçadas no campo cientifico. Há exemplo, do monogenismo, onde os primeiros teóricos racistas asseguravam a unicidade da humanidade por intermédio das escrituras bíblicas, comungando na ideia de um pai universal, no caso Adão, que teria dado fruto a gênese humana:

> Deste modo, o homem teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos de homem apenas um produto "da maior degeneração ou perfeição do Éden". Nesse sentindo, a humanidade iria do mais imperfeito (mais próximo do Éden)ao menos perfeito (mediante a degeneração). (SCHWARCZ, 1993, p. 48)

Complementa Poliakov,

> A fantasia dos autores tinha livre curso, e a variação proposta eram inumeráveis, mas a tendência dominante, de acordo aliais com as sugestões etimológicas já contidas na bíblia, era a de reservar a Europa aos filhos de Jafé, a Ásia aos de sem e a África de Cam. (POLIAKOV, 1974, p. 22)

Do outro lado, os poligenistas, impulsionadores da ideia da ciência acreditavam na existência de vários centros de criação, e assim, considerando as várias diferenças raciais. Ganharam um maior impulso depois da metade do século XIX, com a

[39] Johann Friedrich Blumenbach (1752 – 1840) Naturalista e antropólogo, fisiologista e anatomista foi fundador da antropologia como ciência e defendeu a região geográfica originária e a cor da pele como elementos demarcatórios para as classificações raciais. Publicou vários livros, entre eles: Handbuch der Naturgeschichte (1779) e InstitutionesPhysiologicae (1787). Tomando como base a origem geográfica dos povos, este antropólogo dividiu a humanidade em cinco ramos raciais: branca ou caucasiana, negra ou etiópica, amarela ou mongólica, parda ou malaia e vermelha ou americana. Crendo que o berço da humanidade fosse as montanhas do Cáucaso, na Geórgia, considerava os caucasóides, grupo que incluía nativos da Europa, do Oriente Médio, do norte da África e da Índia, como o tipo perfeito.

sofisticação das ciências biológicas e a contestação crescente ao dogma monogenista da igreja (GIAROLA, p.4), à época, foi perceptível a corrente ideia da frenologia e da antropometria, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e a proporção do cérebro dos diferentes povos (SCHWARCZ, 1993, p. 48 - 49).

O evolucionismo abriu alas para o entendimento da proliferação da cientificidade que se desenhava. Desde a publicação de "A origem das espécies", de Charles Darwin, o paradigma entrecruzou as discussões raciais, passando a não ser mais explicado só pela vertente biológica, mas domado pela política e a cultura. Foi visto uma proliferação de cientistas tentando entender o social em termos biológicos (competição, seleção do mais forte, evolução, hereditariedade) um dicionário biológico, aplicado ao social e às novas vertentes dos conhecimentos e da cientificidade modelada. O darwinismo social, como ficou conhecido, ia além das proposições colocadas por Darwin, explicava um conjunto inteiro de aplicabilidade voltado ao positivismo enquanto paradigma epistemológico.

Depois do desenvolvimento da teoria da seleção natural, autores como Spencer[40] ganhou visibilidade ao trazer conceitos para justificar a formulação de uma marcha livre aos conhecimentos empíricos e de entendimento da evolução, mas repleta de achismos, para o progresso em virtude de uma lei universal. Marcha essa que iria ao encontro de um comando branco e puro (raça branca), subjugando as demais "raças" e deixando à margem (as inferiorizando), para obedecer a uma linha de raciocino de hierarquização racial. No desenvolvimento dessa hierarquia, se observou a teoria de E.B. Tylor[41] ganhar contornos para o entendimento de como podia se estruturar uma sociedade voltada para antropologia cultural e concluir que tais não eram diferentes por natureza, mas representavam um estágio anterior da evolução no caminho da modernidade e progresso:

[40] Sociólogo e filósofo inglês, Herbert Spencer (1820 – 1903) investigou e defendeu a teoria evolucionista. Tentou aplicar o conceito de evolução não só à biologia, mas também à psicologia, à sociologia, à ética e à política. Defendeu que o processo de seleção natural se aplicava à sociedade - o chamado darwinismo social -, levando à eliminação dos socialmente mais fracos. A sua obra mais conceituada é The SyntheticPhilosophy (1896).

[41] Antropólogo britânico, Edward Burnett Tylor (1832 – 1917), desenvolveu o conceito moderno de cultura. Se associa à escola antropológica do evolucionismo social, onde mescla suas teorias no tocante de entendimento da cultura humana como uma especificidade única. Sua principal obra é Primitive Culture (1871).

> Deste modo,termos privilegiados no período, como "civilização e progresso", eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Acreditava-se que o conjunto da humanidade passaria pelos mesmos estágios do progresso evolutivo. (GIAROLA apud SCHWARCZ, 1993, p. 57)

Tal arcabouço teórico fez assim por construir uma ideia de missão civilizatória das potências consolidadas. Ideias de levar para os países emergentes o "progresso" e a "civilização", pois estes ainda estavam num abismo de construções nas misturas de raças.

Nas ultimas décadas do século XIX foi visto o avanço dos povos do seu estado de barbárie sendo levado ao progresso e a civilização aos povos "primitivos", "atrasados", "descendestes direto de Cam". O conde de Gobineau[42]no seu livro "Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas", deixou claro que o grande problema desses países estaria na sua miscigenação, voltado para uma cultura da tese poligenista, vê, ainda, na raça branca a base para a salvação quando relata que "a raça branca possuía originalmente o monopólio de beleza, da inteligência e do vigor. Por sua união com outras variedades, criam seres híbridos, débeis, fortes, mas sem inteligência e, sobretudo feios" (ALVES FILHO, 2008 apud GOBINEAU, 1932, p. 209).

A ideia perpassou todo o continente e refletiu direto dentro das sociedades. Se buscou uma pureza para o mundo branco e civilizado. Francis Galton[43] trouxe a visão à

[42] Joseph Arthur, Conde de Gobineau (1816 – 1882) foi um diplomata francês que defendeu ao longo de sua vida à ideia que a raça branca e, dentro desta, a raça ariana, devem ser as raças dominadoras, por serem as raças superiores. Critica particularmente os mestiços considerando que os mesmos se tornam estéreis nas gerações seguintes. Teme o desaparecimento da raça branca da face do mundo, considerando que a percentagem de sangue ariano que resta é o único sustento do edifício da nossa sociedade que corre o risco de caminhar para os extremos da absorção. Defende a existência de três raças puras, a branca, a negra e a amarela, descendentes, respectivamente, de Japhet, Caim e Set. A obra foi traduzida nos Estados Unidos da América, servindo para defender a inferioridade da raça negra. Contudo, não se mostra anti-semita defendendo a superioridade da raça judaica. Ver: http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/autores/franceses/gobineau.htm, como também: O Inimigo do Século - Um Estudo Sobre Arthur de Gobineau 1816-1882.

[43] Francis Galton (1822 – 1911) foi um antropólogo, meteorologista, matemático e estatístico inglês que teve importância para a psicologia depois da publicação do livro: *Hereditary Genius* (Gênio Hereditário), publicado em 1869. Nele, Galton procurou demonstrar que a grandeza individual ou gênio ocorria com uma freqüência demasiado grande no interior de famílias para ser explicada por influências ambientais. Sua tese é, em resumo, que homens eminentes têm

teoria da eugenia, com uma aceitação direta, principalmente de países como Alemanha e Holanda. Nela ele desenvolveu o pressuposto básico que os caracteres mentais e, sobretudo, a inteligência eram hereditários ao mesmo título que os caracteres físicos (POLIAKOV, 1974, p. 284), começou uma busca da "higienização racial", através da intervenção na reprodução das populações, com a proibição de casamentos inter-raciais e a incidência de severas restrições sobre alcoólatras, epiléticos e alienados (SCHWARCZ, 1993, p. 60). Mas foi com o Lombroso[44] que a evolução entrou em xeque para explicar que a criminalidade não era só inata e herdada como podia ser decodificada por investigações das características anatômicas e fisiológicas, a chama "uomo delinqüente".

Todas essas teorias tentavam explicar como uma sociedade que estava aberta às novas descobertas, ao progresso sem fim e a uma ordem estabelecida, explicava os homens (grupos) que não comungavam para tal ideário, servindo de base para o imperialismo europeu e abrindo a possibilidade de que o indivíduo branco e puro atingisse o topo máximo da hierarquização da espécie em seu grau de evolução.

---

filhos eminentes. Primo de Darwin utilizou a evolução para se aprofundar nas ideias de hereditariedade e formular o conceito de eugenia.

[44]Cesare Lombroso (1835 – 1909) professor universitário e criminologista italiano. Tornou-se mundialmente famoso por seus estudos e teorias no campo da caracterologia, ou seja, a relação entre características físicas e mentais. Lombroso tentou relacionar certas características físicas, tais como o tamanho da mandíbula, à psicopatologia criminal, ou a tendência inata de indivíduos sociopatas e com comportamento criminal. Assim, a abordagem de Lombroso é descendente direta da frenologia, criada pelo físico alemão Franz Joseph Gall no começo do século IX e estreitamente relacionada a outros campos da caracterologia e fisiognomia (estudo das propriedades mentais a partir da fisionomia do indivíduo). Sua teoria foi cientificamente desacreditada, mas Lombroso tinha em mente chamar a atenção para a importância de estudos científicos da mente criminosa, um campo que se tornou conhecido como antropologia criminal. Ver: http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/lombroso_port.htm.

2.1.2 As ideias refletiram nos Brasis: Positivismo(s), evolucionismo(s), Darwinismo social e teorias raciais

A filosofia positivista alargou não somente a intelectualidade brasileira, mas como a grande maioria dos intelectuais de toda a América Latina. O Brasil que se apresentava como terra fértil da ciência, não se equilibrava mais no liberalismo. As teorias concorrentes (positivismo, evolucionismo, Darwinismo social e as teorias raciais) iam de encontro à tão esperada República, enfraquecendo o poder monárquico e redirecionando os novos rumos para o país. A cientificidade arrebatou toda a ideia romântica construída pelo liberalismo, levando a reconsiderar todas as possibilidades de um progresso futuro, o labor cientifico nasce como resposta ao meio[45].

Comte, Darwin e Spencer pareciam explicar todo esse processo que a sociedade brasileira estava passando. Um processo de projeto civilizatório em detrimento ao atraso social, e as mazelas advindas do período da colonização. O conhecimento científico das leis que regem a natureza, juntamente com as filosofias nascentes dentro desses "Brasis" tornou possível a construção de projetos que elevariam a minimizar os arcabouços de deficiência das elites em comparação a Europa. Mas a grande problemática estruturava nas divergências dos sistemas adotados para se alcançar essa civilização. Enquanto o darwinismo relegava o Brasil a uma nação degenerada de raças mistas, o spencerianismo ia de encontro a uma via liberal[46] e o positivismo a uma linha autoritária[47]. Vários foram os viajantes que passaram pelo Brasil com intuito de

[45] O cientificismo emergente vai encontrar a forma de seu discurso na própria ciência. As questões antes tomadas como eminentemente políticas serão deslocadas; trata-se agora de pensá-las no terreno social em que encontram e de equacioná-las a partir da sociologia nascente. A ciência emerge, portanto, como a grande fornecedora de respostas (...). Os críticos do Império vão investir na formulação de mecanismo que expressam efetivamente a sociedade brasileira, farão uso, para tanto, de discurso e procedimento cientifico, cabendo ao estado apenas a implementação dos remédios que a ciência receitar para os males brasileiros. De modo geral, a geração cientifica responderá por uma mesma fórmula: a conjugação entre ciência e instrução pública como meio de civilizar o Brasil. Comungava um programa: realizar um estado científico do país e plasmar um projeto civilizatório que não tivesse mais por referência o especificamente nacional, mas, ao contrario, os pontos de contato entre a cultura brasileira e a civilização ocidental. Ver em ALONSO, 1995, p. 3.

[46] As teorias agradavam aos brasileiros, serviam para vários viajantes como instrumentos para representar o Brasil como exemplo de nação degenerada de raças mistas. Assim, apresentava-se o problema de um país de "raças miscigenadas", um modelo de falta e atraso em função de sua composição étnica e racial. Ver em GIAROLA, 2010, p. 8.

[47] No entanto, os dois sistemas divergiam num ponto fundamental, a via política e ideológica de alcançar a civilização. O spencerianismo tendeu a fornecer uma via liberal para o progresso,

fornecer explicações da miscigenação brasileira e, assim, reafirmar o racismo europeu. O francês Louis Couty[48] que publicou o livro: "O Brasil em 1884: Esboços Sociológicos" foi um dos que em sua obra deixou bem explicito que as populações africanas seriam uma das causas dos males brasileiros, evidenciando o fim da escravidão e tendo como solução a imigração em massa dos europeus, pois se o Brasil tivesse, na sua concepção, aberto às portas para imigrantes alemães e italianos, e não exportado negros para os trabalhos manuais, talvez o Brasil já tivesse ficado em pé de igualdade com a Austrália e com os Estados Unidos (MAGNOLI, 2009, p. 28-29).

Gobineau também teceu comentários sobre a estruturação do país, chegando a defender que o Brasil estaria culturalmente estagnado, podendo permanecer num risco de saúde efetiva. Louis Agassiz[49] difundiu a ideia que Brasil seria o maior exemplo de

---

enquanto o positivismo comteano trazia uma perspectiva autoritária. No Brasil, cada uma das teorias foi conformar interpretações distintas da realidade social. O tom darwinista de Spencer convirá mais àquele liberalismo difuso na cultura brasileira. A concepção spenceriana da sociedade como regida por leis de seleção e adaptação similares às que ordenavam o mundo natural poderia justificar a estrutura social e política como fruto da seleção social, na qual apenas os fracos perecem. Ver em ALONSO, 1995, p. 4.

[48]Louis Couty (1854 – 1884) médico e fisiologista francês, seguiu a linha de pensamento biológico sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira e a questão econômica vigente. Segundo o cientista, os números indicavam a ausência de massas organizadas, agrícolas ou industriais, e de eleitores capazes de impor ao governo direção definida. A conclusão que tirou foi: "o Brasil não tem povo", querendo dizer com isso que o país não tinha povo político, como as nações "civilizadas" (Couty, 1988, p. 102). A conclusão seguinte era que diante de tal ausência de povo político a presença do Poder Moderador se tornava útil e necessária para administrar os estados maiores políticos em que se dividiam as classes dirigentes. Ver em Os três povos da república, José Murilo de Carvalho. REVISTA USP, São Paulo, n.59, p. 96-115, setembro/novembro 2003)

[49]Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807 – 1873) Zoólogo e geólogo suiço, ficou conhecido depois de uma expedição (Expedição Thayer) a região do Rio de Janeiro e do Amazonas para indentificar os tipos raciais existentes. Segundo ele, seu principal objetivo era pesquisar os peixes da Bacia Amazônica a fim de provar a falácia das teses evolucionistas. Nessa época, Louis Agassiz residia nos EUA, onde era considerado um grande naturalista, o mais legítimo sucessor de Humboldt. O sucesso do seu trabalho se deve à sua forte personalidade, à sua enorme capacidade de trabalho e competência, mas também ao fato de defender fervorosamente o criacionismo, numa época em que as teses darwinistas da seleção natural estavam se fortalecendo nos meios científicos. Extremamente preocupado em mostrar a natureza como obra do Criador, o zoólogo ligou-se, por intermédio de sua esposa norte-americana, a grupos unitarianistas, que admitiam releituras científicas da Bíblia, mas que evitavam o materialismo implícito no evolucionismo.1Antes de sua viagem ao Brasil, Agassiz já tivera contato com peixes brasileiros. O relato da viagem ao Brasil redigido pelo casal Agassiz, publicado pela primeira vez em 1867, pode ser analisado como uma proposta para o gênero da divulgação científica. (Ver: Lorelai B. Kury,A SEREIA AMAZÔNICA DOS AGASSIZ: ZOOLOGIA E RACISMO NA VIAGEM AO BRASIL, artigo disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAPRAAH/antropologia-louis-agassiz-no-brasil acessado 4 de agosto de 2014 as 9:24)

deterioração decorrente dessa mistura de raças, sendo as mazelas que o homem branco poderia chegar a sofrer, pois o negro, o índio tomaria suas qualidades, como energia física e mental.

2.2 A intelectualidade à brasileira

O movimento oitocentista ficou cristalizado em ideias estrangeiras e intelectuais que imitavam as ideias vindas da Europa, demonstrando foco e estreitamento em relação à história intelectual de forma que a ideologia de classe explica o movimento em termos de posição social de seus membros, a despeito dos pressupostos sobre o debate, eleva a compreensão da separação entre o campo intelectual e político e a incorporação dos esquemas explicativos dos agentes[50].

Os grupos de intelectuais seguiam ideias diferenciadas sobre a composição do país indo de acordo com a ordem de emergência pública e política em relação à elite imperial. Os Liberais Republicanos, novos liberais, positivistas abolicionistas da corte, positivistas de Pernambuco e São Paulo, federalistas científicos de São Paulo e federalistas positivistas do Rio Grande do Sul, movimentaram todos os pressupostos da política e, consequentemente, a construção de como se pensar o Brasil.

O movimento não era propriamente intelectual, mas uma ação coletiva no tocante à política. A formação de um *status quo* imperial e Saquerema[51] que identificaria tais ideários, esses sustentados na grande maioria das vezes por comunidade de experiência, repertório e estrutura de oportunidades políticas que dava

---

[50] Entendemos agentes como toda a massa intelectual pensante que tentou adaptar as teorias sociais compondo um modo próprio de entendimento da questão racial da época. Não havendo uma tradução dos textos lidos e trazidos da Europa, mas antes um trabalho de seleção para utilização dos mesmos. Os autores nacionais buscavam compreender e adaptar modelos evolucionistas.

[51]O que denominamos como Tempo Saquarema vai de acordo com as ideias de Ilmar Rohloff de Mattos: "O que denominamos Tempo Saquarema não deve ser tomado como o periodo de tempo que se estende, em linhas gerais, dos últimos anos do período regencial até o denominado "renascer liberal" dos anos sessenta, período esse que conteria aqules processos. Mas sim um periodo formado por uma singularidade e processos, isto é, como um resultado e condição da ação saquarema, porque a diração que eles procuravam exercer, e efetivamente exerceram, impunha que os Saquaremas se constituissem também em "produtores" ou "controladores" do tempo. Ver: O tempo Saquarema – A formação do Estado Imperial de Ilmar Rohloff de Mattos.

embasamento a uma ação coletiva e um sentido prático-político em relação ao movimento.

A estrutura do regime imperial ia de encontro à legitimação do *status quo* Saquarema. Elementos tais como: o indianismo romântico, o liberalismo e o catolicismo hierárquico teriam ajudado nas disputas para o desenrolar da crise do Segundo Reinado. É bem claro que os conservadores foram obrigados a repensar nos fundamentos da ordem ameaçada pelo uso constante da racionalização, as autuações do grupo não seriam revolucionarias e sim, reformistas.

Ao caracterizar a geração de 1870[52] vemos uma heterogeneidade interna que esses grupos estavam submetidos, pois os diferentes grupos que faziam parte da geração retomavam ao debate no tocante da experiência comum da marginalização política. Uma marginalização que estaria ligada diretamente às ordens etárias e ao respeito das realizações profissionais e intelectuais dentro da ordem imperial, como também à subordinação social dentro da mesma ordem, deixando claro, como integrantes de destaque eram muitas vezes impedidos de ascender pelo simples fato dos saquaremas serem incapazes de dar conta da dinâmica moderna, na qual, o Brasil estava passando[53].

O movimento dito "intelectual" via as questões de ordem política e identitária que estavam circulando na Europa do século XIX, que serviam de investigação para se analisar os movimentos de protesto e, por intermédio da literatura produzida, observar como os agentes iam de encontro a um movimento coletivo. Nesse ponto as teorias positivistas, darwinistas, liberais e, principalmente, de cunho racial, tentavam justificar a ordem imperial Saquarema ao não desenvolvimento de uma teoria de cunho político brasileiro, e sim, uma reprodução das ideias políticas europeias aplicadas, na ordem vigente[54]

---

[52] Indo de encontro a com geração de 70 colocamos em evidência as manifestações a respeito as temáticas que circulavam na época sobre o processo civilizatório do país, e todas as ideias de transição de ponto de vista material e espiritual. Como também, uma crítica a formação intelectual e das formações das instituições nacionais em espelho a Europa e suas teorias.

[53] O movimento intelectual da geração de 1870, que contava em seu repertório com as ideias do cientificismo europeu, representava uma manifestação coletiva que se expressos tanto escritos quanto em formas de ação. Os membros dessa geração graduavam em comum a experiência de marginalização política: não incorporada pelas instituições políticas, alijados pela longa dominação conservadora. Ver em ALONSO, 1995, p.35.

[54] "Deste modo, o movimento não recorreu ao repertório intelectual europeu visando a construção de teorias em meio a um debate intelectual abstrato. Componentes desses repertório foram assimilados criteriosamente, conforme sua capacidade de elucidar a conjuntura brasileira e oferecer armas para luta política" Ver ALONSO, 1995, p. 35.

2.2.1 "E quem são esses intelectuais?": as ideias excludentes e sua projeção no Brasil

O "estranho" passa ser objeto de análise dos estudos correntes, tudo que não obedecesse a uma elite branca estaria fora do processo de construção do novo país. "Os fins justificavam os meios" e as teorias justificariam todo o processo de miscigenação e atraso social que o Brasil estava destinado. Os autores brasileiros buscaram adaptar os modelos evolucionistas ao mesmo tempo em que tentavam explicar o paradoxo da aceitabilidade de uma teoria que levasse à inviabilidade futura da nação (GIAROLA, 2010, p. 10). Thomas Skidmore, por exemplo, afirmou que no Brasil a ideia que se tinha de miscigenação não acordava na elite branca como sendo uma ideia de oposição, muito pelo contrario, o mestiço tinha como ascender no topo da hierarquia social e política.

Mas as teorias vindas da Europa mostravam o mestiço como algo degenerado e doente e, para uma nação que estava aberta ao progresso, tinham de haver medidas que conseguissem eliminar essa mistura de raças para poder possibilitar uma reforma na própria ideia de mudança social[55]. É perceptível a ligação forte com tais ideários de mudança de padrões[56].

Então a solução mais cabível para tais problemas seria uma imigração de europeus que impulsionasse o branqueamento da nação, pois, a mistura de genes brancos constituiria uma raça sem perdas, propícia ao desenvolvimento de agentes sociais centrados no desenvolvimento do país, como também, o desenvolvimento da nação para o progresso sem fim. A ordem era estabelecer agentes exclusivos para

[55] Porém, as teorias raciais, da forma como eram proferidas no exterior, colocavam a mestiçagem como sinônima de degeneração racial e social. Gobineau afirmava que a raça branca era frágil, no sentido que as infusões de sangues inferiores não tardam a exercer seus efeitos devastadores. Para ele, as eis da "química histórica" pretendem que as sub-raças mistas "ternárias" e "quaternárias" sejam raças degeneradas. Ver em POLIAKOV, 1974, p. 218.

[56] "Em busca da negação da ideia de inferioridade inata dos mestiços, a intelectualidade brasileira forjou uma conclusão otimista baseada na afirmação chave de que a miscigenação não produzia inevitavelmente "degenerados", mas uma população branca, tanto cultual quanto fisicamente. A tese do branqueamento se apoiava na hipótese de que a mistura racial, da frma em que ocorria no Brasil, produzia "naturalmente" uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas." Ver em Giarola apud Skidmore, 1976, p. 72.

purificação étnica, pois sem brancos e embranquecidos, o país sofreria a falta de avanços morais e intelectuais (AZEVEDO, 1987, p. 75)

Silvio Romero[57] foi uma dos principais expositores da tese do branqueamento aqui no Brasil. Em seu livro "Cantos Populares do Brasil" (1883), o autor deixa claro que existem três tipos de povos distintos compondo a miscigenação brasileira (brancos, índios e negros puros) e viabiliza, num futuro próximo, dentre alguns séculos, o branqueamento da nação, se medidas forem tomadas. Como nos mostra Roberto Ventura sobre as ideias por ele defendida:

> "Em 1913, Romero se pôs a duvidar de suas previsões feitas anteriormente quanto a real possibilidade da extinção das "raças inferiores". "Agarrando à crença na persistência dos caracteres fundamentais das raças, nega o futuro branqueamento do homem e da nação brasileira, que se tornariam na melhor das hipóteses, mestiços. Passou, então, a temer que o Brasil viesse a ser dominado por "raças inferiores" ou cruzadas. Deste modo, tornou-se adepto do arianismo ortodoxo e atacou a miscigenação apoiado nas ideias de Gobineau sobre a decadência da civilização a partir do abastecimento dos arianos." (Giarola apud Ventura, 1991, p. 64-65)

Mas as ideias de Romero batiam de frente com as de João Batista Lacerda[58], no tocante que este considerava que os mestiços inferiores aos negros, porém, possuíam

[57] Silvio Romero (1852 – 1914) advogado, jornalista, crítico literário, ensaísta, poeta, historiador, filósofo, cientista político, sociólogo, escritor, professor e políticobrasileiro, desenvolveu teorias em vários campos de estudo. No campo das ideias e convicções, não é difícil mostrar que primeiro foi positivista e depois atacou desabridamente o positivismo; que na política de Sergipe desancou um lado e depois se ligou a ele; que considerou Luís Delfino um poetastro e, em seguida, um dos maiores poetas brasileiros; que proclamou Capistrano de Abreu o maior sabedor de História do Brasil e, mais tarde, um medíocre catador de minúcias; que era evolucionista agnóstico e afinal aderiu à Escola da Ciência Social, de raízes católicas, e assim por diante. Não é difícil, ainda, mostrar como fazia e refazia as suas divisões de períodos, os seus catálogos de bons e maus escritores, com a mania classificatória e enumerativa que era um dos seus modos de ver a literatura. (Ver: SÍLVIO ROMERO: CRÍTICO E HISTORIADOR DA LITERATURA de Antonio Cândido, disponível em: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro. Sílvio Romero 1851/1914 : bibliografia e estudos críticos. - Salvador, 1999. 67 p.)

[58]João Batista de Lacerda (1846 – 1915) médico e cientista brasileiro, defendia a teoria que agenciava a mestiçagem e mostrava como, em vez de ser um entrave, ela servia como marca de nossa 'profunda' singularidade. Por um lado, não imitávamos a política segregacionista dos EUA; por outro lado, nada sinalizava que iríamos aderir à 'tirania' latino-americana. Mais ainda: o cruzamento racial virava símbolo de nossa 'índole pacífica' e de nossa 'vontade' de não ter preconceito. Assim, constituíam-se verdades essenciais, que mostravam haver no Brasil um projeto indenitário que possibilitaria à nação alcançar a felicidade. O cientista foi, também, o primeiro professor a ministrar um curso de antropologia no Museu Nacional, cujo programa mais lembrava um projeto de anatomia. A antropologia física ou biológica era aplicada, então, sobretudo por médicos, que conheciam de perto os ensinamentos da frenologia e da craniometria, os do modelo italiano de Césare Lombroso ou os que seguiam as perspectivas de

certo prestígio, em superioridades física e moral, em relação aos pretos. E que essas misturas de raças, tendiam a desaparecer depois de feita reformas na estrutura social, levando mais de séculos para tal acontecimento. Lacerda chegou a afirmar que já se viram filhos de "métis" (mestiços) apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos de raça branca (SKIDMORE, 1976, p.82).

Uma grande parte dos intelectuais adotou tais teorias e se fez acreditar que tudo estaria explicado. Vemos um pensamento voltado para construção de uma nação branca, excluindo do processo tudo que não seguia a ordem do progresso de imitações européias, então, os negros e os índios ficariam à margem desse novo país que surgia ao mundo.

Os negros poderiam representar atraso ao Brasil, impedir o progresso e estancar o desenvolvimento. A inferioridade africana, vista até então em termos de "paganismo" e "barbarismo" cultural, começou a ser revestida por sofisticadas teorias raciais, impressas com o selo prestigioso das ciências (GIAROLA apud AZEVEDO, 1987, p. 62). Já os nativos ganharam uma maior visibilidade depois do século XIX, pois esses entraram no cenário como construtores da identidade nacional, uma mistura de justificação católica com a teoria evolucionista da espécie.

Nina Rodrigues[59] representou uma ala mais conservadora do racismo instalado sobre as concepções vigentes, indo de encontro à composição racial apoiado na Ideia de

---

teóricos franceses como Paul Broca, Quatre Fages, Adolphe Bertillon e Topinard. Por outro lado, eram bastante conhecidas as teses do conde Arthur de Gobineau (1816-1882), até mesmo em virtude de sua longa permanência no Brasil. Em seu *Essais url'inegalité des races humaines*, publicado em 1853, advogou uma noção pessimista com relação à mistura de raças humanas. Sem esquecer as máximas do zoólogo Hermann VonIhering (1850-1930) que, como diretor do Museu Paulista e em nome do darwinismo social, não esqueceu de dar um pequeno 'empurrão' na seleção natural, ao prever e pedir o extermínio dos Kaingang, os quais, por se localizarem no caminho da estrada de ferro Noroeste do Brasil, estariam atrapalhando 'os trilhos da civilização'. (Ver: Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco de Lilia Moritz Schwarcz, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100013, acessado no dia 05 de junho de 2014 as 1043).

[59] Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906) médico legista, professor, psiquiatra e antropólogo concluiu que tanto a decadência do Estado quanto o caráter epidêmico da doença conformavam uma enfermidade, decorrente de uma predisposição vesânica ou neuropata, transmitida pelo contágio por imitação, a qual operava em um meio caracterizado por circunstâncias múltiplas: meteorológicas, étnicas,político-sociais e patológicas.Ainda referenciando-se no Evolucionismo Social. (Ver:NINA RODRIGUES: SUA INTERPRETAÇÃO DO EVOLUCIONISMO SOCIAL E DAPSICOLOGIA DAS MASSAS NOS PRIMÓRDIOS DA PSICOLOGIASOCIAL BRASILEIRA de Evenice Santos Chaves, disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a03.pdf. Acessado dia 06 de julho de 2014, as 11:11)

degeneração de Agassiz e Gobineau, que viam o negro como um dos fatores responsáveis pela nossa inferioridade enquanto nação e povo e o mestiço como um sucessão mal acabada de traços físicos peculiares para ser degenerado. Nina no olhar de Skidmore:

> "Opunha-se à ideia de branqueamento, segundo a qual a miscigenação levaria naturalmente a uma raça branca, pois achava que a mistura racial apenas ajudaria na eliminação do sangue branco na sociedade brasileira. Acreditava que a responsabilidade penal das "raças inferiores" não podia ser tratada como igual ou equivalente a das "raças brancas civilizadas", isto porque, segundo ele, as características raciais inatas afetam o comportamento social e deveriam ser levadas em conta por legisladores e autoridades policiais." (GIAROLA apud SKIDMORE, 1976, p. 76).

As ideias arianistas permeavam, assim, o ideário brasileiro e um dos seus representantes, Oliveira Viana[60] viu a miscigenação por intermédio de uma política eugenista, na qual, se formaria com o passar dos tempos uma nova raça ariana nos trópicos. Uma política da limpeza humana, onde as classes marginalizadas e que não seguissem os padrões impostos, ficariam à margem:

> "O sucesso do projeto de Vianna baseava-se em causas tidas como "naturais" da "superioridade da raça humana", como: a maior reprodução da raça branca; a maior taxa de mortalidade dos negros e mulatos, submetidos àmiséria e à fome após a abolição; e no controle político-ideológico desse projeto eugenista através da imigração européia." (Barbosa, 2001, p. 17)

O determinismo geográfico ganhou um espaço caloroso nas concepções que adentraram no Brasil, pois com o estudo de tais características, seria fácil de identificar a composição racial. O inglês Henry Buckle analisou as precipitações, topografias, sistemas hidrográficos e regime dos ventos do País sem nunca ter pisado em terras

---

[60]Oliveira Vianna (1883 – 1951) pode ser considerado um precursor do pensamento social brasileiro. Munido de um rigor com método sociológico nunca antes presentes no país, seu ensaio *Populações Meridionais do Brasil*, de 1920, possui uma grande abrangência de dados e riqueza teórica. Esta qualidade teórica acima da média da época permite que alguns intelectuais contemporâneos considerem este livro o marco inaugural de uma tradição de interpretação sociológica, que teve continuidade na sociologia política acadêmica, com Victor Nunes Leal, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maria Sylvia de Carvalho Franco (Botelho, 2007). (Ver: ENGLANDER, Alexander David Anton Couto. O pensamento social de Oliveira Vianna e a cidadania no Brasil – de 1920 ao fim da década de 1940. **Revista Habitus**:revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.7, n. 2, p. 5-23, dez. 2009. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acessado em 02 de junho de 2014).

brasileiras. Henry acreditava que, diante da magnitude da vegetação e da fauna brasileira, o homem era reduzido à insignificância (Giarola, p.13). Como nos exemplifica Ventura e Skidmore:

> "O meio físico tropical não era favorável para a produção de uma civilização notadamente evoluída e, sem a ajuda estrangeira, o Brasil teria regredido. O autor ainda dizia que, mesmo no presente,com todos os aperfeiçoamentos originários da Europa, não havia sinais de progresso." (Giarola apud Skidmore, 1976, p. 45).

E ainda:

> "A concepção determinista esteve presente em diversos viajantes que conheceram o Brasil no século XIX. A natureza tropical e o mundo selvagem são vistos em termos estéticos, como forma de compensar o desapontamento com a sociedade local." (Giarola apud Ventura, 1991, p. 32).

Euclides da Cunha no seu celebre livro: "Os sertões", desenhou uma geografia marcada pelas terras áridas do sertanejo e as calamidades naturais que o assolavam. Podemos observar que tais pressupostos intercalam nas concepções desenvolvidas por Buckle, embora o problema fosse "natural" e não precipitações excessivas como tinha afirmado o autor. E apesar de inferiorizar a misturas de raças, Euclides acreditava que o sertanejo compunha uma raça forte e distinguia tipos de mestiçagens. E na sua visão, essa ideia de mistura teria sido benéfica, pois o sertanejo no caso se adaptou ao meio com uma maior facilidade, não sendo um degenerado e sim retrogrado para sua tempo/espaço.

2.3 A publicação do Livro: A América Latina – Males de Origem

A teoria conhecida como Darwinismo Social pensada de forma transitória assimilada do conceito biológico de evolução de Charles Darwin permeia o meio social das políticas e instituições sociais e fomenta concepções de evolução baseadas nos modelos de "civilidade" das "nações" imperialistas européias e americanas, desta forma justifica-se o atraso social e as causas dos problemas decorrentes das ausências de políticas sociais eficazes para a melhoria dos padrões de vida em uma conjuntura macro das sociedades. A questão política passa então para o plano de ciência relega-se a culpabilidade aos sujeitos em detrimento de suas origens biológicas e se restringe o campo das elucidações das realidades centrais das problemáticas sociais ligadas aos processos históricos.

Bomfim não conseguiu deixar despercebida a teoria positivista, a qual, a seu ver, defendia uma falsa ciência e não tinha uma crítica fundamentada da vida social[61]. Em todos seus escritos é perceptível as críticas às teorias positivistas. Em julho de 1905, publicou o livro aqui estudado e analisado "A America Latina – males de Origem" onde trazia no prefácio sua clara intenção de mostrar os males da América e o amor por sua terra natal:

> Este livro formou-se espontaneamente. Pois não é um sentimento natural, doce e confortante, esse amor ao solo natal, às paisagens que nos revelam a natureza, às coisas que nos ensinaram a vida?... Certamente, a expansão de afetos, no homem, não se limita simplesmente às terras que os nutrem, e às populações que lhe dão convívio e assistência; nos que são capazes de amar alguma coisa além da própria personalidade, o sentimento irradia-se, busca a beleza e a bondade onde quer existam, alcança tudo que sente, sorri para todas as alegrias, e sofre de todas as dores. (...) É um livro nascido, animado, alimentado e divulgado pelo sentimento; não o sentimento dos interesses pessoais, que obscurecem a razão e pervertem o julgamento, mas um sentimento que só aspira alcançar a verdade – a causa efetiva desses males, dentro das quais somos todos infelizes; o desejo de subir à civilização, à justiça, a todos os progressos. (Bomfim, 2005, p. 35 -37)

[61] No Brasil, os seguidores de Comte haviam combatido a obrigatoriedade do ensino básico e, lutavam contra a vacinação, estimulando indiretamente a ação de desordeiros e meliantes contra a vacinação. Ver AGUIAR, 295, 2000.

O livro surgiu com a clara intenção de seguir os passos do ensaio de Walter Bagehot[62], um texto que falava sobre as políticas nas Américas e observações sobre o modo de exploração dentro das colônias, como também, Bomfim já tinha debatido partes do texto incorporado ao livro no Compêndio de história da América, de Rocha Pombo.

Dividido seu livro em cinco partes, expõe, em cada uma delas, as formas negativas e preconceituosas dos europeus sobre a América da Latina, que apontam como atraso deste continente, a degeneração de raças "inferiorizadas", bem como a sustentação do meio e as asperezas do clima tropical no desfavorecimento. Publicado em 1905, foi escrito em 1903, quando o médico sergipano encontrava-se em Paris[63], provocando os leitores a refletir sobre as reais causas da situação, assim, indaga:

> Há um outro fator a indicar bem expressamente que é nesse passado, nas condições de formação da nacionalidade sul – americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais: é que, por um lado, estas perturbações, estes males são absolutamente os mesmo – mais ou menos atenuados – em todas elas; e, por outro lado, estes povos tiveram a mesma origem, formaram-se nas mesmas condições, foram educados pelos mesmos processos, e esses males eles os vêm sofrendo desde o primeiro momento. (Bomfim, 1993, p. 59)

Bomfim sabia que sua obra não iria causar uma boa impressão aos leitores. A proposta de seu livro era bem clara: demonstrar que o atraso econômico e político da América Latina não se devia à suposta inferioridade do seu povo, e nem pela culpa dos "não civilizados". Era um estudo e interesse pela humanidade, ideias patrióticas, de um novo mundo.

O livro é uma analise das causas da miséria e do atraso geral do continente, em que desmascarava o chamado racismo cientifico. A formulação dada por Bomfim em

---

[62] Walter Bagehot (1826-1877), sociólogo inglês, escreveu ainda The English constitution (1877) e Literacy Studies (1979). Joaquim Nabuco, em Minha formação (1963. Brasília Universidade de Brasilia, p. 13-24) fala da profunda influência que a obra de Bagehot (La constituion anglaise, edição francesa de The English constitution) teve na sua formação do seu pensamento político. Ver nota de rodapé: AGUIAR, 301, 2000.

[63] Em Paris, Bomfim conheceu as obras de Waitz, Martin de Moussy e Quatrefages, entre outros, que muito o auxiliaram na refutação do racismo cientifico que denominava o pensamento social brasileiro. Ver AGUIAR, 301, 2000.

contraposição ao que era vigente na época sobre o fator das raças serem as causas do subdesenvolvimento leva-o a formular a tese do parasitismo social[64], estabelecendo uma comparação entre organismo animal e as sociedades humanas, enfatizando a lógica da dominação externa imposta pelo colonialismo combinada com a dominação interna imposta pelas elites dirigentes, causava profundos males aos povos latino-americanos. A Formação em medicina pode ser percebida em alguns termos utilizado por ele ao longo da sua obra, "sintomas", "remédios", "parasitas", "parasitadas", formulações que nos remete a ir por vielas ao entendimento da sua tese.

Bomfim teve sua tese do parasitismo desmoralizada e esquecida em torno de meio século, pois batia de frente com pressupostos de ideias elitistas, estas que fizeram parte do inicio do século XX. Podemos citar como exemplo a tão propagada tese de que a mestiçagem provoca decadência da espécie que não passou ou rendiam-se as homenagens preconceituosas nas ideias do Gobineau e seus seguidores, no linear de suas analises. Bomfim criticou, reformulou e abrangeu tais prerrogativas dando novas perspectivas e olhares. Para alguns comentaristas de Manoel Bomfim, essa sua elocução carregada de biologismos que buscava dar conta da realidade social tinha ascendência nas ideias de Marx[65] (apud AGUIAR, 2000). Ventura (2001) vai mais longe ao afirmar que Bomfim criou uma "teoria biológica da mais-valia", segundo a qual "o parasitismo produziria o gosto pela vida sedentária, que levaria ao esgotamento dos recursos e à decadência das sociedades." (VENTURA, op. cit, p. 243-244).

Ao longo da obra, Bomfim tenta explicar o sistema colonial, para justificar suas intenções nas políticas coloniais e como aconteceu esta colonização:

> Aqui chegando, os aventureiros espanhóis tinham como empenho primeiro recolher todo o ouro - todas as riquezas acumuladas. Elas não

[64] Alguns autores que escreveram sobre a obra de Manoel Bomfim estranharam ou criticaram a aplicação que ele fez dos conceitos biológicos aos fenômenos sociais, principalmente a de parasitismo social para caracterizar as relações entre nações hegemônicas (parasitas) e nações dependentes (parasitados) e entre classes dominantes e classes dominadas. Noticiando o lançamento de América Latina: Males de Origem, José Veríssimo considerou um "preconceito de ordem cientifica" a utilização no livro de termos biológicos para explicar os fenômenos sociológicos. Ver AGUIAR, 306, 2000, como também, José, 1977, p.127.

[65] Karl Heinrich Marx (1818 - 1883) foi um intelectual alemão, fundador da doutrina comunista moderna, atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. A nível de estudo compreendemos o trabalho na perspectiva apresenta por Marx, como atividade fundante da humanidade. E o trabalho, sendo a centralidade da atividade humana, se desenvolve socialmente, sendo o homem um ser social. Sendo os homens seres sociais, a História, isto é, suas relações de produção e suas relações sociais fundam todo processo de formação das sociedades.

> eram fantásticas como as que os portugueses encontraram na Índia; cifravam-se em algumas toneladas de ouro, ao Norte e ao Sul do istmo - México e Peru. Mas este ouro colheram-no, não com a simplicidade e tolerância de um visitante noturno, que faz deslizar à gazua a lingueta da fechadura, apanha o que lá existe na burra, e vai embora mansamente, deixando a vítima à vida, o imóvel, os meios em suma de trabalhar ainda, e refazer de alguma sorte a existência. Há quem se limite a isto: são os bandidos e gatunos vulgares; os heróis procedem de modo mais radical. É este mesmo, o único traço distintivo entre o herói conquistador e o ladrão noturno. O processo dos capitães ibéricos, na América, não foi nem mesmo o da vespa preguiçosa e agressiva, que invade a colméia pacífica e se farta de mel alheio, matando, destruindo as abelhas que se lhe querem opor, mas que, em todo caso, deixa subsistir o cortiço; que será aproveitado pelas sobreviventes. Não; aqui chegando, eles encontraram impérios constituídos, populosos, civilizações vivazes; e, para se apoderarem de alguns carregamentos de ouro, destruíram tudo, tudo. Esse proceder não podia deixar de trazer conseqüências consideráveis para a vida econômica das futuras sociedades coloniais. (Bomfim, 1993, p. 127 – 128)

O parasitismo social integral aplicado nas políticas das colônias de Portugal e Espanha, refletiu na política do século XX, em detrimento às fragilidades alcunhadas como frutos dos chamados males da América. O uso por Bomfim de tal analogia o leva a desenvolver a sua "teoria do parasitismo", cujo argumento central é o de que o "atraso brasileiro" se devia menos à composição racial do que ao caráter parasítico de espanhóis e portugueses transmitido às terras por eles colonizadas no Novo Mundo, que forçavam seus hospedeiros a sofrer um desenvolvimento defeituoso das várias funções naturais (SKIDMORE, 1976).

No Brasil a teoria de cunho biológico será transplantada para o meio social para explicar as relações de superioridade e inferioridade das classes econômicas do país, suas explicações de caráter científico fundamentam seu pensamento social sobre as reais condições da sociedade

Na perspectiva mais abrangente de Bomfim, esta luta entre parasita e parasitado, estaria causando as mudanças históricas. Mas, no pensamento bomfiniano, esta sua maneira original de olhar ao redor de si (RIBEIRO *apud* BOMFIM, 2005), de buscar interpretar a realidade da América Latina, mais particularmente a brasileira, rejeitando "a noção pseudocientífico de superioridade das raças, atribuindo as diferenças e os graus de processos a fatores de ordem social e cultural." (CÂNDIDO, 1990, p. 12) faria a América dar um passo à frente.

As conjecturas apresentadas sobre a divisão e os preconceitos sociais seriam advindas da colonização escravista e exploradora, onde a moral dos dominadores estaria acima de sua posição, as populações inferiorizadas “negros e indígenas” ainda estariam relegados a uma relação de verticalidade, onde a velha estrutura colonial escravista ainda se mostrava presente. Neste sentido, é possível dizer que os principais efeitos presentes destas transformações dizem respeito ao fato de que trazem à tona algumas importantes questões relativas à autocompreensão de certos povos em relação à formação de sua nacionalidade, reivindicando a tese de que o passado pode conter ensinamentos que devem ser aproveitados pelo presente a partir de uma espécie de interpretação seletiva (SOUZA, 2000). Na mentalidade política das instituições republicanas e em seus representantes esta relação de exploração e descriminação se fazia presente, através do preconceito e do grau de “branqueamento” do sujeito, este seria uma legitimação das relações passadas vivenciadas na colonial e naturalizadas nas republicas americanas.

> Nos interstícios dessa malha de feudos, uma população de mestiçagem, produtos de índios e negros, negras e refugos de brancos, indígenas e escravos revéis, uma mescla de gentes desmoralizadas pela escravidão ou animada de rancores, uma população vivendo à margem da civilização, contaminada de todos os seus vícios e defeitos, sem participar de nenhuma das suas vantagens, reduzida ao viver rudimentar das hordas primitivas. (BOMFIM, 1956, p. 10)

2.3.1 A repercussão da obra

As representações, que são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real, permitem a reconstrução de um dado momento histórico através da utilização de representações como fonte histórica. Abrangemos por representação o conceito segundo Roger Chartier (2010), de interpretação dos valores e culturas sobre as quais estão relacionadas às forças de coerção do corpo social, onde as desigualdades passam a configurar a construção de uma cultura homogênea e excludente, de características próprias ligadas a noção do real e social.

Enquanto tentavam mostrar um Brasil moderno e sem problemas aparentes, Bomfim demonstrou como a América Latina estará relacionada em sua política modernizadora em relações do passado, advindas de relações parasíticas que persistiram nas décadas do inicio século XX em preconceitos apresentados sobre diversas formas de justificação cientifica, que naturalizados como verdade permearam a falta de políticas públicas e abrangeram a origem da discriminação racial e étnica das populações advindas do regime escravista.

Bomfim tinha uma ideia central na obra: a de que as sociedades latino-americanas não eram "refratárias" ao progresso e à civilização. O livro ao ser lançado gerou várias revoltas na intelectualidade brasileira. Sylvio Romero, a exemplo, fez críticas ferrenhas e defendeu[66] o pensamento racista acompanhando as ideias de Le Bon. O livro desabrocha no auge da "nova fase do imperialismo", numa escrita em que o autor radicaliza determinadas posições sobre a ordem capitalista crescente, não podendo ser assimilado pela posteridade, por causa do emprego das analogias estabelecidas no campo biológico.

Mostrando o conflito social existente (a luta de classes), já desenvolvido pelas colônias a partir das relações de trabalho entre os parasitas e parasitados, Bomfim, causou furor, ao adentrar numa visão mais estreita sobre o estado colonial brasileiro, indo de encontro ao estado repressor e instrumentalizador das classes dirigentes. Seu livro mostra o período colonial um poder estranho às necessidades da nação:

[66]Pessimistas em relação à miscigenação, afirmava que o povo brasileiro era altamente "medíocre"; que a nação, para cumprir o seu papel na história da civilização, deveria separar-se da raça negra, do selvagem tupi e do português aventureiro. Estas concepções o colocavam como representante típico do darwinismo social e da nova ofensiva capitalista mundial. Ver Silva, 2010, p. 56.

> "Um simples de perceber tributos, armada com aparelhos de opressão, que lhe garantiam a posse da presa – a ventosa e os colchetes do parasita; cobrava, coagia, prendia, matava; criticava privilégios, defendia-os. (...) O Estado era parasita das colônias, a igreja parasita direta das colônias, e parasita do estado. Com a nobreza sucedia a mesma cousa: ou parasitava sobre o trabalho escravo, nas colônias, ou parasitava nas sinecuras e pensões. A burguesia parasitava nos monopólios, no tráfico dos negros, no comércio privilegiado. A peble parasitava nas adros das igrejas ou nos pátios dos fidalgos" (BOMFIM, 1956, p. 208 - 298)

Esse fragmento deixa clara a linguagem metafórica do autor, corroborando que o "parasitismo social" é visto como a "causa originaria dos males" que tomou conta do Estado Brasileiro. Podemos perceber que Bomfim, através da análise de cunho histórico, fez perceber a existência de um campo voltado para uma escrita direcionada a uma determinada classe dominante. Esta característica serve de base empírica para se analisar a sociedade em que este viveu através do desvelamento, não só de uma vertente de estudo, mas de múltiplas concepções e o porquê do seu silenciamento.

Através das pesquisas e do uso do método, podemos perceber que o parasitismo social integral aplicado nas políticas colônias de Portugal e Espanha, refletiu na política do século XX e nas fragilidades fruto dos chamados males da América. O contexto apresentado por Bomfim irá demonstrar como a América Latina estará relacionada em sua política modernizadora em relações do passado, advindas de relações parasíticas que persistirão nas décadas do inicio século XX em preconceitos apresentados sobre diversas formas de justificação cientifica, que naturalizados como verdade permearam a falta de políticas públicas e abrangeram a origem da discriminação racial e étnica das populações advindas do regime escravista e explorados. Tendo como objetivo o "de proteger os indivíduos contra a natureza, contra as causas naturais de miséria, contra a ignorância, contra o preconceito, contra a superstição." (BOMFIM, 2005, p.70). Seus descendentes sentirão este reflexo e a sociedade apoiará sobre novas formas estas desigualdades.

No desenvolvimento das teorias Bomfinianas é perceptível o quanto o pensamento é inovador. Por sua ousadia em apontar o chamado racismo científico que hipnotizava parte dos intelectuais e da elite brasileira, a ideia de progresso, que tanto almejava, estava intrinsecamente ligada à educação e não relacionada com as questões raciais e o clima tropical como uma forma de atraso enraizado. E o objetivo é

demonstrar como esse método consegue abranger tais perspectivas e ir de encontro com as especificidades da obra.

Capítulo 3: A escrita de Bomfim e a historiografia

O objetivo principal desse capítulo é realizar uma análise da escrita de Manoel Bomfim destacando a relevância dos diferentes projetos para construção e efetivação da escrita da história nacional e, por conseguinte, evidenciar a disputa em torno do passado desejado para uma nação que estava aberta à "ordem e progresso". O que se propõe observar pode colaborar com estudos sobre a questão nacional, levando em consideração alguns apontamentos com critérios historiográficos.

Para atingir esse desiderato, inicialmente executou-se o recorte dos conteúdos, de algum modo, já realizado quando da seleção da fonte, conformada na obra a ser objeto de investigação. Num segundo momento, em relação ao próprio objeto construído e intenções da pesquisa, se assinalaram as unidades de conteúdo que, dadas às metas propostas, formaram uma constelação de sentidos. Assim, a designação das unidades de análise seguiu uma ordem temática ou concernente às estruturas gramaticais como orações e frases, expressando termos particulares sobre o saber e fazer historiográfico dos anos 1970/80. Consequentemente, estas permitiram responder as arguições realizadas ao seu objeto. O corolário da relação estabelecida entre o investigador versado na arte de inquirir, a criação da problemática e o conhecimento proporcionado sobre o que se almeja conhecer dentro de uma totalidade possível, se constitui em segmento do próprio ato da pesquisa.

Manoel Bomfim inaugura dentro do campo historiográfico pressupostos básicos para entendimento de sua visão de mundo desvelando aspectos contrastivos em relação à miscigenação e os atrasos que o Brasil foi relegado. Descrevendo a sua escrita como uma realização científica e percussora de um modelo para as demais pesquisas daquela área, podemos compreender melhor os embates feitos na construção de sua visão sobre a história nacional.

Nisso podemos delimitar que a história das ciências para Bomfim estaria interligada ao conceito de cientificidade que adotamos ao longo da dissertação, onde as teorias faziam parte do entendimento da própria ciência e no tocante ao contexto vivenciado da época. Percebemos que Bomfim ao adotar uma escrita de combate às teorias vigentes, teria feito uma revolução dentro de um imaginário na construção e concepção da sociedade brasileira de transição.

Bomfim, ao formular tais ideias, alavancou um novo modo de se repensar o Brasil: “uma nova teoria, por mais particular que seja o âmbito de ampliação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores.” (KUHN, 1975, p. 26)

Bomfim ainda nos mostra que sua escrita é um sinal de amadurecimento da pesquisa desenvolvida ao longo dos anos por contato direto com seu objeto de estudo. Ao longo de sua história, as teorias concorrentes foram substituídas por uma teoria comum, ocasionando o desaparecimento das divergências iniciais existentes entre os pesquisadores, por isso o esquecimento das teorias Bomfinianas. Essas pesquisas se caracterizam também, por conseguirem adesão de um grande grupo de partidários. Enquanto Bomfim mostrava as mazelas e promulgava um projeto político, a grande maioria dos pesquisadores e estudiosos iam de acordo com as teorias vindas da Europa de exclusão e segregação racial.

E assim, pretende-se desdobrar os *endurecimentos* dos escritos de Bomfim, pois ele não seguia o paradigma vigente, mas construía sua própria concepção de escrita, onde suas obras eram, antes de tudo, uma reflexão sobre uma forma de abranger um Brasil deixado nas tirinhas do esquecimento, pois foi uma voz ‘vencida’ pelo então movimento historiográfico dos anos 30 - estes detentores de um implacável poder de exclusão.

3.1 – O IHGB e as reflexões do "novo Brasil"

A partir da emancipação política em 1822, as reflexões sobre a escrita da história, no Brasil, ganharam uma relevância no processo de construção do Estado Imperial, emergindo um tema central na discussão da intelectualidade e dos estudiosos: definir uma identidade para nação brasileira.

Com o surgimento do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), em 1838, foi notória a preocupação em reavivar o passado e trazer à tona as lembranças contidas nele a partir de um novo projeto político, cuja função era introduzir no Brasil a ideia da história como legitimadora de uma nação que precisava se impor em termos de ciência. Pode-se asegurar que o IHGB desempenhou um papel crucial para toda produção historiográfica que sucedeu a sua criação. Era, pois, uma instituição cultural que tinha como objetivo traçar a gênese e todos os pressupostos da nacionalidade brasileira[67].

Nessa perspectiva, o IHGB foi um importante centro na construção de uma historiografia que estabeleceu visões de mundos e interpretações diversas sobre a questão da nacionalidade brasileira. Os intelectuais do período oitocentista ficaram por delimitar tais pressupostos e desenvolver e aplicar as possíveis práticas históricas da época. Pensando por meio de dois projetos, o IHGB propôs refletir sobre o Brasil no tocante às ideias de civilização e progresso[68].

A geração de 1870 foi um marco na chamada "invasão historiográfica". Um segundo momento na historiografia nacional que trazia ideias inovadoras, transformadoras e revolucionarias invadindo o Brasil e trazendo novas concepções e

[67] Enquanto na Europa o processo de escrita da história se desenvolveu tanto nos institutos e Academias quanto nos espaços universitários, no Brasil esta tarefa ficou restrita a uma academia que apresentava um acesso limitado e regulamentado por critério que passavam pela teia das relações sociais e pessoais. (Ver em GUIMARÃES, 1988, p. 5 a 27). O IHGB foi o principal centro de estudos históricos no século XIX, posição mantida até a década de 1930, quando surgiram as Faculdades de Filosofia do país. Assim, podemos afirmar que o IHGB nasceu com a missão de pensar a história prática apoiando a consolidação do estado nacional e a preservação de sua unidade política e territorial. Perante essa simbiose entre estado e historiografia, o instituto se tornou "um guardião da história oficial. Ver em GUIMARÃES, 1995, p. 573.

[68] O IHBG se propôs a pensar o Brasil por meio de um duplo projeto: alcançar uma gênese da nação brasileira e ao mesmo tempo inseri-la em uma tradição marcada pela ideias de civilização e progresso, noções importantes ao pensamento iluminista. Já nas primeiras produções escritas sob a tutela desse Instituto, podemos notar a forte intenção de seus autores de ditar e especificar certos procedimentos para uma elaboração correta da história. Ver em TONON, 2014, p. 29.

visões de mundo[69]. Ideias mescladas às doutrinas européias que serviram de base para uma releitura do país, ora se aproximando dos conceito científicos, ora se distanciando.

No começo da República no Brasil a historiografia tinha a missão de atribuir e construir uma identidade para nação. Uma época propícia a isso, pois o estado precisava de figuras legitimadoras para o debate de ideias políticas e culturais que dessem embasamento à construção e solidificação da Republica brasileira. Um período corporificado pelo desafio da modernização, por uma ideia de modernidade e uma ampla atividade intelectual que tentasse suprir a sociedade recém-saída da escravidão e do regime monárquico, considerados como o atraso nacional.

Podemos afirmar que o início do regime republicano foi traçado por disputas dos sentimentos passados, em contraposição, a criação de um sentimento forte nacional. Trava-se uma disputa em torno da antítese, novo – velho, cujo objetivo era adentrar nas classes populares recriando ideias para efetivação das ideias republicanas[70]. Tais transformações ocorridas depois da introdução do regime levaram ao interesse de renovar aspectos da historia nacional com a finalidade de construir uma tradição republicana. As ideias eurocêntricas foram alvos diretos dos nossos intelectuais, como pode ser reviso no capitulo 2.

No início do século XX, a discussão gira em torno da cientificidade da história. O Brasil não podia se tornar civilizado sem a ciência, ou seja, não poderia ocorrer um progresso sem um desenvolvimento cientifico[71]. O IHGB ganhou notoriedade mediando esses debates da criação do sentimento nacional e de o que podia ser ou não

[69] Como foi visto no capitulo 2, Neste momento, teorias científicas formuladas na Europa adentraram o território nacional e revolucionaram as bases da compreensão da sociedade. O romantismo e o ecletismo foram substituídos pelo realismo e pelo cientificismo. O evolucionismo, o naturalismo, o positivismo e o transformismo foram algumas das correntes teóricas que trouxeram uma renovação ao pensamento nacional, lembrando, porém que além desses esquemas explicativos que visavam, de fato, implantar uma novidade em relação ao que se praticava, existia também um conjunto de referências, um trabalho acumulado de reflexão interna com o qual esses historiadores precisavam dialogar. Podemos entender, portanto, a produção intelectual pós-1870 a partir de duas vertentes: a experiência nacional e o repertório europeu. Ver em TONON, 2014, p. 30. Apud ALONSO, 2002.

[70] A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de regimes políticos. Ele se constrói e se expressa através de ideologias, utopias, símbolos, alegorias, rituais e mitos. É nele que as sociedades definem seus objetivos e organizam seu passado e seu futuro. Ver em CARVALHO, 1990, p. 10.

[71] Com isso o debate referente a questão da definição do que se entendia por ciência e, especificamente, por ciência social, ganhou relevância. Por meio da busca de seu caráter científico, a disciplina histórica estabelece uma tentativa de delimitação de sua identidade, apoiando-se, desta maneira, na defesa de uma moderna cientificidade. Ver em GOMES, 2012.

história, ideia ligadas à formação do sistema republicano. O IHGB surge com um perfil voltado para formação de um país que precisava ganhar visibilidade e introjetar na mente da sociedade pensamentos e ideias que dessem embasamento à nova forma política estabelecida.

O IHGB passou por uma turbulência na transição da Monarquia para República, devido às formas organizacionais e políticas dentro da instituição e, principalmente, devido aos seus estreitos vínculos com o regime monárquico. Por intermédio desses acontecidos, o instituto se debruçou sobre a necessidade da construção de uma escrita da história, e de uma cultura política e cívica republicana. Pois toda história até então pensada voltava-se para o projeto político bragantino, e o patriotismo, que servia de norte para a instituição. Como o novo projeto do amor à pátria, ao invés de diminuir os erros, acabou por agravá-los, motivando as ideias de buscar revigorar os estudos sobre o passado brasileiro, fazendo com que o historiador partisse para perspectiva da imparcialidade dos documentos e que novos documentos fossem buscados, e os que já existiam fossem revistos[72].

O período republicano é um momento de grande importância para historiografia nacional, momento de reflexões, de como se pensar uma nação e de que modo saberes e poderes poderiam contribuir para legitimar novos horizontes, novos impulsos e novas verdades para consolidar o sistema[73].

3.2 – História, tradição e consciência nacional e o desenrolar da formação da nação.

[72] Três questões apareceram com freqüência nos estudos publicados no período da Primeira República pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico, são eles: a imparcialidade do historiador, o uso dos testemunhos como prova, e a existência de uma lacuna entre o acontecido e o relatado. Ver em HRUBY, 2008.

[73] Um desses momentos apresenta duas visões diferentes: a primeira avaliava positivamente o passado colonial e imperial, acreditando no valor das nossas tradições, fruto da colonização portuguesa e da influência da Igreja Católica. Já, a segunda, via a República como uma ruptura necessária com o passado português corporificado no regime monárquico. Para esses republicanos, a nacionalidade seria o resultado da luta contra o passado e a organização de uma nova sociedade. Outro ponto importante destacado é a presença da intelectualidade cientificista que, assentada sobre a desigualdade das raças, era extremamente pessimista em relação ao destino do país, já que a miscigenação era vista, por eles, como prejudicial, que, supostamente, comprometeu os alicerces do país. Ver em OLIVEIRA, 1990. P. 24

Manoel Bomfim, bem como os demais intelectuais da sua época buscava uma verdadeira tradição nacional, tentando encontrar uma origem da nacionalidade brasileira e seus males. O "Mundo civilizado" era um projeto concretizado, uma ideia que tinha de ser posta em prática. Procurar entender o que deveria ser feito dentro do Brasil foi o alvo maior de Manoel Bomfim. Se debruçando sobre a escrita da história e a função pedagógica, acreditava que tais meios eram de fundamental importância para o desenvolvimento da nação[74].

Bomfim queria mostrar que a educação poderia transformar o individuo, despertando na população um sentimento de pertencimento, voltando-se para uma história que tinha objetivos claros: buscar uma verdadeira história nacional, para que, dessa maneira, pudesse fornecer aos cidadãos uma educação cívica em que a população cooperasse para o futuro do país.

A partir disso acredita-se que em seu livro America Latina – Males de Origem, Bomfim voltou-se para a história e sua escrita com uma intenção de mostrar à intelectualidade brasileira que o Brasil e a América Latina, como um todo, estava precisando passar por transformações de cunho inovador, como explica Bomfim na introdução do primeiro capítulo do livro mostrando as ideias do continente Europeu sobre América Latina:

> "A opinião pública européia sabe que existe A América Latina... e sabe mais: que é um pedaço de continente muito extenso, povoado por gentes espanholas, continente riquíssimo, e cujas populações revoltam-se frequentemente. Essas coisas, porém, já lhe aparecem num vago mal limitado; riquezas, terras vastas, revoluções e povos, tudo se confunde para formar um mundo lendário, de lendas sem grande encanto porque lhe falta o prestigio da ancianidade. Onde estão essas riquezas, o que valem; como se fazem as revoluções, quem as faz, onde as fazem: são questões que se não definem, se quer, no obscuro longínquo desta visão única – a América do sul... É dela que se fala. Mesmo quando venham nomes particularizados – Peru, Venezuela, Uruguai... não importa: o que está ali, a imagem que se tem mente é da América do Sul." (Bomfim, 2005, p. 41)

[74] Desse modo, a escola assumia grande importância para a construção do povo, da nação e dos direitos de cidadania. Ela aparecia no discurso pedagógico como fundamento de valores como: Democracia, República e Liberdade. Cabia ao novo regime formar, através do ensino, outro povo, educado, civilizado, e regenerar a sociedade doente e reduzida à miséria. A prática tradicional da política brasileira e mesmo de alguns países latinos – americanos na construção do estado nacional, em que se unem setores liberais e conservadores no sentindo de "mudar conservando" com exclusão de setores populares do acesso aos bens sociais, permitiu que as elites agrárias e industriais tutelassem de maneira autoritária a economia e a sociedade por meio de políticas altamente comprometidas com seus interesses de classe. Ver em SILVA apud CRUZ & JÚNIOR, 2010, p. 60.

De tal modo, Bomfim configura a sua escrita para criticar as ideias que estavam circulando na intenção de realizar, de maneira clara, os atrasos do Brasil e porque este país ainda se encontrava num patamar inferior aos demais da Europa[75]. No decorrer do livro America Latina – Males de Origem, Bomfim buscou o que estava de mal dentro do País e como a construção da República precisava desmistificar tais atrasos para que o povo brasileiro conseguisse ir adiante à produção de um futuro grandioso, um futuro do progresso. No tópico a seguir distinguiremos as formulações feitas por Bomfim ao longo da obra, topicalizando de acordo com os enunciados da divisão do livro, com intuito de historicizar sua escrita e os pressupostos da formação da consciência social, como também, enaltecendo o processo de escrita emancipatória e os atrasos históricos da sociedade brasileira.

3.2.1 – A América Latina – Estudo de Parasitismo Social

A história para Bomfim seria uma formulação da própria tradição, um reduto fornecedor ao acesso em que a tradição seria a força motriz, orientado pela marcha evolutiva rumo ao progresso social. A história estaria na evolução do homem e geraria uma confiança na perspectiva de entender o passado com projeção no futuro[76].

Bomfim acreditava que a formação da consciência era de total importância para o desenvolvimento do sentimento nacional, e tal interesse servia de pressuposto básicos para entendermos o conceito que devolveu para explicar o Parasitismo existente dentro das Américas:

[75] Bomfim tempos depois escreve o Brasil na História, voltando para a história e sua escrita com a intenção de realizar uma crítica à forma com que ela foi produzida e ensinada até então. Já que, segundo ele, a nação tem "(...) o dever de cultivar e defender a tradição nacional, na fórmula prática de defender e depurar a história em que ela se contém e se sistematiza (...)".Ver em TONON, 2014, p. 35

[76]A primeira noção importante para a compreensão das formulações a respeito da história produzidas por Bomfim é a sua construção da ideia de consciência. Segundo o autor, a consciência é fundamental para o progresso, já que é por meio dela que as energias características de cada povo se revelam, exaltando, dessa forma, as potencialidades, ou, como prefere Bomfim, os "dons naturais da nação". Assim, o progresso não se faz no vazio: é necessário, para atingi-lo, o fortalecimento e a elevação das potencialidades de cada nação, ou seja, é necessário exaltar a tradição, ou ainda, despertar a consciência nacional, para que este estímulo gere ação e desenvolvimento. Ver em TONON, 2014, p. 36

> "No entanto, haveria verdadeira vantagem para Europa em conhecer bem, a fim de julgar com segurança e justiça, a situação e as condições políticas e sociais dos países sul-americanos. Haveria grande vantagem para ela, e por conseguinte para humanidade e a civilização em geral, e vantagem para nós em particular." (BOMFIM, 2005, P. 47)

Sendo assim, todo nosso progresso estaria recluso às consequências do que a Europa teria feito dentro das Américas, um parasitismo perceptível, ocasionando todo nosso retrocesso:

> "Tais são as consequências para nós mesmo da reputação malévola que fez a Europa a nosso respeito. Ela nos embaraça de toda sorte de embaraços. É certo que, nesta hora de universal egoísmo, isto não comove muito os estadistas europeus; mas eles podiam refletir sobre o caso e ver que os próprios interesses da Europa, e a causa da humanidade em geral, sofrem desta malevolência infundada. Porque, em suma, as grandes nações colonizadoras ainda não puderam avançar sobre o continente sul – americano". (BOMFIM, 2005, P. 51)

3.2.2 Parasitismo e Degeneração

Bomfim, via na moral e na justiça valores que tinham como guiar a humanidade rumo ao progresso, embora esta possuísse valores intrínsecos à sua existência e ao seu agir, a ética validaria o intermédio da racionalização e as posturas a serem seguidas. O ser humano seria um animal vivo, ativo e transformado da sua rede social, sujeito biológico seguido por fragmentos evolutivos do social, agente no processo de rumo ao progresso. Assim o médico configurava a ideia do ser biológico e do parasitismo presente nas sociedades[77].

Ou seja, a ideia parasítica criou a edificação de modelos que teriam assegurado o retrocesso do desenvolvimento político, como também, mostrou como sua escrita estava

[77] Como organismos vivos, as sociedades dependem não só do meio, não só das condições de lugar, mas também das condições de tempo. Quer dizer: para estudar convenientemente um grupo social – uma nacionalidade no seu estado atual, e compreender os motivos pelos quais ela se apresenta nestas ou naquelas condições, temos de analisar não só o meio em que ela se acha, como os seus antecedentes. Uma nacionalidade é o produto de uma evolução; o seu estado presente é forçosamente resultante de ação do seu passado, combinada à ação do meio. É mister estudá-la "no tempo e no espaço"; a linguagem é um pouco pretensiosa e rebarbativa, mas exata. Isso mesmo sucede com os organismo biológicos: se num espaço, num meio muitas vezes restrito, único e igual, encontramos organismo de uma diversidade infinita, é porque eles não dependem só do meio atual, mas também das condições e formas anteriores, que a hereditariedade conserva. (BOMFIM, 2005, P. 58)

de acordo com a percepção da construção social naquele momento. A formação de uma consciência nacional voltada para criação de um estado republicano e centralizador.

Desse modo, nota-se que Bomfim ao adentrar na ideia parasitaria opositor a ideia do nacionalismo bragantino[78]. E construir uma nacionalidade própria e brasileira seria necessário para o entendimento da nação republicana que nascia: Tal é o caso das nacionalidades sul-americanas. Aparentemente, não há nada que justifique ou explique esse atraso em quem veem, as dificuldades que tem encontrado no seu desenvolvimento. O meio é propicio, e por isso mesmo, diante dessa anomalia o sociólogo não pode deixar de voltar-se para o passado a fim de buscar as causas dos males presentes. (BOMFIM, 2005, P. 59).

Sendo assim, o termo parasitismo ao ser historicizado, se coloca como uma forma de mostrar que a sociedade teria de assumir papéis próprios e ir em consonância a massa intelectual pensante, ao mesmo tempo que, ao assumir o termo biologicamente, colocava os indivíduos no mesmo grau de involução, onde a função vital era a mesma para todos os indivíduos e ser um parasita na sociedade republicana era uma pedra que deveria ser retirada. Assim, é uma consequência fatal em biologia que, tornando-se parasita, um organismo degenera, involui. (BOMFIM, 2005, P. 65).

O processo de degeneração colocado por Bomfim, em sua ótica, poderia ser visto como um motor do entendimento de todo o atrasado que as sociedades latinas americanas estavam passando. Levar a Humanidade rumo a um futuro seria um desafio, pois para este autor, os organismos biológicos definiriam os organismos sociais. Um paralelismo perfeito com o progresso orgânico – diferenciação dos órgãos, especialização das funções, divisão do trabalho – estas são condições indispensáveis à perfeição (BOMFIM, 2005, P. 65).

Bomfim parece considerar que tais determinações biológicas, ao passar dos tempos, iriam ganhando especificidades próprias. Segundo ele é a partir do entendimento de como esses organismos desenvolvem e do embate em deixar pra trás todo retrocesso[79], que foi determinada sua teoria da degeneração, onde os indivíduos que são parasitas de outros, acabam por degenerar-se:

[78] A grande maioria dos intelectuais da época acreditava na teoria da herança bragantina ser o atraso e as mazelas do País.

[79] Como já foi enfatizado, para Bomfim, o progresso não se faz no vazio e daí vem a necessidade de se buscar fatos que deem destaque à tradição, para que as consciências mergulhem nela e a incorporem, dando-lhe vida através da ação. Assim se justifica o quão fundamental é a história para esse autor, pois, se por um lado, quando escrita corretamente, sem

> Se a marcha do progresso e da evolução é a mesma nos organismos biológicos e nos sociais, e de fatal que as circunstâncias capazes de entravar esse progresso nos primeiros há de forçosamente produzir os mesmos efeitos nos segundos. Demais, o simples exame do fato em si é bastante para mostrar que um grupo, um organismo social, vivendo parasitariamente sobre outro, há de fatalmente degenerar, decair, degradar-se, evoluir, em suma. (...) Ora, uma sociedade que viva parasitariamente sobre outra perde o hábito de lutar contra a natureza; não sente necessidade de apurar os seus processos, nem de pôr em contribuição a inteligência. (BOMFIM, 2005, P. 66).

Com as observações realizadas, podemos concluir que as distinções feitas pelo autor e qual sua intencionalidade em abordar tais perspectivas. Bomfim não sou ousou como também, conseguiu demonstrar que tais atrasados poderiam ter outras interpretações, outras leituras sobre o campo social. Na sua visão, os grupos sociais humanos, os efeitos do parasitismo são os mesmos.

> Sempre que há uma classe ou uma agremiação parasitando sobre o trabalho de outro, aquela – o parasita – se enfraquece, decai, degenera, extingui-se. É fato reconhecido – e geralmente mal interpretado, mas em todo caso incontestável – a decadência, por toda parte, e a extinção dos elementos que formam as classes superiores, dominantes, exploradas, em todas as civilizações, tanto nas antigas como nas modernas. (BOMFIM, 2005, P. 70).

3.2.3 As Nações Colonizadoras da América do Sul

Em seus esforços para definição da nação, Bomfim dedicou-se ao processo de como as nações colonizadoras da América do Sul empenharam-se em parasitar todos os bens que essas colônias podiam oferecer. Como já dito, as nações difundidas por Bomfim se encontravam num atraso e estavam totalmente na construção de uma identidade nacional. Ele ao delimitar como o estereótipo de nação enfatiza características de nossos colonizadores, colocando as Américas em patamar abaixo, reafirmando a ideia de um projeto que precisava ganhar impulso, o de transformação das Américas numa nação do futuro.

---

deturpações, ela dá o estímulo necessário para a evolução e modernização da nação, por outro, quando alterada, falsificada, gera um sentimento de inferioridade que impede o progresso. Ver em TONON, 2014, 40.

Sua narrativa seguiu uma periodicidade de ascensão da vida dos povos colonizadores das Américas em comparação às colônias. Mostrando a presença da civilização Ibérica, e todas as frustrações que os colonos tiveram a serem submetidos a um sistema parasitário, Bomfim justifica todo esse ideário ibérico à tradição[80] que esses povos tiveram desde a sua formação enquanto civilização: Aquelas populações tinham já no sangue e nas tradições a predisposição natural a essa vida belicosa – celtifenícios de um lado e godos do outros. A ocupação sarracena transporta-as às condições do bárbaro primitivo. (BOMFIM, 2005, 83).

Portanto, para o médico, a gênese desse processo civilizatório, iria de encontro às tradições estabelecidas pelas ideias que a consciência social poderia formar[81]. Acreditava num perfil de respeitos mútuos da velha tradição com a nova. Mas para que isso existisse era necessário reformular a educação e adentrar numa nova forma de pensamento, levando a formulação de uma nova tradição. Na visão do sergipano, existia um parasitismo heroico, que deveria ser questionado, por uma transformação sedentária (degeneração)[82]: (...) as causas que turbaram o prosseguir da nacionalidade brasileira, como sejam ataques sistemáticos à tradição já definida, efeitos da degradação e degeneração da metrópole, reagindo sobre a colônia – em lesões diretas e contaminação pútrida (...). (BOMFIM, 2005, 30).

A tradição, na perspectiva de Bomfim, estaria interligada ao legado deixado pelas ciências, ao afirmar que historiografia brasileira estaria baseada em inverdades e, por não acreditar que a história não fosse uma "simples narrativa dos fatos ocorridos", começou a delimitar um novo olhar sobre a história e formular sua ideia de tradição ao narrar todos os fatos ocorridos desde a chegada ibérica dentro das Américas. A tradição

[80] Dessa forma, ao rejeitar a história, Bomfim instruiu que, para a produção de uma história nacional deve-se expurgar da historiografia os vícios e defeitos, corrigindo também suas ditas falsificações. Bomfim queria "limpar" a história brasileira baseando-se na tradição nacional (TONON, 2014, 68).

[81] Bomfim por ter tido contato com a psicologia, comungava da ideia do psicologismo: Na filosofia da lógica, o psicologismo é a perspectiva segundo a qual a lógica se baseia nas leis do pensamento, em que estas são as descrições dos processos por meio dos quais os seres humanos efetivamente pensam. A lógica tornou-se, não tanto uma disciplina normativa, que estabelece normas de verdade com as quais os o pensamento deve conformar-se, mas uma construção baseada em padrões aos quais o nosso pensamento se conforma realmente. (Ver: BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.p. 325)

[82] As ideia de Bomfim em quase todas suas obras são apresentadas por intermédio da ideia de confiança, de tradição, a tradição no Brasil, o progresso, a relação entre tradição e progresso, a degeneração psíquica e a decadência nos valores humanos com a conseguinte degradação das tradições.

na perspectiva do médico é mostrada como um repulsa enorme ao costumes impostos pela tradição bragantina:

> Vimos as nossas tradições desnaturadas, os seus heroísmos infamados, falseada a essência da sua história... E ainda não é tudo; nem é, mesmo, o mais grave. A deturpação suprema, verdadeiro crime contra a pátria, está nos defeitos positivos imputados ao Brasil, nas desenvolvidas mentiras com que contaram decorrências mínimas, a fim de fazer valer a ação dos Braganças, a quem queriam engrandecer. Inimigos, não caluniaram a Nação Brasileira como fizeram os seus historiadores, repetidos nos políticos. Em suas obras confusas e opacas, desaparecem as qualidades características do povo brasileiro, qualidades propositadamente escondidas, quando não são ostensivamente negadas. (BOMFIM, 1930, 139)

Como exemplo máximo da ideia parasitismo heroico, Bomfim narra a construção da Espanha, mostrando a formação do reino português também, para demonstrar como mentalidades das colônias estavam interligadas à de ser uma nação submissa. Pois as ideias vendidas para as Américas ainda comungavam com o ideal ibérico. Segue abaixo o trecho em que Bomfim abre o capitulo intitulado "Parasitismo Heróico: O pensamento Ibérico".

> Foi assim que a Espanha se formou; não há que separar o pequeno reino português – a história é a mesma. Oito século de luta contra o sarraceno, e, depois, ela aparece organizada, vigorosa, intrépida, unificada, possuída de um pensamento único: "conquistar o mundo", diz um dos seus panegiristas. Sim. E se ela o queria conquistar é porque o movimento adquirindo a precipitava a isto; porque se habituara a viver exclusivamente do fruto das conquistas; porque não sabia outra coisa senão guerrear; porque cultivara intensamente, por onze séculos, os instintos guerreiros e agressivos, e guerrear se tornara para os homens uma necessidade orgânica; porque, em contato por oito séculos com árabe depredador e mercantil, tomara gosto ao luxo e à riquezas facialmente adquiridas; porque aprendera com ele a ter horror e repugnância ao trabalho normal, sedentário, verdadeiramente produtor: "vendo o soco de uma charrua em casa de medinense, Maomé disse-lhe: Nunca um tal objeto entra numa casa sem que nela entre ao mesmo tempo a vergonha". (...) Findou o primeiro período da vida da Espanha moderna – o período da guerra necessária, da conquista da pátria. Mas tão laboriosa e longa e intensa foi essa luta que os povos só tem um pensamento – conquista. (BOMFIM, 2005, 90-91)

3.2.4 Efeitos do Parasitismo sobre as novas sociedades

Não foi possível prever essas mutações das transições do século XIX - XX, mas, como decorrência, veio formular a identificação da nação em termos étnicos e de

linguagem. O indivíduo do estado passou a se identificar com outros que possuíssem a mesma "cor" e a mesma fala, em meio a isso, delimitava uma barreira para sua nação.

Os movimentos nacionalistas ganharam espaço cada vez maior na Europa. Esses envolviam particularidades, ou seja, pessoas pertencentes ao mesmo território com características em comum. A partir do momento em que começaram a achar um ponto em comum entre eles e uma relação com seu país, formaram uma só na nação. "(...) Dentro dos Estados-nação, longamente estabelecidos, as populações regionais começavam a mobilizar-se politicamente, como nações (...)" (Hobsbawm, 1988, p. 207).

Assim, os movimentos nacionalistas foram emergindo paulatinamente por diferentes grupos que procuravam algo em comum para se unirem. No começo, alguns dos movimentos não eram apoiados pelo povo. Apesar do incentivo, a nostalgia dada às pessoas que iriam emigrar e do plano de plantar um sentimento nacional terem dado certo, surgiram problemas para o Estado. O mesmo programa que incluía, excluía ao mesmo tempo. Quando os imigrantes chegavam às novas terras, por não possuir os mesmo hábitos acabavam sendo excluídos, favorecendo a formação de bairros dos estrangeiros, pois lá eles sentiam-se em "casa".

O programa do nacionalismo acabou por ganhar transformação e um novo sentido. A partir daí tomou-se a iniciativa de definir uma só língua para cada nação. Com uma só língua, as pessoas seriam capazes de se comunicar e se identificarem em qualquer lugar que fosse principalmente fora do Estado. O Estado assim, se pôs à "correção" das línguas do local que estavam assumindo.

O nacionalismo do Estado, quer o real ou (...) o inventado por conveniência, era uma estratégia de dois gumes foram elas a mobilização e a alienação dos habitante Hobsbawm (1988, p.214). Assim, homogeneizou a sociedade deixando ela com característica de uma nação formada. A alienação se deu em épocas de conflitos entre estados. Foram eles os benefícios dados aos que iam para guerra. Alienava-os dizendo que eles estavam lutando pela sua pátria, por uma causa, criando um xenofobismo contra os estrangeiros e homogeneizando cada vez mais o Estado.

Embora os países não considerassem as suas especificidades, as sociedades latino-americanas, por intermédio da dita modernização, tentavam encontrar algo comum. Ficou perfectível o massacre às tradições por essa "modernidade" circulante que apareceu como sendo a salvação e guinada para o progresso. Mas como analisa Richard (1999, p. 373), deixam de contrapor-se sob o signo da ruptura do antagonismo

entre o velho e o novo: a modernidade não chega para substituir a tradição, mas para se misturar com ela. E a ideia desse modernismo não passava de algo tenebroso, sem alteridades e sem identificação com o meio.

As sociedades por viverem numa ambiguidade, não se identificavam como sendo atores de uma coletividade, capazes de adentrar nas ideias universalistas. As instituições[83] tiveram um papel fundamental para manter uma ordem e tentar enquadrar os pensamentos. A época era propícia a desmistificar o que fosse dito "velho" ou "ultrapassado", construir modelos de identidade próprias e transformar cada sociedade numa nação aberta ao mundo.

Bomfim ao expor a teoria do parasitismo, com base nos "fatos e deduções", quis transpor o "princípio da casualidade"[84] – que os fatos antecedentes, são fenômenos sociais e um é a causa do outro[85]. Concebendo a sociedade como uma realidade a parte, de maneira objetiva, observando os fatos como estivesse sujeito às leis. O argumento evolucionista ganhou uma visibilidade até então não difundida no meio acadêmico, o médico, condenava diretamente a ideia da seleção natural, pois a teoria que via o mestiço entre as raças como responsável pela situação de atraso e decadência dos povos não justificava sua visão de mundo no tocante ao atraso das Américas.

Na sua ótica tinham deturpado a visão de Darwin no campo social e tentava demonstrar que as características psicológicas negativas e positivas dos negros, índios e brancos, identificando o caráter nacional com a "alma do povo" permanece invariável, apesar das mudanças históricas e das diferenças individuais. O "espírito" de cada povo é

[83] As instituições, pelo simples fato de reger a vida coletiva, controlam a conduta, estabelecendo padrões previamente definidos e canalizando-a numa direção específica. Este caráter controlador (e disciplinador) é inerente à institucionalização enquanto tal. Dessa forma, afirmar que uma concreta atividade individual ou coletiva (política, sexual etc.) foi institucionalizada, representa afirmar que tem sido finalmente submetida ao controle social (Berger &Luckmann, 2001).

[84] Para os embasamentos científicos, Comte compreendeu que teria de haver uma separação, a primeiro momento, da teoria a prática, pois as visões de mundo teriam de explicar o mundo social e estabelecer uma unidade consensual da nova ordem para adentrar a prática. Ao voltar para as disciplinas cientificas, Augusto identificou na sociedade três estágios de desenvolvimentos: o teológico (as explicações iam de reflexões as vontades arbitrarias de divindades), o metafísico (entendendo a compressão por entidades abstratas), ambas procurando sentidos hermenêuticos para o começo e o fim da essência dos fenômenos e o positivo (observação dos fenômenos eram submetidas às leis invariáveis e gerais da natureza).

[85] Os fenômenos sociais seriam passíveis de ser estudados como se fossem naturais e as ciências sociais. Ver SILVA em: Manoel Bomfim e a obra A América Latina: A dialética entre passado e presente.

diferenciado e dependente da inteligência, vontade, sentimento e imaginação. (SILVA, 2010, 52). A ideia de representação[86] nessa época estava ligada diretamente ao imaginário colonial, configurando a tentativa de desmistificação em quase todas as obras de Bomfim. Mostrar a natureza, a gênese de todo o processo de vários preconceitos da época foi seu maior embate.

Bomfim ao analisar o caso dos EUA, percebeu que a vida do continente americano se diferenciou pela crescente industrialização do Norte, despertando como a nação de grande "poder na vida das Américas". Uma vez que foram se convertendo de grande exportador de matéria primaria para potência industrial, conseguiram uma instabilidade nos mercados financeiros e estabilizaram a moeda. A partir da doutrina propalada pelo presidente norte-americano James Monroe (1817 – 1825), que pregava a não intervenção das nações européias na América, divergindo contra a corrente americanista, vemos o lema: "A América para os americanos" ser à base de negação de todo um passado colonial.

O sentimento nacionalista foi apoiado por toda essa doutrina que pregava uma super valorização em promover e estabelecer a tutela dos EUA sobre as nações latino-americanas[87]. O EUA se abriu para o mundo, as ideias pareciam se entrecruzarem e tudo justificava esse novo mundo de descobertas e de estereótipos europeus. O presente Jonh Knox Polk utilizou da doutrina para fazer seu Corolário, visando instrumentalizar e justificar todas as invasões sobre as Américas e demarcação do poderio. A nação nasce.

3.2.5 As novas sociedades

Nossa história passou a ser regida em um sentido de seguir, determinado por leis naturais e provenientes da própria natureza humana, caminhos para o desenvolvimento,

[86] "Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultados sempre de uma relação de força entra as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivando como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade." (CHARTIER, 1991, p. 183)

[87] Todo esse ideário foi concebido por intermédio do "Destino Manifesto", que tinha como arcabouço teórico a certeza de que o povo norte-americano fora predestinado por Deus a ocupar e colonizar as terras que se estendiam até o Pacífico, apregoando a predestinação dos EUA para empreender um processo civilizatório no mundo todo, sobretudo na América.

progresso e busca de conhecimento sem fim. O homem, ator principal da história, era a medida de reconhecimento para realização de sua natureza inviável, ao mesmo tempo em que a história não alterava a sua natureza humana, havia inclinações essenciais que estavam presentes desde a origem que não podia seguir caminhos opostos se não fossem em consonância ao progresso.

O estado passou pelas três fases que dominaram o cenário cientifico. O teológico, no qual as explicações do mundo estariam interligadas na vontade e escolha de uma pluralidade de divindades, a primórdio, depois na canalização e eloquência de um só Deus. Pois o espírito teológico foi sendo justificado pela fé incondicional e detrimento da razão e lógica humana. Toda teoria advinha da igreja e de seus sacerdotes que dominaram por muito tempo o cenário político e ofereceram toda a base para ordem feudal e militar.

Nessa perspectiva, o médico, procurava investigações humanas quanto à organização social uma primeira ideia de ordem, de sistema de concepções que correspondiam, explicava e justificava a ordenação do mundo social (SUPERTI, 1998, p.3). Mas todo sistema é passível de dúvidas e de novas compressões e interpretações, e como progresso da natureza humana, a organização foi se deteriorando dentro da ordem, dando espaço ao metafísico.

O segundo estado do desenvolvimento começou um questionamento profundo sobre os dogmas da fé, sendo colocada em xeque toda a base teológica, e dissolvendo a organização do seu saber no tocante ao fundamento e método, a metafísica foi uma ponte de transição para sistematizar o estado positivo. Embora o estado tenha sido capaz de oferecer aos homens uma primeira ideia de ordem social, ele, por sua própria natureza de saber irracional, não conseguiu sobreviver ao progresso do espírito humano em direção à razão (SUPERTI, 1998, p.3). O espírito metafísico gerou na sociedade uma ideia maior de incerteza e de transição, uma crise caracterizada pelo uso indiscriminado da razão humana.

Ordem e progresso. Foram as palavras chaves que consolidaram as ideias do sentimento nacional que tentava ser imposto dentro de cada sociedade colonizada. Uma unidade que se formou para explicar a racionalidade dos fenômenos naturais, como resultado de um conjunto estável e solitário de relações entre circunstâncias de produção, ou seja, de leis invariáveis, que uma vez reconhecidas deveriam ser aceitas como dogmas (SUPERTI, 1998 ,p.3). O espírito positivo construiu uma nova ordem subjugada na razão, condicionada a conceber o progresso, e assentada na história

direcionada pelas leis invariáveis do desenvolvimento humano, intelectual e material da humanidade.

O homem se tornava livre. O espírito positivo não só trouxe a ordem para a vida do homem, como também, a possibilidade da liberdade. Embora se limitasse a história, pois homens era incapazes de interferir no rumo dos acontecimentos, consistindo sua liberdade na compreensão e no emprego das leis naturais a seu serviço. Não podendo criar as leis naturais, mas podendo interferir e determinar a intensidade dos acontecimentos e mandar no próprio destino. O positivismo dominou a ciência por completo, desdobrando até um poder espiritual, remetendo a uma religião positivista, que representaria de fato, a base da nova ordem. Não se falava mais num positivismo uno e sim, positivismo(s).

O positivismo histórico, a exemplo, desenvolvido por Leopold Von Ranke, foi um reflexo direto da teoria colocada em prática. Definindo que os "documentos falam por si próprios", traçou um método que o historiador ao apresentar os "fatos" indicados pelos documentos estaria apreendendo o real, a perspectiva de juntar interpretações a possíveis hipóteses de fundo. O positivismo Rankeniano se ligou por caracterizar uma historiografia dedicada aos fenômenos políticos, isto é, os atos dos "grandes líderes" e à vida (política) das nações, sem dúvida aí incluídas as guerras (LACERDA, 2009, p. 327).

Considerações finais

As contribuições de Bomfim para educação foram além das ideias colocadas pelo seu contexto; sua formação em medicina o leva a exemplificar tais perspectivas em suas obras, vinculando suas pesquisas ao desenvolvimento da psicologia experimental, e das ideias das ciências da natureza. Foi, este, um pensador que se empenhou em mostrar a estrutura da sociedade brasileira e a formação do nacionalismo, como também, em adentrar nos pensamentos da quebra de padrões estabelecidos e ir além sobre as temáticas educacionais e ao futuro do Brasil.

O final do século XIX e inicio do XX marcaram o período da incerteza e das ideias de se repensar o Brasil. Bomfim, por fazer parte do ideário de libertação, viu na cultura da higiene a forma mais edificante para conduzir o país ao "progresso", nos moldes então vistos como civilizados. Criticando toda uma concepção das teorias raciais que dominaram toda a intelectualidade brasileira. "O autor criticava a compreensão das desigualdades sociais, para ele resultantes de condições históricas, como "expressão do valor absoluto das raças e das gentes" (GONTIJO *apud* BOMFIM, 2010, p. 21)

Bomfim, não ficou de lado, valorizou o saber científico, mas como sendo a base dos pressupostos ligados à formação de uma nação vindoura, onde haveria uma solução para realidade existente, bem como, aos problemas sociais. Sua vida se ligou diretamente a defender o lado oposto da teoria vigente, decidindo não economizar na erudição de seus textos para explanar uma educação falha e que a base seria a educação pública e básica, para assim, interligar na vida de todos os brasileiros conceitos de cidadania e de consciência social.

Valorizando como fundamentais alguns acontecimentos que na historiografia da transição tinha como fundos outros ideários, Bomfim propôs uma releitura da realidade histórica.

As ideias defendidas comungavam com concepções da psicologia vigente, incorporando a psicologia experimental nos seus estudos e práticas. Tentou solucionar os problemas do ensino, indo de acordo com a sociologia que refletia concepções de novas estruturas de como a sociedade poderia se comportar, juntamente com a ciência biológica, tendo como base experimentos, análises discursivas e observação sistemática. Termos como "raça", meio, mestiçagem, higiene, sanitarimos, foram alvos diretos na construção do País.

As ideias higienistas elevaram a forma de se observar como a nação estava sendo formada. Indo do conceito de degeneração biológica e moral ao discurso descomprometido para uma educação da miscigenação, Bomfim traspôs uma realidade evidente ao fazer parte da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)[88] à defesa da causa ao higienismo, pois tais ideias constituiriam um ideal na elevação do nível de saúde mental/moral na população brasileira. Ao se deparar com uma taxa de alfabetizados de menos de 10%, optou por saídas práticas a sua visão de mundo, vendo que a solução mais cabível seria a libertação da escola pública e seu livre acesso.

O progresso dominava suas teorias, desmaterializava ideários europeus falhos para constituição de uma nação que se abria para a redoma do novo e da ordem confusa. A escola se ocuparia de difundir a evolução moral para se formar homens que deveriam viver dentro de uma república democrática. Conscientizar faria parte e adquirir essa conscientização era tentar deixar pra trás o retrocesso que a colônia e o império tinham acarretado na história do Brasil.

Viu nos "pequenos" o poder de transformação. Delimitou que a fase da educação infantil seria a maneira mais óbvia para conseguir o progresso tão almejado. Nisso ganhou uma maior visibilidade ao respeitar as individualidades das crianças, demarcando espaço para uma aprendizagem mais livre e sem amarras do caráter autoritário e dogmático que se tinha na época. Fez desses estudos suas bases e o aprimoramento de tentar cessar um modelo educativo caracterizado por fazer homens submissos a uma sociedade expositora de verdades absolutas, soberania universalizante, e de imposição a uma ordem maior.

Bomfim viveu as mazelas de uma sociedade de transição, vinha de uma família que cresceu financeiramente e quis sair do engenho para viver o progresso que essa nova sociedade traria. Ao viver entre o império e a república, conseguiu traçar ideias de como as configurações sociais estavam expostas, fazendo um relato de ideias contrárias às ideias vigentes. Suas obras vão além do esperado, pois incorporam teorias de cunho que só seriam aceitas tempos depois. Abordou uma representatividade do coletivo e de identidades culturais diferenciadas, indo de encontro ao pequeno, excluído de uma sociedade que se ligava à ideia do progresso e da ordem, deixando tudo que não fosse classificável a mercê das teorias vigentes.

[88]Fundada em 1923, na cidade do Rio de Janeiro, pelo médico Gustavo Riedel, tinha como objetivo a incorporação por intermédio de programas, o melhoramento da higiene mental.Esse que seria um dos principais pontos para a solução do sistema educacional, no tocante do desenvolvimento de níveis expressivos a saúde da mente.

A Formação em medicina pode ser percebida em alguns termos utilizados ao longo da sua obra, como "sintomas", "remédios", "parasitas", "parasitadas", formulações que nos remete a ir ao entendimento da sua tese.

Sua tese esquecida e pouco revestida em torno de meio século, batia de frente com pressupostos de ideias elitistas, estas que fizeram parte do início do século XX, podendo citar, como exemplo, a tão propagada tese de que a mestiçagem provoca decadência da espécie. No linear de suas analises, Bomfim, criticou, reformulou e abrangeu tais prerrogativas dando novas perspectiva se olhares.

O parasitismo social integral aplicado nas políticas colônias de Portugal e Espanha refletiram sobre as fragilidades, fruto dos chamados males da América. O uso por Bomfim de tal analogia o leva a desenvolver a sua "*teoria do parasitismo*", cujo argumento central é o de que o "atraso brasileiro" se devia menos à composição racial do que ao caráter parasítico de espanhóis e portugueses transmitido às terras por eles colonizadas no Novo Mundo, que forçavam seus "hospedeiros" a sofrer um desenvolvimento defeituoso das várias funções naturais (SKIDMORE, 1976, p.46).

No Brasil a teoria de cunho biológico será transplantada para o meio social para explicar as relações de superioridade e inferioridade das classes econômicas do país, suas explicações de caráter científico fundamentam seu pensamento social sobre as reais condições da sociedade.

Para alguns analistas das obras de Manoel Bomfim, essa sua elocução carregada de biologismos que buscava dar conta da realidade social tinha ascendência nas ideias de Marx (AGUIAR, 2000, p. 156), outros, como Ventura (2002), afirma que Bomfim criou uma "teoria biológica da mais-valia", segundo a qual "o parasitismo produziria o gosto pela vida sedentária, que levaria ao esgotamento dos recursos e à decadência das sociedades." (VENTURA, 2002, p.243-244).

Na perspectiva mais abrangente de Bomfim, esta luta entre parasita e parasitado, estaria causando as mudanças históricas, mas no pensamento bomfiniano, esta sua maneira original de olhar ao redor de si (RIBEIRO *apud* BOMFIM, 2005), de buscar interpretar a realidade da América Latina, mais particularmente a brasileira, rejeitando "a noção pseudocientífica de superioridade das raças, atribuindo as diferenças e os graus de processos a fatores de ordem social e cultural." (CÂNDIDO, 1990, p. 12) faria a América dar um passo à frente.

REFERENCIA DO AUTOR (FONTE)

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem.* 1º ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1905. 2 º edição. Rio de Janeiro: A noite, 1938. 3º ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. Edição comemorativa do centenário de publicação do livro, a Topbooks republicou A América Latina: Males de origem em 2005.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido – tempo, vida e obra de Manoel Bomfim.* Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. "Um livro admirável". In: Bomfim, Manoel. O Brasil nação: realidade da soberania brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

ALVES FILHO, Aluízio. *Manoel Bomfim*: combate ao racismo, educação popular e democracia racial. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ALONSO, Ângela. Ideias em Movimento: A geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ANDERS, Armelle. "O Plutarco Brasileiro": a produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 25, p. 41-62, 2000.

ANDRADE, Luiz Cristiano Oliveira de. A narrativa da vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (c. 1630) Dissertação (mestrado) - Rio de Janeiro: Dissertação (mestrado) – UFRJ / IFCS / Programa de pós-graduação em história social, 2004.

ANDRADE, Yara Rodrigues de. (Im)possível nação: o Brasil de Manoel Bomfim e de Paulo Prado no inicio do século XX . 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ANHEZINI, Karina. Um metódico à brasileira: a história da historiografia de Afonso Taunay (1911-1939). São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

ARAUJO, Valdei Lopes de. A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Hucitec, 2008.

ARAUJO, Valdei Lopes de; MOLLO, Helena Miranda e NICOLAZZI, Fernando. (Org.) Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ARENDT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: _____. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000 [1954], p.69-126.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAGGIO, Kátia Gerab. A "outra" América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. 1998. Tese (Doutorado em História) – São Paulo: Depto. de História - FFLCH – USP, 1998.

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1839, p. 9 -18.

BARONI, Márcio Henrique de Morais. Manoel Bomfim: entre continente e nação. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Campinas, São Paulo, 2003.

BASBAUM, Leoncio. *A história sincera da república.* São Paulo: Editora Alfa – Omega, 1986.

BECHELLI, Ricardo Sequeira. Nacionalismo e Antirracismo em Manoel Bomfim. Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

_____. Nacionalismos anti-racistas: Manoel Bomfim e Manuel Gonzalez Prada (Brasil e Peru na passagem para o século XX). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BENTO. Luiz Carlos. *Teorico ensaista ou rebelde: a importancia do pensamento sócio-histórico de Manoel Bomfim para historiografia brasileira*. Artigo: 2010.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade.* Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

BERTONHA, Ivone. Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido. 1981. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1981.

BILAC, Olavo; Bomfim, Manoel. Através do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin.* 2 ed. São Paulo: Unesp, 2000.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América: Característica da formação brasileira* 2 Ed- Rio de Janeiro Topbooks 1997

_____. *Brasil Nação: realidade da soberania nacional*. 2º ed.- Rio de Janeiro: Topbooks 1996.

_____. O *Brasil na História: Deturpação das tradições, degradação política.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BOMILCAR, Álvaro. A América Latina. In: A política no Brasil ou nacionalismo radical. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurílio, 1921.

BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução:* atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UNICAMP/Dep. de Sociologia, Campinas, 1997.

BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Edusp, 1991.

_____. *Uma história da intimidade*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

CÂNDIDO, Antônio. "Radicalismos". *Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, vol.4, n.8, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas.* O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topói*. Rio de Janeiro, nº1, p. 123-152, UFRJ, set. de 2000.

CEZAR, Temístocles. Como deveria se escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. Lição sobre a escrita da história historiografia e nação. Diálogos, DHI/UEM,v.8, N.1, p11-29, 2004.

_____. Narrativa, cor local e ciência: notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p.11-34. jul./dez.
2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

_____. *O mundo como representação.* Estudos Avançados, São Paulo, 1991. Texto publicado com permissão da revista Annales (NOV – DEZ. 1989, Nº 6).

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História*. São Paulo: Editora ArtMed, 2001.

_____. *À beira da falésia:* a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS, 2002.

_____. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Escutar os Mortos com os Olhos*, Revista Estudos Avançados/ USP, n 69, 2010.

CHACON, Vamireh. História das ideias socialistas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CHIBENI, Silvio Seno. *Kuhn e a estrutura das revoluções científicas*. Notas de aula elaboradas em 1990 e revistas em 2004. UNICAMP. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni>. Acesso em: 11/03/2014.

COSTA, Angela Marques da. SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1990 – 1914: No tempo das certezas / coordenação Laura de Mello e Sousa, Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viottida. *Da Monarquia à República*: *momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo: Editora Grijalbo, 1977.

_____. *A abolição*. São Paulo: Editora UNESP, 2008

COSTA, Jean Carlos de Carvalho. *Nação, estado e raça em Manoel Bomfim: a "impertinência" bomfiniana em torno da identidade nacional*. Cronos, Natal – RN, v.9, p. 417 – 438, jul./dez. 2008.

COSTA, João Cruz. Augusto Comte e as origens do positivismo. Origem da filosofia e da política de Augusto Comte. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1959.

CRUZ, José Vieira da Cruz. JÚNIOR, Antonio Bittencourt (Organizadores). Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

DE SWAAN, Abram. *In Care of the State. Health Care, Education and Welfare in Europe an USA in the Modern Era.*Cambridge: Polity Press, 1988.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962.

FAUSTO, Boris. *Expansão do café e Política Cafeeira*. História Geral da Civilização Brasileira, Rio do Janeiro: Bertand Brasil, 1997.

_____. *História de Brasil*. 8. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FREUD, Sigmund. El Moisés de Miguel Angel (1914). In: _____. *Psicoanalisis aplicado*: ensayossobrelaapricacióndelpsicoanálisis a la literatura, el arte, lareligion, la mitologia, la guerra y lapaz.Trad. Ludovico Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1954. (Obras completas, v. 23).

_____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. In: Edição Eletrônica das"Obras Completas de Freud". Trad. Jayme Salomão. –São Paulo: Imago, 2000. vol.
XV, Conferência II.

GADEA, Carlos. *Dinâmica da modernidade na América Latina: sociabilidades e institucionalização*. Topoi, v. 8, n. 15, 2007.

GIAROLA, Flávio Raimundo. Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico, 2010. Disponível em: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#_ftn1

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais:* morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção 'Memória e Sociedade'. – Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, "pensador da história" da primeira república. Revista de história – dossiê oficio do historiador. São Paulo: ANPUH, vol. 23, n. 45, 2003.

_____. Coleção Educadores – Manoel Bomfim. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010;

_____. *Manoel Bomfim (1868 – 1932) e O Brasil na História*. 2001.
Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.

_____.Manoel Bomfim, "pensador da História" na Primeira República. In: *Revista Brasileira de História.* São Paulo: ANPUH/Humanitas, Publicações, vol. 23,n.º 45, 2003.

_____. O cruzado da inteligência: Capistrano de Abreu, memória e biografia. *Anos 90.* Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 41-76. 2007.

GUIMARÃES, Lúcia M. P. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial*: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *RIHGB,* Rio de Janeiro, a. 156, n. 388, p.510-512, jul./set. 1995.

_____. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, Niterói (RJ), v. 9, n. 18, p. 147-170, 2005.

_____.*Da escola palatina ao silogeu:* Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; GLEZER, Raquel (orgs.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

GUIMARÃES, Manoel L. S. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural:* experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. Entre o amadorismo e o profissionalismo: o Instituto Histórico de Paris no século XIX. In: XXI Simpósio Nacional de História, 2001, Niterói. *Livro de resumo* - XXI Simpósio Nacional de História. Niterói: Associação Nacional de História, 2001. v. 1. p. 59-60.3

_____.Entre as Luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no período oitocentista. In: _____. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006. p. 68-85.

_____. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*. Revista de História e Geografia. Dossiê Historiografia e Escrita da História, v. 11, n. 1, p. 31-47. Jan./jun. 2005.

_____. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Trad. Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: EdUERJ; Anpuh, 2011.

_____. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p 5 a 27, 1988.

_____. Uma história da história nacional: textos de fundação. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Org.*). História social da língua nacional*. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 393-413.

HOBSBAWM, Eric. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Ecos da Marselha*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *A era do capital: 1848-1875*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. 3 ed. Rev. e amplia. São Paulo: Brasiliense, 2004.

IGLESIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil.** Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Augusto Comte e o "positivismo" redescobertos. Rev. Sociol. Polit. vol.17 n.34 Curitiba Oct. 2009. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782009000300021

LANZARA, Arnaldo Provasi. *A Construção Histórica do Estado Social no Brasil e no Chile:Do Mutualismo ao Seguro*. Rio de Janeiro: 2012. Tese de doutorado.

LEITE, Dante Moreira Leite. *O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia*. 7 ed. São Paulo: Unesp, 2007.

LIMA, Junio Cesar Rodrigues. *Roger Chartier, o universo simbólico e a escrita da história.* Revista Eletrônica da Antiguidade nº II, ano IV, 2001.

KUHN, T. S. The structureofscientificrevolutions. Chicago: University of Chicago Press, 1975. Utilizamos duas versões da obra. Uma de 1970 e a outra de 1975. Fazemos também analogia ao ano de publicação nos Estados Unidos (1962).

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história." Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, [Trad. das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, MARIA CRISTINA GOMES. O Projeto de Rui Barbosa: O papel da educação na modernização da sociedade. Campinas: UNICAMP, 1999. (Tese de doutorado)

MAGNOLI, Demétrio. Uma gota de Sangue: História do Pensamento Racial. São Paulo: Contexto, 2009.

MAIOR, Laércio Souto. Introdução ao pensamento de Manoel Bomfim: o discurso da modernidade no alvorecer do século XX. São Paulo: Instituto Mário Alves de Estudos Políticos, 1993.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Tempo Saquarema. 5ªedição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MATHEUS, Renato Fabiano. *A estrutura das revoluções científicas: resumo crítico detalhado.* Abril: 2005. Disponível em: <http://www.rfmatheus.com.br/doc/revolucaocientifica2.3pdf>. Acesso em: 10/03/2014.

MENZIES, Simon. Ideologia Genética. "Observações sobre a biologización de la sociologia". In: Revista Sociológica. Ano 1, n. 1, 1986.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. *Os salões da belle époque: uma leitura de madame Pommery, de Hilário tácito.* UNINCOR:Recorte - revista eletrônica, ANO 9 - N.º 1, 2012.

NUNES, Maria Thétis. Manoel Bomfim: Pioneiro de uma ideologia nacional. Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

OLIVA, Terezinha Alves. O pensamento Geográfico em Manoel Bomfim. Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. Advento da modernidade. *Revista Lua Nova*, n. 20, p. 19-30, 1990.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação. As Origens da Nossa Época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

POLIAKOV, Léon.. O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

REIS, José Carlos. Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática. In: REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda? Rio de Janeiro: FGV, 2005. p.183-239. v.2.

_____. **Esperança e Frustração: A república brasileira soberana e democrática em Manoel Bomfim**. In: Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

_____. "Manoel Bomfim e a identidade nacional brasileira", In: LOPES, MA (org.) **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: contexto, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro:* A formação e o sentido do Brasil. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina*: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 11-22.

Richard, Nelly. *Latinoamérica y laposmodernidad*. Revista La Torre*:* Universidad de Puerto Rico, n 12, Puerto Rico, 1999.

ROMERO, Silvio. **A América Latina***:* análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim. Porto: Livraria Chardron de Lello& Irmão, 1906.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem Burguesa e liberalismo político*, São Paulo: Livraria duas cidades, 1978.

SANTOS, Alessandra S. "Como e por que se deturpou a História Escrita por Manoel Bomfim". In: Cronos, nº 8. Pedro Leopoldo/MG: Faculdade Pedro Leopoldo, Abril/2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

_____. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, José Maria de Oliveira. ***Manoel Bomfim e a obra A América Latina: A dialética entre o passado e o presente***. In: Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

_____. **Da Educação à revolução:** radicalismo republicano em Manoel Bomfim. São Paulo: FFLCH/UDP, 1991. (Dissertação)

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____.**O Brasil visto de fora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOUZA, Jessé. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In: SOUZA, Jessé (Org.). **O malandro e o protestante**: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Editora UNB, 1999.

_____. **A modernização seletiva**: uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora UNB, 2000.

SUPERTI, Eliane. *O positivismo de Augusto Comte e seu projeto Politico*. São Paulo: 1998. (dissertação de mestrado)

TONON, Marina Rodrigues. Reinventando o Brasil: Manoel Bomfim e a crítica à historiografia brasileira. Assis: 2014. (dissertação de mestrado)

VALLADARES, Eduardo. *A educação anarquista na república velha.* Verve, 7: 153-177, 2005. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5024/3566

VENTURA, Roberto. *Introdução ao Brasil – Um banquete no trópico*. 1ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.